

JOANA PAULIN ROMANOWSKI

NECESSIDADES EDUCACIONAIS DAS COMUNIDADES DE PERIFERIA URBANA

Implicações nas Proposições Curriculares

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre, no curso de Pós-Graduação em Educação, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1 9 8 5

NECESSIDADES EDUCACIONAIS DAS COMUNIDADES
DE PERIFERIA URBANA
IMPLICAÇÕES NAS PROPOSIÇÕES CURRICULARES

por

JOANA PAULIN ROMANOWSKI

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito parcial para a ob-
tenção do grau de mestre, no curso
de Pós-Graduação em Educação, do
Setor de Educação da Universidade
Federal do Paraná.

ORIENTADOR:

Profª HELOÍSA LÜCK

Curitiba, fevereiro de 1985.

ORIENTADOR

HELOÍSA LÜCK

Doutor em Educação
Columbia University

Professor Adjunto
Universidade Federal do Paraná

À

Germegildo e Alba
de quem sou

Luiz Roberto
com quem sou

Maurício
por quem sou.

Meus agradecimentos:

À professora
HELOÍSA LÜCK, que acompanhou e orientou
este trabalho, com zelo e dedicação.

À Escola Municipal Albert Schweitzer que
estimulou este trabalho.

Às professoras Ginilda de Almeida Torres
e Rose Mari Cristiano Zanlorenzi que revi
saram o texto.

Ao professor Salézio Antonio Pereira cuja
crítica contribuiu na proposição das
idéias.

Aos meus professores e todos aqueles que
contribuíram para que este estudo pudesse
ser realizado.

SUMÁRIO

	PÁG.
LISTA DE TABELAS	xii
RESUMO	xvii
SUMMARY	xix
I APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	01
1 INTRODUÇÃO	02
2 OBJETIVOS	10
3 PRESSUPOSTOS	11
II NECESSIDADES EDUCACIONAIS E O CURRÍCULO ESCOLAR . .	12
1 SIGNIFICADO DE NECESSIDADE	13
2 ORIGEM DAS NECESSIDADES	14
3 MANIFESTAÇÕES DAS NECESSIDADES	16
4 MANIFESTAÇÃO DAS NECESSIDADES EDUCACIONAIS . .	17
4.1 Necessidades Educacionais Centradas nos Aspectos Sociais e Econômicos	18
4.1.1 Necessidade de Socialização	19
4.1.2 Necessidade de Cultura	19
4.1.3 Necessidade de Comunicação	21
4.1.4 Necessidade de Ocupação e Traba- lho	24
4.1.5 Necessidade de Atualização	25
4.2 Necessidades Educacionais Centradas nos Aspectos Psicológicos	27

4.3	Necessidades Educacionais centradas nos Aspectos Biológicos.	31
4.3.1	Necessidades Ligadas à Conservação da Saúde.	32
4.3.2	Necessidades Ligadas à Prática de Hábitos de Higiene.	32
5	RELAÇÕES ENTRE NECESSIDADES EDUCACIONAIS E O CURRÍCULO ESCOLAR.	32
5.1	Considerações sobre o Significado de Currículo.	32
5.2	Propostas Curriculares Direcionadas a Necessidades Educacionais.	36
5.3	Vantagens do Currículo Centrado em Necessidades Educacionais.	38
5.4	Limitações do Currículo Centrado em Necessidades Educacionais.	39
5.5	Determinação das Necessidades Educacionais para o Planejamento e Desenvolvimento do Currículo.	41
III	ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS, EDUCACIONAIS, PSICOLÓGICOS E DE SAÚDE DA POPULAÇÃO DE PERIFERIA URBANA.	43
1	SIGNIFICADO DE PERIFERIA URBANA E AUMENTO DE SUA POPULAÇÃO.	45
1.1	Fatores que Contribuem para a Situação de Marginalização Social das Populações de Periferia Urbana.	48
2	DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA POR FAIXA ETÁRIA.	51
3	SITUAÇÃO DE SAÚDE DA POPULAÇÃO BRASILEIRA.	54

4	SITUAÇÃO DE ESCOLARIZAÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA.	58
5	SITUAÇÃO ECONÔMICA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA	65
5.1	Rendimento Mensal.	65
5.2	Relação entre Nível de Escolaridade e Salário.	68
6	SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA E EDUCACIONAL DA POPULAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA E CIDADE DE CURITIBA.	70
6.1	Dados Gerais da População.	70
6.2	Tamanho Médio da Família Curitibana.	72
6.3	Situação Econômica da População da região Metropolitana de Curitiba.	74
6.3.1	Rendimento Mensal.	74
6.3.2	Renda Média da População de Curitiba.	75
6.3.3	Relação entre Número de Anos de Estudo e Rendimento Mensal da região Metropolitana de Curitiba.	77
6.4	Situação de Escolaridade da População da região Metropolitana de Curitiba.	78
6.4.1	Alfabetização da População da região Metropolitana de Curitiba	78
6.4.2	Situação de Escolaridade da População da Cidade de Curitiba.	80
6.4.3	Evasão Escolar da População de Curitiba.	84
6.4.4	Anos de Estudo da População de Curitiba.	85

6.5	Utilização da Televisão e Livros pela Po- pulação da região Metropolitana de Curi- tiba.	86
7	SITUAÇÃO RELATIVA AOS ASPECTOS PSICO-CULTURAIS DA POPULAÇÃO BRASILEIRA.	88
7.1	A Linguagem.	88
7.2	Utilização dos Meios de Comunicação So- cial.	91
7.3	Hábitos e Atitudes.	91
7.4	Valores.	93
7.5	Desenvolvimento Emocional.	93
8	COMENTÁRIO CONCLUSIVO.	94
IV	METODOLOGIA DO ESTUDO.	96
1	DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO.	97
1.1	A Vila Nossa Senhora da Luz.	98
1.2	Dados sobre a Escola Municipal Albert Schweitzer - Ensino de 1º Grau.	99
1.2.1	Caracterização da Comunidade Es- colar.	99
1.2.2	Recursos Humanos da Escola	99
1.2.3	Aspecto Físico da Escola.	100
1.2.4	Aspectos Históricos da Escola.	101
1.2.5	Aprovação, Evasão e Repetência dos Alunos.	101
2	SELEÇÃO DA AMOSTRA.	103
3	COLETA DE DADOS.	103
4	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.	104
5	PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NO TRATAMENTO DOS DADOS.	106

6	LIMITAÇÕES DA PESQUISA.	107
V	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.	108
1	CARACTERIZAÇÃO DA CLIENTELA.	109
1.1	Grau de Parentesco dos Entrevistados com o Aluno.	109
1.2	Tempo de Moradia dos Entrevistados, no Bairro.	110
1.3	Ocupação do Pai e da Mãe dos Alunos. . .	111
1.4	Renda Familiar dos Entrevistados. . . .	115
1.5	Escolaridade dos Pais dos Alunos. . . .	116
1.6	Número de Filhos das Famílias do Estudo.	117
1.7	Situação Escolar dos Filhos das Famílias	119
1.7.1	Número de Filhos que Estudam e Indicação do Grau de Escolarida- de.	119
1.7.2	Motivos da Desistência Escolar dos Filhos e sua Ocupação Atual.	120
1.7.3	Número de Filhos que Concluíram Algum Curso.	122
1.7.4	Continuidade Escolar dos Filhos.	123
1.8	Expectativa dos Pais quanto ao Futuro dos Filhos.	123
1.9	Utilização dos Meios de Comunicação e Bens Culturais.	131
1.9.1	Inferência em Relação à Utiliza- ção dos Meios de Comunicação So- cial	135
1.10	Utilização de Livros.	136

1.11	Síntese sobre a Caracterização Sócio-ecô- mica-cultural da Clientela.	137
2	OPINIÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS SOBRE A IMPOR- TÂNCIA DO CONTEÚDO CURRICULAR DESENVOLVIDO NA ESCOLA.	139
2.1	Atribuição de Importância aos Conteúdos.	139
2.2	Opinião dos Pais ou Responsáveis quanto aos Conteúdos Relacionados a "saber" e a "saber fazer".	144
2.3	Opiniões dos Pais ou Responsáveis sobre os Conteúdos por Área de Ensino.	145
2.4	Sugestões de Conteúdos Propostos pe- los Pais.	148
VI	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.	150
1	CONCLUSÕES.	151
2	RECOMENDAÇÕES.	156
	ANEXO	161
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	169

LISTA DE TABELAS

TABELA	PÁG.
1 - Demonstrativo do índice de aprovação, reprovação e desistência da Rede de Ensino Municipal de Curitiba no ano de 1979 a 1983.	06
2 - Matrícula final da Rede Municipal de Ensino de 1980 a 1983.	07
3 - Distribuição espacial da população paranaense por zona urbana e rural de 1940 a 1980.	47
4 - Distribuição das famílias, discriminada por região metropolitana, segundo a participação na renda familiar.	49
5 - Distribuição da população brasileira por faixa etária.	53
6 - Índices de consumo de calorías diárias da população da região Sul do Brasil.	57
7 - Situação de escolarização da população brasileira de cinco anos de idade ou mais.	60
8 - Distribuição da população brasileira por anos de estudo.	61
9 - Situação de escolaridade da população do Estado do Paraná com cinco anos de idade ou mais.	62
10 - Distribuição das pessoas de 10 anos de idade ou mais, segundo os anos de estudo, no Estado do Paraná.	63

11 - Distribuição de pessoas que nunca freqüentaram a escola no Brasil, de acordo com o motivo apresentado.	65
12 - Distribuição das pessoas com 10 anos de idade ou mais, por nível de rendimento mensal, no Brasil e no Estado do Paraná.	66
13 - Distribuição da população brasileira de 10 anos ou mais segundo as classes de rendimento mensal.	67
14 - Distribuição da população economicamente ativa na Região Sul do Brasil, por nível de renda e tempo de estudo.	68
15 - Distribuição da população de 10 anos de idade ou mais, economicamente ativa no Brasil, segundo a renda mensal e grau de estudo.	69
16 - Distribuição da população da região Metropolitana de Curitiba, por faixa etária.	71
17 - Distribuição das famílias nos bairros de Curitiba, de acordo com o número de pessoas que as compõem.	73
18 - Distribuição da população de 10 anos de idade ou mais da região Metropolitana de Curitiba de acordo com o rendimento mensal.	74
19 - Distribuição da renda média familiar dos bairros de Curitiba.	76
20 - Distribuição das pessoas ocupadas da região Metropolitana de Curitiba de acordo com os anos de estudo e rendimento mensal.	78

21 - Distribuição da população de cinco anos de idade ou mais, da região Metropolitana de Curitiba, segundo os índices de alfabetização.	79
22 - Distribuição da população de Curitiba, por bairro, segundo a escolaridade.	81
23 - Distribuição das pessoas com sete anos de idade ou mais que não freqüentam o curso regular, mas concluíram pelo menos a 1ª série do 1º grau, por grupo de idade, da região Metropolitana de Curitiba.	84
24 - Distribuição da população de sete anos ou mais segundo os anos de estudo da região Metropolitana de Curitiba.	85
25 - Número de horas que os estudantes de sete a 18 anos assistem televisão por dia, da região Metropolitana de Curitiba.	86
26 - Distribuição da população de sete anos de idade ou mais, por grau de instrução e número de livros possuídos, na região Metropolitana de Curitiba .	87
27 - Índice de aprovação, evasão e repetência dos alunos da Escola Municipal Albert Schweitzer. .	102
28 - Grau de parentesco dos entrevistados com o aluno	110
29 - Tempo de moradia dos entrevistados no bairro. .	111
30 - Ocupação dos pais dos alunos.	113
31 - Ocupação das mães dos alunos.	114
32 - Renda familiar dos entrevistados	115
33 - Grau de escolaridade dos pais.	116
34 - Número de filhos por família da amostra.	117
35 - Cálculo da média de filhos por família	118

36 - Cálculo da média do salário total aproximado recebido pela família mensalmente.	119
37 - Situação dos filhos quanto à frequência de curso	120
38 - Motivo da desistência escolar dos filhos. . . .	121
39 - Atividade exercida pelos filhos que desistiram de estudar.	122
40 - Número de filhos que concluíram curso.	122
41 - Expectativa dos pais com relação à atividade dos filhos, quando estes completarem 18 anos. . . .	124
42 - Expectativa dos pais ou responsáveis quanto à escolha de curso para os filhos.	126
43 - Profissão que o pai ou responsável escolheria para os filhos.	128
44 - Atribuição de importância pelos pais à escolaridade.	129
45 - Expectativa dos respondentes quanto à qualidade do preparo escolar, segundo o sexo dos filhos. .	130
46 - Indicação de leitura de jornal pelos pais ou responsáveis.	131
47 - Indicação do jornal lido.	132
48 - Indicação de leitura de revista pelos pais ou responsáveis.	132
49 - Tipo de revista lido.	133
50 - Índice de audiência de rádio e televisão pelos pais.	134
51 - Programa ouvidos ou assistidos no rádio e na televisão, pelos informantes.	134
52 - Livros possuídos pela família.	137
53 - Índices de importância, atribuídos pelos pais ou responsáveis, por conteúdos.	142

54 - Índice de importância atribuído pelos pais ou responsáveis, aos conteúdos referentes ao "saber" e ao "saber-fazer".	145
55 - Número médio de atribuição de importância pelos pais ou responsáveis aos conteúdos e áreas de estudo.	147

RESUMO

O presente estudo objetivou analisar as necessidades educacionais da clientela escolar da periferia urbana e as implicações das mesmas com a proposição curricular levada a efeito pela escola localizada na periferia.

As questões norteadoras do estudo direcionam-se no sentido de identificar quais são as necessidades e expectativas da clientela urbana em relação ao processo educativo levado a efeito pela escola e que conteúdos dos currículos escolares coincidem com tais necessidades e expectativas.

Detectou-se no referencial bibliográfico que as necessidades educacionais destas comunidades relacionam-se com as necessidades sociais, econômicas, psicológicas e culturais, englobando conteúdos voltados ao desenvolvimento da linguagem, utilização dos meios de comunicação de massa, preparo para o trabalho, hábitos à conservação da saúde e higiene, atitudes e hábitos valorizados socialmente, aquisição do saber mais elaborado.

Quanto às necessidades e expectativas das comunidades de periferia urbana, investigou-se junto a cinquenta (50) pais da Escola Municipal Albert Schweitzer, localizada na periferia de Curitiba, quais conteúdos são considerados importantes e necessários de serem aprendidos na escola. Dos resultados se depreendeu que o currículo escolar de 5ª a 8ª série deve enfatizar o "saber" e o "saber-fazer", considerando os conteúdos

voltados ao trabalho, os vinculados à vivência como linguagem, saúde e religião, não devendo deixar de abordar a socialização e os conteúdos direcionados ao domínio das ciências matemáticas, físicas e biológicas.

Em relação às expectativas dos pais quanto ao grau de escolaridade a ser atingido pelos filhos, ficou evidente a indicação do grau universitário, o que não vem se concretizando, pois grande parte dos alunos desistem durante o 1º grau ou não continua sua escolaridade após a conclusão do mesmo. Também evidenciou-se que a desistência é motivada principalmente por problemas de ordem financeira, sendo que a maioria deles trabalha, e mesmo a expectativa dos pais é de que os filhos ao completarem dezoito (18) anos, trabalhe e estude ao mesmo tempo.

Ainda verificou-se que os pais consideram a escola como um dos meios de melhoria de condição de vida, implicando portanto que a escola deve procurar aproximar-se da comunidade a que serve, buscando desenvolver na praxis um currículo direcionado às necessidades educacionais da clientela.

Desta forma o currículo deve enfatizar conteúdos da vida diária contribuindo no desenvolvimento de comportamentos, hábitos e habilidades valorizados socialmente.

A utilização das experiências vivenciais permite a sistematização das mesmas ao mesmo tempo que se estabelecem relações com os conteúdos do "saber elaborado".

SUMMARY

The present study aimed to analyse the educational necessities of the outskirts students and their implications with the curriculum proposed by outskirts school.

The questions proposed by this study aim to identify which are the needs and expectations of the outskirts students in relation to the educational process adopted by its school as well as which contents of the curriculum coincide with these needs and expectations.

The bibliographical references showed that the educational needs of this population are related with social, economical, psychological and cultural needs; including items related to the development of the language, the use of the communication means, preparing the students to work, to acquire health habits, attitudes and habits socially accepted and the acquisition of more elaborated knowledge.

A study was carried out with 50 parents of students of Albert Schweitzer Elementary School in order to identify the students needs and parents expectations about their children's education and which contents they feel necessary to be provided by the school.

The results obtained showed that the curriculum from 5th to 8th grade must emphasize the "knowledge" and "know how to do" considering the contents related to labour, those linked to life in community as language, health and religion,

including however the socialization and the contents directed to the domain of Mathematics, Physics and Biology.

In relation to the parents' expectations with regard to the scholastic level to be reached by the children, it was evident that they wish them to obtain the university degree, what does not happen, for most part of the students abandon school not concluding even the 8th grade, or just do not go on studying after the conclusion of the elementary course.

It was also demonstrated that the dropout is mainly a consequence of financial problems. The majority of the students must have a job and even the parents expect that at the age of eighteen years old, the children begin to work and go on studying at the same time.

The present study also demonstrated that the parents consider school as a means to obtain a better life. This implies therefore, that school must reach the community which serves, trying to develop in the praxis a curriculum directed to the educational needs of the students.

So, the proposed curriculum must emphasize the daily life contents helping in the development of the behaviour, habits and abilities accepted by the society.

The utilization of the experiences of life permit the systematization of these experiences, establishing at the same time relations with the contents of the elaborated knowledge.

CAPÍTULO I

I APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira tem sofrido um processo de aceleração urbana acentuado em função da transformação industrial nos grandes centros.

Cada vez mais a população rural procura as cidades, na busca de melhores oportunidades de vida, o que a leva a deslocar-se da área rural, pois, via de regra, é aí desatendida em suas necessidades de saúde e higiene e necessidades sócio-culturais.

Na transferência da zona rural para a urbana, conforme Ferreira¹ afirma, esta população precisa adaptar-se a um estilo de vida diferente, muitas vezes em contradição com o que estava acostumado em sua terra. Entre os problemas que enfrenta nas metrópoles, situa-se o de emprego, dado o despreparo profissional desta população em relação às maiores exigências do trabalho na indústria e no comércio.

Este despreparo leva o indivíduo a prestar serviços como servente, vigilante noturno e/ou ajudante de obra na construção civil, cujo salário oscila em torno do mínimo ou abaixo dele.²

1. FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. Integração entre fatores biológicos, sócio-econômicos e culturais no desenvolvimento mental e desempenho escolar da criança desnutrida. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas. 29:37-46. jun./79.

2. BALDIJÃO, Carlos Eduardo Malhiado. A desnutrição e o processo de acumulação de capital. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas. 29:49-53. jun./79.

Além disso, grande parte da população advinda da zona rural para os grandes centros fica sujeita ao desemprego, ou ao subemprego, submetendo-se a ocupações tais como catadores de papel no lixo, lavadores de carro nas ruas, quando não passam para o exercício da mendicância, tendo em vista que o número de vagas existentes no mercado de trabalho, na indústria e no comércio, é inferior ao número de pessoas que delas necessitam, restringindo a oportunidade de emprego destas populações nas grandes cidades.³

É importante observar que a grande maioria desta população, via de regra, é constituída por famílias de prole numerosa. Assim, os componentes destas famílias não conseguem satisfazer suas necessidades básicas de vida, dado o despreparo profissional, a pouca oportunidade de emprego e o baixo salário, o que reforça cada vez mais sua condição de pobreza.

Como consequência, as crianças destas famílias apresentam problemas no seu desenvolvimento físico-emocional e cultural, devido à defasagem no atendimento de suas necessidades básicas.

A respeito disso, conforme Carneiro e Lück⁴, "pesquisas recentes apontam a existência, no país, de cerca de 30 milhões de menores carentes, sem as condições mínimas de: saúde, habitação, alimentação, educação".

Estes menores, na grande maioria, vão constituir a clientela das escolas situadas na periferia das grandes cidades; geralmente apresentam deficiências em seu desenvolvimento

3. BALDIJÃO, op. cit.

4. CARNEIRO, Dorothy Gomes e LÜCK, Heloísa. Disfunções psicossociais do menor carente. Curitiba, Imprensa Oficial, 1981. p. 62.

físico, social, psicológico e cultural.

Pesquisas⁵ levadas a efeito, com crianças desfavorecidas economicamente têm demonstrado que a falta de alimentação adequada, de estimulação social, afetiva e cultural, de atendimento na área de saúde e higiene, de habitação adequada, ocasiona deficiências na socialização, no desenvolvimento mental, sensorial, emocional, perceptivo, biológico, e ainda, aumenta a probabilidade de aquisição de várias doenças, o que em conjunto provoca uma deficiência na escolarização.

Com efeito, estas crianças compõem a clientela das escolas localizadas nas zonas periféricas das grandes cidades.

A cidade de Curitiba pode ser incluída nas que têm apresentado esta problemática.

Os "bolsões de pobreza" proliferam na periferia urbana e apresentam deficiências nas suas condições de renda, moradia, higiene e saúde, alimentação, vestuário, relações familiares e sociais.

Em relação à renda, os dados abaixo demonstram a situação em Curitiba: 27,4% das famílias da cidade situam-se numa faixa de renda mensal entre 1 a 3 salários; e outros 27,1% situam-se numa faixa de renda mensal de 3 a 5 salários, totalizando 54,5% da população com renda relativamente baixa⁶ e 20% da clientela escolar das escolas municipais é pertencente a famílias de renda de até um salário mínimo regional; e 40% na

5. Consultar Cadernos de Pesquisa, 7, jun./63, 27, dez./78; 29, jun./79, 32, fev./80, 33, mai./80. FUNABEM, Fundação Nacional do Bem Estar do Menor. "O menor - problema social" no Brasil, 1976.

6. INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. Projeto CURA. Curitiba, 1979.

faixa de 1 a 3 salários.⁷

Uma vez que tais deficiências interferem no desenvolvimento físico, emocional, social e cultural da população destes "bolsões", a clientela escolar proveniente desta situação chega, portanto, sem condições de participar com eficiência do processo educacional desenvolvido pela escola.

Estas evidências podem ser verificadas nos:

- comentários e depoimentos, efetuados em reuniões, conselhos de classes, pelos envolvidos no processo educacional, que se referem a temas tais como: baixa frequência às aulas, desinteresse dos alunos, falta de responsabilidade com as tarefas escolares, pouco aproveitamento durante as aulas, indisciplina, falta de material escolar, apatia, dificuldade de entendimento dos conteúdos abordados;

- resultados do aproveitamento escolar dos alunos da rede municipal de ensino que revelam uma percentagem de aproximadamente 30% de insucesso escolar, isto é, 30% dos alunos aproximadamente desistem durante o ano letivo ou são reprovados; a Tabela 1 demonstra os índices desta situação nos últimos anos na Rede Municipal de Ensino,

- também há uma perda de uma série para outra, ou seja dos 12.073 alunos que frequentaram a 1ª série em 1980, em 1981 25% não frequentaram a 2ª série, pois a matrícula final indicou 9.673 alunos (75% em relação a 1980 a 1ª série), destes mesmos 12.073 alunos de 1ª série em 1980, em 1982, 8.754 alunos frequentaram a 3ª série (73% do total inicial). Houve portanto, uma perda de 27% de alunos da 1ª para a 3ª série, e em 1983,

7. PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Serviço de Atendimento ao Estudante, 1982.

freqüentaram a 4ª série 7.586, 63% do total inicial de 1980, ocorrendo uma perda de 37% de alunos da 1ª para a 4ª série.

O mesmo fenômeno ocorre de 5ª a 8ª série, pois dos 1.286 alunos que freqüentaram a 5ª série em 1980, em 1981, 81% estiveram na 6ª série, (1.040 alunos); em 1982, 60% freqüentaram a 7ª série e em 1983, 46% freqüentaram a 8ª série. Assim, entre a 5ª e a 8ª série houve uma perda de 54% dos alunos das seis escolas de 5ª a 8ª série da Rede Municipal de Ensino. (ver Tabela 2).

TABELA - 1

Demonstrativo do índice de aprovação, reprovação e desistência da Rede de Ensino Municipal de Curitiba no ano de 1979 a 1983.

(8)

Anos	Matrícula Inicial	Matrícula Final	Desistentes		Aprovados		Reprovados	
	N	N	N	%	N	%	N	%
1979	28.515	27.742	1.532	5	22.335	81	5.407	19
1980	36.688	34.914	2.428	7	25.476	73	9.438	27
1981	41.741	40.093	2.519	6	29.547	74	10.546	26
1982	43.899	41.675	2.470	6	30.794	74	10.881	26
1983	47.334	44.725	2.888	6	33.684	75	11.041	25
Total	198.180	189.149	11.837	6	141.836	75	47.313	25

OBS.: Em relação aos percentuais utilizou-se as indicações dos relatórios estatísticos que assim se processa: da matrícula final foram excluídas as transferências expedidas e os desistentes e inclusas as transferências recebidas; o percentual dos desistentes é calculado em função da matrícula inicial, e o percentual de aprovados e reprovados é calculado em função da matrícula final.

TABELA - 2

Matrícula final da Rede Municipal de Ensino de 1980 a 1983.

Ano	Matrícula final							
	1ª s.	2ª s.	3ª s.	4ª s.	5ª s.	6ª s.	7ª s.	8ª s.
1980	12073	6790	6061	4674	1286	887	713	475
1981	11961	9673	7031	5533	1414	1040	648	537
1982	11357	9501	8754	6111	1529	1021	767	497
1983	11917	9618	9042	7586	1579	1167	733	593

Estes dados referentes ao aproveitamento e frequência escolar das escolas municipais de Curitiba, localizadas na maioria, junto a núcleos de desfavelamento, conjuntos habitacionais do BNH, favelas ou comunidades naturais longe do centro urbano, evidenciam a incapacidade, destas escolas, no sentido de possibilitar a continuidade escolar, o que leva a se questionar sua eficiência no atendimento às necessidades e expectativas das comunidades periféricas.

É possível deduzir que os alunos destas escolas, com dificuldades de adaptação às exigências escolares, não obtendo sucesso, são reprovados e ou desistem, constituindo a massa de desescolarizados quando adultos, resultando na continuidade do estado de pobreza, em que vivem como crianças, e sucedendo-se outra geração também deficiente.

É de se ressaltar que o objetivo do ensino segundo a Lei 5692/71, é "proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de

auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania".

Se, no entanto, este objetivo não tem sido atingido plenamente, pois os alunos não permanecem na escola, são necessários estudos e reflexões a respeito da ação escolar.

Há o que fazer nesta escola para minorar ou corrigir essa situação existente, de modo a torná-la menos seletiva e elitista; existe um espaço garantido para ação nas condições intra-escolares: o currículo, os programas, as ações e representações dos professores e especialistas, os critérios de avaliação. Devido à existência desta possibilidade é fundamental a análise destas condições.⁹

Assim, o currículo escolar, norteador de toda a ação educativa desenvolvida pela escola, constitui-se num dos mais importantes fatores intra-escolares para estudos e análises, pois é neste instrumento que são estabelecidas as metas educacionais a serem atingidas.

Entre os assuntos relativos ao estudo do currículo, a análise e a avaliação das necessidades educacionais ocupam grau de destaque na tomada de decisões.

Uma avaliação das necessidades educacionais desses alunos pode determinar onde estamos atualmente e onde deveremos estar, procurando verificar que habilidades, conhecimentos e atitudes são importantes para que os alunos possam sobreviver, e tornar-se úteis à sociedade, conforme Kaufman¹⁰ propõe.

Portanto, a fim de que a escola efetivamente cumpra o

9. NAMO DE MELIO, Guiomar. Magistério de 1º grau, da competência técnica ao compromisso político. São Paulo, Cortez, 1982. p. 14.

10. KAUFMAN, Roger A. Planificación de sistemas educativos. México, Trillas, 1973. p. 42.

seu papel social de facilitadora da mobilidade social das populações que a freqüentam, torna-se necessário que se questione até que ponto o currículo está voltado para as necessidades educacionais de sua clientela.

É neste sentido que se considera importante levantar questionamentos, tais como:

1 - quais são as necessidades e as expectativas da clientela de periferia urbana em relação ao processo educativo, levado a efeito pela escola;

2 - que conteúdos dos currículos escolares de estabelecimento de ensino, localizados na periferia urbana, coincidem com as necessidades e expectativas educacionais dessa clientela;

3 - que mudanças no enfoque dos propósitos e conteúdos dos planos curriculares são necessárias, permitindo uma adequação às necessidades e expectativas da clientela escolar de periferia urbana.

Há muitas outras questões a serem refletidas e estudadas, em relação à escola de periferia urbana. No entanto, as relações entre necessidades educacionais e currículo podem assumir papel relevante uma vez que o currículo é considerado fundamento de qualquer sistema de ensino.

Estas questões abrangem parte do problema relativo à integração da escola à comunidade em que atua, uma análise cuidadosa das necessidades e expectativas relativas à educação das comunidades de zonas periféricas no sentido de busca de pontos relevantes em relação ao currículo poderá dinamizar a ação da escola aproximando-a mais dessas mesmas comunidades. É de fundamental importância que a escola estabeleça uma relação integral com a comunidade a que serve, não por imposição cultural,

mas sim considerando as necessidades e expectativas da sua clientela.

As questões propostas se voltam portanto, à busca de respostas para uma melhor integração da escola à sua comunidade, pois é vital que ela faça parte da comunidade atendendo suas necessidades educacionais.

2. OBJETIVOS

Cabe à Pedagogia refletir constantemente sobre quais as necessidades educacionais que devem ser consideradas na escola, de modo a possibilitar aos alunos o ingresso na sociedade.

Em vista disto, constitui-se objeto deste estudo a reflexão sobre quais as necessidades educacionais dos alunos das escolas públicas da periferia urbana.

Assim, tendo em vista a importância do estudo de necessidades educacionais da população de periferia urbana, esta pesquisa propõe-se a identificar, analisar e interpretar tais necessidades em uma escola da rede Municipal de Ensino de Curitiba, de maneira a permitir a compreensão da realidade educacional existente.

Portanto, são objetivos deste estudo:

1 - caracterizar a opinião da clientela escolar de comunidades periféricas quanto a necessidades e expectativas educacionais;

2 - identificar e analisar os conteúdos curriculares apontados pela comunidade de periferia como necessários e importantes a serem aprendidos na escola;

3 - caracterizar o currículo escolar voltado às necessidades educacionais de periferia urbana;

4 - sugerir como compor um currículo que leve em consideração as opiniões da população de periferia.

3 PRESSUPOSTOS

Esta investigação considera como pressupostos:

a) em relação à educação:

- a educação é capaz de agir de modo significativo sobre os indivíduos, possibilitando-lhes mobilidade social ou seja como mediadora.¹¹

b) em relação às necessidades:

- as necessidades humanas primárias de sobrevivência e continuidade da espécie dão origem às demais necessidades sociais;
- a educação sintetiza as necessidades humanas, portanto possui inter-relação com as demais necessidades, tais como, psicológicas, sócio-econômicas, biológicas;
- a existência de vínculos entre a educação, a filosofia, a sociologia, a psicologia e a economia, sobrepõem à mesma valores e metas vinculadas à circunstancialidade espaço-temporal existente, num processo de interação e interpenetrabilidade.

11. NAMO DE MELLO, op. cit. p. 24/9.

CAPÍTULO II

II NECESSIDADES EDUCACIONAIS E O CURRÍCULO ESCOLAR.

Este capítulo trata dos aspectos teóricos relativos às necessidades educacionais e suas implicações com o currículo escolar.

As necessidades educacionais decorrem de necessidades humanas. Em vista disto aborda-se o significado e a origem das necessidades, ressaltando a manifestação das mesmas no sentido educacional.

Analisa-se também, as implicações das necessidades educacionais com o currículo escolar, o significado de currículo, propostas curriculares que se direcionam às necessidades educacionais, vantagens e limitações do currículo centrado neste sentido, e a determinação dessas necessidades para o planejamento e desenvolvimento do currículo.

1 SIGNIFICADO DE NECESSIDADE

Ao se analisar as necessidades verifica-se que elas se interpenetram e mantêm uma relação constante entre si. Classificá-las ou agrupá-las é uma tarefa difícil e resulta num quadro inacabado.

O termo necessidade, quando empregado comumente, refere-se a uma aspiração natural do indivíduo; também pode significar desejo, falta de alguém ou de alguma coisa indispensável à vida; ou ainda, aquilo que é absolutamente necessário, exigên-

cia inevitável, fatal.

Necessidade pode significar, filosoficamente, o que não pode ser de outra forma.

Outra forma de conceituar necessidade expressa como "alguma coisa essencial ao indivíduo para que atinja um fim ou objetivo que esteja de acordo com sua natureza, origem e destino, como pessoa humana".¹

Pode-se, também, entender necessidade como carência que "designa uma falha entre alguma concepção de norma desejável, ou seja, algum padrão de valor filosófico, e a condição real. Necessidade é então, a diferença para menos entre o que é e o que deveria ser".²

Ainda, outra forma de explicar necessidade, é designá-la como "tensões no organismo as quais devem ser reduzidas ao equilíbrio para que se mantenha uma condição normal e saudável daquele".³

As necessidades podem ser absolutas ou relativas, ou mediadas pelas circunstâncias históricas, sócio-culturais, econômicas, psicológicas e ou biológicas.

2 ORIGEM DAS NECESSIDADES

As primeiras necessidades humanas estão vinculadas à sobrevivência: o ar, o alimento e a água são objetivos para os quais se dirigem as primeiras ações da criança. Associam-se pos

1. KELLY, William A. Psicologia de la educación. Madrid, Morata, 1972. p. 482.

2. TYLER, Ralph W. Princípios básicos de currículo e ensino. 6 ed. Porto Alegre, Globo, 1979. p. 6.

3. id. p. 8.

teriormente a proteção ligada à habitação e vestuário; segue-se a linguagem, a socialização, a defesa, a educação e a cultura, e outras que vão surgindo no decorrer da vida de cada ser.

As necessidades primárias são as relacionadas à manutenção da vida, e podem dar origem a necessidades derivadas, que por sua vez podem gerar outras necessidades derivadas ou secundárias.

Assim, se as necessidades secundárias são as que surgem durante a vida, provenientes da associação de novos desejos ou aversões com as necessidades básicas, são condicionadas; ou melhor, as circunstâncias condicionam a manifestação destas necessidades secundárias. Transcreve-se o exemplo utilizado por Mira y Lopes⁴, para clarificar este processo: "ninguém nasce com a necessidade de ir ao cinema. Entretanto há milhares de pessoas que preferem sacrificar outros desejos para poder satisfazer a este, que é, indubitavelmente, para elas, intensa necessidade secundária". Como se originou nelas essa inclinação que, às vezes, as leva a dizer que são "apaixonadas" ou "loucas" por cinema? Para responder a esta pergunta, com precisão, seria necessário conhecer as vicissitudes por que atravessaram essas pessoas no decorrer de sua vida. Veríamos então como se estabeleceram nelas os nexos que ligam seu desejo de ir ao cinema com a satisfação de suas necessidades primárias vitais. Em cada caso uma necessidade primária terá condicionado esta necessidade de ir ao cinema.

4. MIRA Y LOPES, Emílio. Psicologia geral. 3 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967. p. 73.

Ainda, as necessidades podem surgir da interação entre os indivíduos, e da interação dos grupos de indivíduos.

Do ponto de vista econômico, as necessidades impulsionam a produção dos bens, numa forma de contínua melhoria da qualidade de vida, de busca de condições adequadas para o desenvolvimento humano do ponto de vista biológico, psicológico e sócio-cultural.⁵

Há uma evolução constante das necessidades no tempo e no espaço, especialmente das necessidades sociais, culturais, econômicas, educacionais. E mesmo, em cada indivíduo elas modificam-se no decorrer da sua vida.

As necessidades educacionais nas primeiras culturas se limitaram a transmitir os modos de sobrevivência.

À medida que se ampliaram e complexificaram os usos e costumes, as organizações sociais, as descobertas, o trabalho, também a educação sofreu mudanças.

A ampliação das necessidades educacionais, também, está em função da evolução da civilização, de onde se pode deduzir que as necessidades são mediadas pelas circunstâncias sociais, individuais, culturais e econômicas.

3 MANIFESTAÇÕES DAS NECESSIDADES

As principais manifestações de necessidades na vida humana se expressam basicamente nos aspectos biológicos, psicológicos, sociais e econômicos.

As necessidades biológicas estão relacionadas à manuten

5. LEFTWICH, Richard. O sistema de preços e a locação de recursos. 5 ed. São Paulo, Pioneira, 1979. p. 2.

ção dos processos fisiológicos, defesa e proteção do organismo humano e reprodução da espécie.

As necessidades psicológicas estão ligadas aos aspectos afetivos, atenção, amor, afiliação, auto-realização, auto-expressão, criatividade, entre outros.

De um modo geral, as necessidades sociais procedem das relações sociais entre os indivíduos, grupos, instituições e ambiente. Destas relações surgem necessidades, como por exemplo: possuir uma família, uma pátria, necessidade de relações afetivas ou de resposta afetiva por outra pessoa; necessidade de novidade; necessidade de superação de condições existentes; necessidade de um ambiente sócio-cultural e necessidade de responsabilidade. Estas necessidades ampliam-se ou modificam-se à medida que o homem as satisfaz.⁶

O quadro de necessidades econômicas é ilimitado, pois quando satisfeitas umas, surgem outras. Sua expansão é infinita através dos tempos, o que limita o nível de satisfação das necessidades econômicas é a quantidade e a qualidade dos recursos disponíveis.⁷

É possível, concluir que, quanto maior é o grau de civilização do homem, mais e novas necessidades surgem. Não apenas em quantidade, mas também em qualidade se dá a ampliação das necessidades.

4 MANIFESTAÇÃO DAS NECESSIDADES EDUCACIONAIS

As necessidades educacionais têm estrita relação com as

6. BIRON, Alain. Dicionário das ciências sociais. Lisboa, Dom Quixote, 1966. p. 277.

7. LEFTWICH, Richard H. O sistema de preços e a locação de recursos. 5 ed., São Paulo, Pioneira, 1979. p. 4.

necessidades sociais, psicológicas e biológicas, como se viu anteriormente.

Deste modo, é possível abordá-las como:

- necessidades educacionais centradas nos aspectos socio-econômicos;
- necessidades educacionais centradas nos aspectos psicológicos;
- necessidades educacionais centradas nos aspectos biológicos.

4.1 Necessidades Educacionais Centradas nos Aspectos Sociais e Econômicos.

A determinação das necessidades educacionais a partir da análise da sociedade, segundo Taba⁸, apresenta sérias dificuldades devido os poucos estudos realizados em relação à escola como instituição social.

Tal fato não impede, no entanto, que se efetive estudos e análises neste sentido. Os resultados obtidos nestes estudos constituem fecunda fonte de informação para determinação das necessidades educacionais, segundo Tyler.⁹

A manifestação das necessidades educacionais centradas nos aspectos sociais assume diversas dimensões dadas às relações entre indivíduos, grupos, ambiente e instituições sociais. As necessidades educacionais podem, portanto, proceder em função da relação do indivíduo com o ambiente, com os demais indi

8. TABA, Hilda. Elaboracion del currículo. Buenos Aires, Troquel, 1974.

9. TYLER, op. cit. p. 23.

vídus, grupos e instituições, das mudanças sócio-tecnológicas, econômicas e políticas, ou ainda de valores culturais, morais e religiosos.

Desta forma, examinando estes aspectos é possível inferir as seguintes necessidades educacionais, relacionadas aos aspectos sócio-econômicos: socialização, trabalho, cultura, comunicação, atualização.

4.1.1 Necessidade de Socialização.

A necessidade de socialização compreende o relacionamento dos indivíduos entre si, com grupos e instituições sociais.

Assim, as relações sociais imediatas, como a vida em família, com os amigos e conhecidos apresentadas por Tyler¹⁰, constituem o início da necessidade de socialização. Sua expansão ocorre ao longo da vida, podendo assumir os aspectos das relações sócio-cívicas como a vida na escola, na comunidade, que se traduzem por meio de atitudes e de comportamentos sociais, tais como, a cooperação, a solidariedade e a responsabilidade.

Também, abrange a necessidade de cada indivíduo tornar sua vida útil e digna, como afirma Claparède.¹¹

4.1.2 Necessidade de Cultura.

Da análise da cultura pode-se inferir que as necessidades educacionais mudaram, em vista do que, a escola tida como simples transmissora do conhecimento assume nos tempos atuais uma função socializadora.¹²

10. TYLER, op. cit. p. 18.

11. CLAPARÈDE, Ed. A educação funcional. 3 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1950.

12. TABA, op. cit. p. 95.

E a própria necessidade de conhecer está vinculada à manutenção social, ou seja, para a continuidade da civilização é fundamental que uma geração transmita à outra as descobertas e o saber.

O saber surge como necessidade educacional para permitir a integração do indivíduo no complexo social que o envolve e a que ele se destina.¹³

Assim, conforme Anísio Teixeira, a escola deve ministrar um "saber das coisas" e não um "saber sobre as coisas". O saber é um conjunto de conceitos e operações destinadas a fazer, a resolver problemas, a cooperar. Não a acumulação pura e simples da informação sobre as coisas.¹⁴

Não se trata de qualquer saber, mas, de um saber que permita ao indivíduo situar-se no seu tempo, no seu grupo, no seu espaço, aplicando-o de forma prática em suas atividades.

É através da aplicação do saber, que novas descobertas são possíveis, permitindo ao indivíduo promover a melhoria da qualidade de sua vida e, em uma instância maior, o avanço da ciência e da técnica.

Outro aspecto em relação à necessidade de cultura se relaciona às discriminações sociais vinculadas à posse do saber. Ou seja, as classes mais avançadas culturalmente, utilizam o saber como forma de dominação. Desta forma, as classes com menor possibilidade de aquisição do saber não teriam acesso a outras vantagens sociais. Este fato é um dos que torna a posse do saber uma das necessidades educacionais.

13. NAMO DE MELLO, op. cit. p. 19.

14. TEIXEIRA, Anísio Spinola. Educação e o mundo moderno. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969. p. 213.

Não se ignora as críticas, no sentido de que a escola colabora para a manutenção da situação existente, ou seja, emprega mecanismos que dificultam a posse do saber pelas populações menos favorecidas, mas este aspecto não se constitui objeto de análise do presente trabalho. Reafirma-se que a posse do saber se constitui uma das necessidades educacionais, pois conforme Taba:¹⁵ "La misión del educador moderno no es sólo perpetuar nuestra cultura, sino también dirigir su futuro desarrollo, es decir, que la tarea del educador es preparar a la gente para el cambio".

4.1.3 Necessidade de Comunicação.

Entre os diversos aspectos que pode assumir a necessidade de comunicação está a linguagem e a utilização dos meios de comunicação.

Sem a linguagem não seria possível a formação do pensamento, pois quando se aprende uma língua, aprende-se todo um sistema de idéias organizadas, classificadas; herda-se o trabalho de longos séculos que foram necessários a esta organização.¹⁶

A linguagem é o atributo humano que permite aprender, pensar de uma maneira criadora e mudar; ela diferencia o homem, dos animais. Não é apenas a manifestação exterior do pensamento, e sim torna possível e mesmo produz algumas espécies de pensamento.

É através da linguagem que se internaliza a sociedade.

15. TABA, op. cit. p. 98.

16. DURKHEIM, Émile. A educação como um processo socializador, função homogeneizadora e função diferenciadora. in PEREIRA, Luiz. Educação e sociedade. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976. p. 47.

A linguagem adquirida tem alguma influência na maneira como a pessoa vê o mundo.¹⁷

Segundo Bonamigo¹⁸, Bernstein coloca que "a linguagem é o meio pelo qual as influências diversas do ambiente sócio-cultural são sintetizadas e reforçadas. A criança aprende sua estrutura social através de sua linguagem e esse processo de aprendizagem começa quando ela pode responder, não emite, ainda, sinais verbais. A linguagem influencia tanto o que é aprendido como a forma pela qual se aprende".

A habilidade do emprego das palavras tanto oralmente, como nos textos escritos, na leitura, tem ocupado um espaço significativo nos dias atuais.

As orientações da utilização de todos os bens tem sido feita pela linguagem, nos transportes, nas comunicações, nos serviços à comunidade, nos mercados, nos bancos etc.

Conclui-se que a aprendizagem da leitura, da escrita, da linguagem oral, que se constituem nas habilidades do uso da linguagem, é uma necessidade fundamental a qual a escola deve dedicar especial atenção, o que de certa forma o faz.

Cabe à escola, especialmente, o ensino dos símbolos linguísticos: a alfabetização, o aperfeiçoamento da leitura e escrita. Na leitura fatalmente fica implícita a interpretação do que é lido. A escrita que se manifesta pela produção de textos é carregada por meio de aspectos significativos como o uso da

17. CANTON, Denis. Pesquisas sobre as relações entre linguagem e escola. in BRANDÃO, Zaia. Democratização do ensino: meta ou mito? Rio de Janeiro, F. Alves, 1979. p. 25.

18. BONAMIGO, Euzá Maria de Resende & BRISTOTI, Nilva Carmem Postal. Enriquecimento verbal em crianças marginalizadas. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas. 24:25-39. mar./1978.

gramática, vocabulário, estilo.

Outra necessidade importante em relação à comunicação é a utilização dos meios de comunicação social, dada sua possibilidade de penetração em quase todas as atividades humanas.

Isso porque os meios de comunicação como o rádio, a imprensa e a televisão, através do avanço tecnológico e da necessidade de informação, tomam cada dia mais espaço nas relações sociais.

A imprensa, o mais antigo meio de comunicação, possibilita a circulação de informações, e interfere no modo de pensar da população pela idéia que contém ou suscita.

O rádio até 1950, conforme Martins¹⁹, foi importante na formação da opinião pública e mesmo nos dias de hoje continua sendo um dos meios de comunicação bastante utilizado. A possibilidade do rádio de atingir parte significativa da sociedade é grande, pois pode funcionar em qualquer local, no lar, no carro, na rua, não sendo possível diminuir a sua influência, que é talvez de maior penetração que a imprensa, dado o baixo custo e facilidade de utilização.

A televisão, embora seja relativamente nova, conseguiu neste curto espaço de tempo influenciar significativamente os costumes das populações. Sua abrangência é cada vez maior, pois segundo Martins²⁰, a maioria da população tem acesso a aparelhos de televisão.

O horário das atividades familiares passou a ser esquetizado segundo o programa preferido de cada família, na TV.

19. MARTINS, Joel. Modelo de planejamento curricular. in GARCIA, Walter. Educação brasileira contemporânea. São Paulo, Mc. Graw Will, 1978. p. 53.

20. id. ib.

A TV fornece uma visão mais íntima e realista da situação do que podem fazê-lo os demais meios de comunicação.

A utilização dos meios de comunicação como uma necessidade educacional justifica-se, a partir do momento em que a influência destes é significativa, conforme identificado por Martins.

A escola, pois, precisa levar o aluno a desenvolver habilidades de como melhor utilizar os meios de comunicação, como selecionar e criticar as idéias e valores colocados nos programas de rádio, TV, nos artigos da imprensa; e mesmo como aproveitar as informações que são proporcionadas por estes mesmos meios de comunicação.

"O aluno que está submetido a um programa formal de educação, característico do sistema social do qual ele participa que é a sala de aula e do programa informal, porém, atraente, e de formação de opinião, e que se produz fora da sala de aula, tem sua vida psicológica influenciada. Esta influência se faz sentir nas suas necessidades, na sua intencionalidade ou atribuição de significados, nas suas cognições, isto é na maneira porque compreende os significados existentes e adquire conhecimentos e nas suas formas de valorizar, isto é, na maneira porque aceita ou se recusa a fazer as coisas."²¹

4.1.4 Necessidade de Ocupação e Trabalho

O trabalho é uma das necessidades básicas do homem, para que possa produzir bens que lhe satisfaçam as próprias necessidades de sobrevivência.

Dentre os objetivos da escola nova, segundo Lourenço Filho²², um dos mais significativos é a preparação para o trabalho. Ponto também defendido por outros educadores como Claparê

21. MARTINS, op. cit. p. 54.

22. LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstrom. 12 ed. Introdução ao estudo da escola nova. São Paulo, Melhoramentos, 1979. p. 249.

de, Anísio Teixeira, Tyler.

As técnicas de trabalho, antes da revolução industrial, exigiam habilidades artesanais simples. Após o advento da revolução industrial, com o avanço tecnológico, a utilização de máquinas cada vez mais especializadas, também passou a exigir uma especialização do trabalhador. Os trabalhadores que antes executavam trabalhos no seio da família passaram agora a fazê-lo nas fábricas; o trabalho assumiu mais o caráter de emprego.

Os empregos, nos dias de hoje, exigem uma escolaridade cada vez maior. Os que freqüentam poucos anos os bancos escolares têm cada vez menos possibilidade de obter bons empregos.

Observa-se que um bom número de alunos das escolas de periferia deixam a escola para trabalhar. E estes alunos só conseguem sub-empregos, pois as exigências de melhor qualificação dos trabalhadores é cada vez maior.

A complexidade do trabalho está a exigir uma postura da escola no sentido de aprimorar as habilidades dos alunos, para que eles possam assumir e dominar trabalhos que utilizam tecnologia avançada.

Não se pode, pois, deixar de considerar que o desenvolvimento de habilidades ligadas ao trabalho se constituem uma das necessidades educacionais a ser atendida pela escola. Isto por que se reconhece ser o trabalho fator básico que permite às famílias receberem o salário e assim adquirir os bens necessários à sua vida. E esta necessidade, parece ser acentuada nas periferias urbanas.

4.1.5 Necessidade de Atualização

Verifica-se que o mundo atual é caracterizado pela mu-

dança direcionada pela evolução tecnológica e científica. Estas acarretam uma contínua mudança social, isto é, em síntese uma necessidade de atualização.

Na análise destas necessidades, conforme Taba²³, uma série de aspectos devem ser examinados. Entre eles estão:

1. "Una ampliación tremenda del médio que ha de entenderse y de la cultura que ha de transmitirse.
2. Una demanda creciente de obreros alfabetizados y cada vez más especializados.
3. La necesidad del establecimiento de una comunicación intercultural entre las diversas culturas de Oriente y Occidente como base para construir una comunidad universal.
4. Las dificultades que supone mantener grandes facilidades para el libre albedrio en un mundo de poder magnificado y espacio y tiempo reducidos.
5. La velocidad en constante aumento del cambio que hace mas arriesgado el pronóstico y sobrepasa los esfuerzos de la educación por mantener-se actualizada".

Como, então, numa sociedade em mudanças rápidas se pode definir o que é necessário ensinar hoje, para que o aluno venha a viver daqui 20 ou 30 anos? É uma tarefa bastante difícil, pois as mudanças ocorrem diariamente e não se pode prever com segurança a natureza das mudanças que venham a ocorrer, mormente quanto mais distantes no futuro venham a ocorrer, a transformação que sofrem vários setores das atividades humanas é uma constante. Setores como a comunicação, a informática, os meios de produção, devido às inovações e descobertas, transformam a tecnologia significativamente. O avanço tecnológico implica em novas necessidades educacionais, quer sejam voltadas ao domínio do conhecimento científico das inovações, ou nas novas relações sociais que são estabelecidas.

A respeito disso Kilpatrick²⁴ coloca que a fábrica cresce dia a dia constituindo-se em cidades industriais. As cidades se expandem e conseqüentemente alteram-se as relações so-

23. TABA, op. cit. p. 55.

24. KILPATRICK, William Heard. Educação para uma civilização em mudança. 8 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1970. p. 25.

ciais.

Nesse contexto, a necessidade de constante atualização do homem assume caráter de importância na medida em que permite o domínio do avanço tecnológico, no sentido de verificar seus benefícios e também efetuar a crítica de modo a não permitir a desumanização. Ainda é necessária a atualização no sentido do domínio de novas técnicas, como por exemplo a informática, a tecnologia industrial e agrícola.

4.2 Necessidades Educacionais Centradas nos Aspectos Psicológicos.

Estudos e pesquisas na Psicologia, a respeito das necessidades dos indivíduos, especialmente as necessidades infantis, influenciam e por vezes determinam necessidades educacionais. Por exemplo: os estudos de Piaget e de Montessori acarretaram em mudanças significativas. Considera-se, hoje, necessário a concretização do ensino dos fatos matemáticos de 1ª a 4ª série.

Entre as necessidades educacionais centradas nos aspectos psicológicos aborda-se neste estudo, especialmente, as relacionadas ao interesse, às atividades infantis e baseadas no desenvolvimento do pensamento infantil.

Em relação às necessidades direcionadas ao interesse é possível inferir, conforme Dewey²⁵, que a função dinâmica do interesse no ato educativo leva a considerar o aluno como pessoa em suas aptidões e preferências especiais.

"Quem reconhecer a importância do interesse não presumirá que todos os espíritos funcionam do mesmo modo pela razão de acontecer-lhes terem o mesmo professor e o mesmo compêndio." Dewey²⁶.

25. DEWEY, John. Democracia e educação. 4 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979. p. 137/9.

26. id. p. 142.

O interesse na infância se manifesta pelo aqui e agora, não se trata segundo Dewey de preparar para a vida, mas apresentar atividades que interessem às crianças.

A conversação, a pesquisa ou descoberta das coisas, a confecção de coisas ou construção, e a expressão artística, são os interesses fundamentais da infância, segundo Dewey²⁷.

Os interesses devem ser considerados no desempenho de grandes atividades sociais: obtenção de alimento, abrigo; vestuário.

Assim as necessidades educacionais baseadas nos interesses podem assumir diferentes conteúdos, pois é da diagnose do interesse dos educandos que as mesmas deveriam ser inferidas.

Em relação às necessidades educacionais baseadas no desenvolvimento do pensamento infantil, segundo Piaget²⁸, há uma evolução a partir da assimilação do meio ambiente ampliando sempre o raio de ação dos mecanismos psíquicos. Uma vez incorporado o meio ambiente é possível o início da reconstrução e antecipação das transformações do mesmo. A culminância do desenvolvimento do pensamento se dá na inteligência lógica, sob a forma de operações concretas finalizando com as deduções abstratas. Esta evolução progressiva gera em cada etapa necessidades educacionais novas, abrangendo as áreas do sensorial, das habilidades da motricidade, da afetividade, do pensa-

27. DEWEY, John, in EBBY, Frederick. História da educação moderna. Porto Alegre, Globo, 1962. p. 541.

28. PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro, Forense, 1969. p. 15.

mento racional e abstrato.

Assim um currículo baseado no desenvolvimento do pensamento infantil poderia oportunizar, por exemplo, as seguintes atividades:

Nas séries iniciais:

- manipulação de materiais concretos;
- reflexão sobre idéias simples;
- início da constituição da numeração;
- utilização da linguagem;
- conscientização da passagem do tempo;
- compreensão dos pontos cardeais;
- conservação da quantidade;
- elaboração de suas impressões;
- composição de conjuntos;
- conhecimento e prática de normas;
- brincadeiras com seus colegas;
- jogos coletivos;
- visitas a lugares diferentes.

Nas séries intermediárias:

- ordenação, organização e integração de dados;
- manipulações construtivas: a mecanização das coisas e dos fatos;
- comparações, transposições, as primeiras hipóteses;
- verificação de conclusões;
- domínio das unidades de tempo;
- ampliação das noções de espaço;
- estruturação das noções de quantidade;
- organização do sistema de valores;

- atividades em grupo;
- análise dos prós e contras das condutas;

Nas séries terminais:

- produção de conclusão das hipóteses;
- proposição e resolução de problemas;
- utilização das abstrações;
- organização e sistematização dos fatos;
- formulação de proposições e de probabilidades;
- programação da vida;
- análise dos problemas familiares e da comunidade;
- jogos coletivos;
- discussão e crítica.

As necessidades educacionais baseadas nas atividades infantis devem considerar o desenvolvimento de habilidades físicas, de boas relações entre os indivíduos, habilidades mentais básicas (leitura, escrita, cálculo), da capacidade de perceber, de independência pessoal.

Um programa escolar baseado nas necessidades de atividades da criança, é a proposta de Doll²⁹ que é descrita abaixo por série do 1º grau.

Necessidades na 1ª série:

Atividades leves, horas de sono, jogos ativos, atividades intelectuais, atividades em grupo.

Necessidades na 2ª e 3ª séries:

Competição, atividades técnicas, dramatizações,

29. DOLL, Ronaldo C. El mejoramiento del curriculum. 2 ed. Buenos Aires, El Ateneo, 1974. p. 26/32.

jogos em equipes, códigos de conduta, atividades físicas integrais, atividades em grupos, maior liberdade, atenção dos pais e professores.

Necessidades na 4ª e 5ª séries:

Independentização, sono prolongado, jogos em equipes, códigos, regularidade nas atividades, atividades físicas integrais, simpatia e compreensão dos adultos para adaptação dos grupos.

Necessidades na 6ª e 7ª séries:

Atividades físicas ao ar livre, sono prolongado, atividades sociais, jogos em equipes, dança, atividades práticas, atividades em grupo, segurança.

Necessidades dos adolescentes:

Programas variados, atividades em grupo, orientação sobre seu desenvolvimento, tratamento afetuoso, sentimentos de valorização, atividades envolvendo o sexo oposto, maior independência dos adultos, habilidades para trabalho em grupo, reconhecimento de suas capacidades.

4.3 Necessidades Educacionais Centradas nos Aspectos Biológicos.

Entre as necessidades educacionais centradas nos aspectos biológicos enfoca-se necessidades ligadas à conservação da saúde³⁰ e prática de hábitos de higiene; (conservação do meio ambiente).

30. SOTO, Mario Leyton. Planeamiento educacional. Santiago, Chile, Universitaria, 1975.

4.3.1 Necessidades Ligadas à Conservação da Saúde.

Em relação a esta necessidade relacionam-se os hábitos de alimentação, descanso, cuidado e proteção da vida, atitudes com respeito à saúde, conhecimentos relativos ao corpo humano, defesa contra perigos e acidentes, e normas do trânsito.

Outra necessidade educacional, para a conservação da saúde, que surgiu em função do avanço industrial, das grandes aglomerações da população, nos centros urbanos, do desmatamento, é a voltada a formar atitudes no sentido da preservação do meio ambiente; pois sem um meio ambiente adequado fatalmente ocorrerão prejuízos à vida do homem.

4.3.2 Necessidades Ligadas à Prática de Hábitos de Higiene.

Os hábitos de higiene estão relacionados à higiene pessoal, do trabalho, do ambiente, da infância e mental.

5 RELAÇÕES ENTRE NECESSIDADES EDUCACIONAIS E O CURRÍCULO ESCOLAR.

As necessidades educacionais têm implicações com a programação do currículo escolar; uma vez analisadas aquelas torna-se fundamental relacioná-las ao currículo.

Os aspectos examinados referem-se ao significado de currículo, às propostas curriculares que possibilitam uma abordagem das necessidades educacionais, às limitações do currículo baseado em necessidades educacionais, e às vantagens do currículo centrado em necessidades.

5.1 Considerações sobre o Significado de Currículo.

Em seu sentido etimológico, o termo currículo significa

jornada, continuidade. Quando empregado comumente, currículo se refere a matérias de um curso, ou a carreira profissional de uma pessoa.

Currículo, na concepção educacional tradicionalista, teve seu sentido restrito a programas de ensino, listagem de conteúdos de um curso, plano de estudo ou plano de curso.

Nos Estados Unidos, de 1930 a 1960, o currículo foi tido como conjunto de experiências adquiridas pelo aluno e resultado das atividades criadas pela escola. "Tal concepção de currículo prevê que este deva ser organizado e elaborado com a intenção de ampliar a responsabilidade da escola, de tal maneira que abranja o desenvolvimento social e psicológico do alunos".³¹ Houve uma evolução do currículo como plano de estudos, como simples transmissão de conhecimentos. As atividades, necessidades e informações passam a se constituir parte do currículo.

Assim, modernamente ampliou-se a compreensão sobre currículo nos meios educacionais, como se evidencia nas conceituações abaixo:

"Currículo consiste em todas as atividades, experiências, materiais, métodos de ensino e outros meios empregados pelo professor ou considerados por ele no sentido de alcançar os fins da Educação".³²

Currículo é a soma de experiências vividas pelo educando sob os auspícios e direção da escola, conforme Doll.³³

31. MARTINS, Joel. op. cit. p. 46.

32. UNESCO in PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Currículo, 1979. mimeo.

33. DOLL, op. cit.

"Currículo pode ser definido como um sistema de ações planejadas para a aquisição de experiência".³⁴

Kelly³⁵ discorre sobre o que significa currículo considerando aspectos como currículo total, currículo oculto, currículo deliberadamente planejado e executado, currículo oficial, currículo real. Seleciona a definição de Kerr "toda a aprendizagem planejada e gerada pela escola, seja ela ministrada em grupos ou individualmente, dentro ou fora da escola"³⁶, porque a considera neutra, em termos de valor possibilitando planejar as atividades escolares com segurança.

O currículo "é mais do que o conjunto de realizações dos alunos, ele é um esquema através do qual uma instituição realiza sua responsabilidade educacional em relação a seus alunos." Deve incluir fontes de predição dos objetivos, conteúdos, meios de operação e recursos para a avaliação".³⁷

Entende-se, portanto, por currículo as experiências, atividades e realizações dos alunos, materiais, métodos e conteúdos do ensino, que são planejados e ministrados com a finalidade de promover a educação, seja levada a efeito na escola ou fora dela.

Verifica-se que, nos dias atuais, as definições tradicionais de currículo, que consideram apenas o programa, estão ultrapassadas. O currículo é compreendido com um sentido mais amplo. Na praxis escolar o currículo abrange aspectos como: fi

34. MARTINS, op. cit. p. 47.

35. KELLY, Albert Vitor. O currículo. São Paulo, Harper & Row, 1981. p. 2/4.

36. KERR in KELLY, id. p. 6.

37. MARTINS, id. *ibid*.

losofia e metodologia educacional, objetivos gerais, específicos, conteúdos e atividades das diversas áreas de estudo, sistema de avaliação do aluno e do próprio currículo.

- Variáveis interferentes no currículo.

O currículo escolar pode assumir um significado mais amplo em relação ao que é planejado, se a aprendizagem escolar for considerada uma troca constante entre o professor, o aluno e o meio sócio-político-cultural. Tanto o meio em que vive o professor, como o que vive o aluno interferem no processo ensino-aprendizagem. Em vista disso, as relações que se efetivam no ato ensinar-aprender são ricas e normalmente ultrapassam o planejamento do currículo. Exemplificando: o professor ao propor à sua classe um problema sobre compra e venda de mercadorias, em que seja utilizada uma operação matemática, poderá suscitar discussões sobre preços de produtos, ou funcionamento de uma loja, ou boas maneiras de um vendedor, ou outras situações que sua classe vier a abordar naquele momento. Estes assuntos podem tomar rumos diversos do que estava proposto no objetivo do currículo, que inicialmente era resolver problemas aplicando as operações matemáticas.

As defasagens ou extrapolações entre o que é planejado e o executado, em relação à proposta curricular, advêm de inúmeros fatores que interferem e influenciam o currículo.

Estas variáveis são relacionadas, por Martins³⁸, como:

a) características do ambiente sócio-cultural de onde provém as fontes de predição e do que deve acontecer na escola e conseqüentemente, com o aluno. No caso

38. MARTINS, op. cit. p. 47.

- do Brasil são as situações regionais, locais;
- b) fatores de contingência - os relacionados com a escola (administração, professores, ensino) o ideal seria que estas estivessem inseridas na cultura própria, o que não ocorre;
 - c) o aluno, num processo de vir a ser;
 - d) critérios ou padrões de avaliação, isto é, os resultados avaliados no final do período de ação da escola como agência de educação.

Assim, é possível que o currículo em seu desenvolvimento, desde a sua elaboração aos resultados obtidos após a aplicação, sofra interferências e influências que reduzam ou ampliam sua ação, mais ou menos relacionadas às necessidades dos alunos.

5.2 Propostas Curriculares Direcionadas a Necessidades Educacionais.

Compete à escola possibilitar o desenvolvimento do indivíduo, considerando suas necessidades.

Para que a proposta curricular leve em conta este objetivo, deve tomar como ponto de partida o desenvolvimento do indivíduo, baseado em suas necessidades com relação a um padrão de vida considerado melhor, possibilitando-lhe a mobilidade social; isto é, a um indivíduo de uma classe considerada econômica-sócio-cultural inferior, deve ser dada através da educação, condições para que possa ascender à classe social econômica-sócio-cultural superior.

A educação tem, conforme estas idéias, objetivos intencionais ou seja a socialização metódica das novas gerações, para conviver e agir no grupo social do qual pertencem, possibi-

litando melhoria das condições existentes.

Desta forma o currículo volta-se ao mesmo tempo para o indivíduo e para a sociedade.

Em relação ao indivíduo a educação passa a se constituir o meio para o desenvolvimento individual, tendo por princípio fundamental proteger a criança em sua totalidade, permitindo o desenvolvimento integral de suas potencialidades. Em vista disso, a criança deve ser considerada o centro da escola, em decorrência do que suas necessidades devem ser levadas em conta pelo currículo.

Eisner e Wallance³⁹, consideram que o currículo centrado no aluno pretende a autonomia, o crescimento e desenvolvimento pessoal. A educação é vista como processo, um meio de ajuda ao indivíduo. Está vinculado ao humanismo e à psicologia existencialista. A educação é uma tarefa de valorização individual.

Segundo estes mesmos autores, o currículo voltado para o desenvolvimento dos processos cognitivos, é uma outra forma de desenvolver o indivíduo. O objetivo da educação é desenvolver os processos intelectuais e as habilidades cognitivas. O currículo focaliza a criança de modo a proporcionar-lhe uma autonomia intelectual e a desenvolver habilidades de escolha, de interpretação e de resolução de problemas.

Para Tyler⁴⁰ o currículo centrado nos alunos tem por finalidade a melhoria do padrão existente em função de um padrão desejável, isto é, investigando-se as condições dos alunos é

39. EISNER, Eliot W. & WALLANCE, Elizabeth. Concepções conflitantes de currículum. Trad. GARCIA, Consuelo & ALCORTA, Luís. mimeo. p. 2/4.

40. TYLER, op. cit. p. 34.

possível a proposta de objetivos educacionais, que venham produzir mudanças destas condições para condições desejáveis.

As propostas curriculares centralizadas nas necessidades sociais, fundamentam-se na fé popular de que a educação possibilita a mudança sócio-cultural, ou seja, através da escola é possível contribuir para a melhoria das condições sociais existentes.

Assim, as propostas curriculares que enfatizam o desenvolvimento individual e a reconstrução social permitem a abordagem das necessidades educacionais.

5.3 Vantagens do Currículo Centrado em Necessidades Educacionais.

Considera-se pois, segundo esse enfoque, que para o atendimento das necessidades básicas, muitas pessoas e instituições estão envolvidas: a família, a igreja, a escola.

A escola é, evidentemente, a principal responsável pelo atendimento das necessidades educacionais. Quando se leva em conta o conjunto das mesmas, observando a inter-relação entre todas, é provável que se uma for atendida com êxito, o efeito se expande para o atendimento das demais. Por exemplo: quando se desenvolve a socialização, se desenvolve ao mesmo tempo a linguagem, atitudes positivas para com as pessoas, princípios morais, escala de valores, percepção e raciocínio.

O currículo será de pouca ou nenhuma importância se estiver fora do campo das necessidades educacionais, experiências ou da capacidade dos alunos a que for destinado. Os conteúdos curriculares devem ser considerados em vista do sistema cultural ao qual a escola pertence. As culturas e necessidades

existentes devem ser asculatadas e consideradas na elabora -
ção curricular. Desta forma, o significado do que seja currícu -
lo amplia-se no sentido de abranger toda a ação escolar em sua
diversidade e abrangência.

Ignorar as necessidades educacionais no currículo, sig -
nifica desvinculá-lo da realidade.

5.4 Limitações do Currículo Centrado em Necessidades Educacio - nais.

O currículo baseado nas necessidades educacionais, se -
gundo Kelly⁴¹, pode levar os educadores, ao desenvolverem a
idéia da prática escolar voltada para a criança, a um romantis -
mo idealista, em vez de a um procedimento realista em relação à
função da escola.

Para este autor, "a idéia de que devêssemos iniciar nos -
so planejamento curricular tentando descobrir o que as crian -
ças necessitam é atraente e parece, à primeira vista, harmoni -
zar-se com uma teoria de educação e que tenha como foco prin -
cipal a natureza da criança e que sugere dever ser essa nossa
principal preocupação ao planejar"⁴². Esta idéia traria a pos -
sibilidade de não serem considerados como importantes os conhe -
cimentos, esvaziando a escola de conteúdos de ensino própria -
mente dito.

Kelly⁴³, considera que as necessidades "não nos propor -
cionam uma descrição objetiva regular de certas característi -
cas da natureza humana que podemos usar como base para o plane -
jamento de qualquer tipo de providência social ou educacional.

41. KELLY, O currículo. . . p. 50/2.

42. id. p. 51.

43. id. p. 52.

Nos níveis realmente básicos é impossível distinguir o que necessitamos do que queremos, ou ainda, do que outros acham que deveríamos querer ou ter. Ainda temos de escolher entre as coisas que as pessoas necessitam ou pensam necessitar, e a idéia de necessidade em si mesma não nos proporcionará nenhum critério por cuja referência possamos fazer tais escolhas".

Delinea-se, desta forma, uma questão: como definir aquilo que é realmente necessário?

A complexidade da vida moderna interfere significativamente no estabelecimento das necessidades educacionais.

Outras implicações como a estrutura organizacional da escola, as determinações legais em relação ao mesmo, o preparo dos professores ao estabelecerem o currículo, também podem limitar o atendimento às necessidades educacionais.

Nesse enfoque é importante que se levantem ainda as seguintes questões: a escola deve compensar as carências existentes? É esta a finalidade da ação educativa? Como estabelecer um padrão desejável de ensino para a população de periferia urbana? O padrão desejável é o determinado pela classe de melhor condição social e cultural? Se esta classe é minoria, o seu padrão é o melhor para a grande maioria, que se constitui da massa menos favorecida socialmente?

Estas questões são de fundamental importância na determinação das necessidades educacionais, porque permitem que se analise a questão de modo a permitir uma tomada de decisão que melhor encaminhe a questão da integração da escola com a comunidade em que atua.

Assim, ao se decidir por uma ou por outra forma de estabelecer as necessidades educacionais, poderá haver limitações

quanto ao conteúdo das mesmas devido à metodologia utilizada para sua definição.

Além disto, no estabelecimento das metas curriculares , ao adotar-se outra postura, que não a de basear-se nas necessidades educacionais, ocorrerão inevitavelmente limitações, tal como ocorrem ao enfatizar-se as necessidades educacionais.

5.5 Determinação das Necessidades Educacionais para o Planejamento e Desenvolvimento do Currículo.

Para a determinação das necessidades educacionais os dados podem ser coletados, segundo Kaufman⁴⁴, junto aos alunos , aos seus pais e outras pessoas da comunidade, aos professores ou planejadores educacionais.

No processo de seleção é possível utilizar as necessidades sentidas pela comunidade ou modelos pré determinados, comparando as condições propostas pelo modelo e as existentes na comunidade.

Para o levantamento da situação existente pode-se utilizar observação sistemática ou participante, questionários e entrevistas.

Dependendo do enfoque que se queira dar, os dados em relação ao aluno podem referir-se a suas expectativas para o futuro, sua situação atual de saúde, econômica, cultural, sua possibilidade de aprendizagem, seus interesses.

Cada um destes aspectos pode se constituir em um quadro de necessidades educacionais em particular, ou um quadro geral das mesmas.

44. KAUFMAN. op. cit. p. 43.

O mesmo acontece se forem levantadas as necessidades da comunidade, o enfoque do levantamento pode estar em função de soluções imediatas ou mediatas, da situação sócio-econômica-cultural existente, e outros aspectos que o pesquisador queira levar em consideração.

Portanto, na determinação das necessidades educacionais o pesquisador pode lançar mão de muitos recursos e técnicas de estudo para melhor defini-las.

Concluindo, considera-se que a determinação das necessidades educacionais deve abordar o maior número possível de as-pectos, atentando para soluções imediatas e mediatas e, principalmente, consultar as pessoas diretamente envolvidas no pro-cesso.

CAPÍTULO III

III ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS, EDUCACIONAIS, PSICOLÓGICOS E DE SAÚDE DA POPULAÇÃO DE PERIFERIA URBANA.

O objetivo deste capítulo é identificar aspectos sócio-econômicos, educacionais, psicológicos e de saúde, das populações de periferia urbana no Brasil e em especial na região metropolitana de Curitiba.

Aborda-se inicialmente os seguintes assuntos: significado de periferia urbana e aumento desta população, distribuição da população brasileira por faixa etária, saúde, escolarização e situação econômica da população brasileira, do Estado do Paraná e de Curitiba.

Ao final do capítulo analisa-se de modo qualitativo a linguagem, a utilização dos meios de comunicação social, hábitos, atitudes e valores da população de periferia urbana.

Infelizmente não se encontrou dados exclusivos à população de periferia urbana, que se constitui o enfoque principal desta pesquisa. No entanto, dos dados em geral é possível depreender informações valiosíssimas a respeito desta população.

Julga-se importante a caracterização feita neste capítulo, tendo em vista a mesma oferecer um quadro do contexto vital de uma população, na qual se enquadra a amostra sobre a qual incide o presente estudo. Torna-se possível, também efetuar-se comparações entre a situação local e a situação nacional, evidenciando os pontos de estrangulamento dos temas aborda

dos, de modo a caracterizar as situações de maior defasagem destas populações, permitindo a localização de suas maiores necessidades.

1 SIGNIFICADO DE PERIFERIA URBANA E AUMENTO DE SUA POPULAÇÃO

Entende-se por periferia urbana as regiões das grandes cidades que estão localizadas a uma distância considerável do centro urbano, mas não se constituem zona rural.

Outra característica em relação à periferia é a de que a renda das populações fixadas nestas regiões, geralmente, é inferior a cinco salários mínimos regionais. IPPUC¹.

O êxodo rural tem sido o principal fator no sentido do aumento do contingente populacional da periferia urbana², nas grandes cidades.

Este fenômeno pode ser verificado na Tabela 3, onde o crescimento da população urbana procedente da zona rural é evidenciado concretamente, pois em 1940 no Estado do Paraná do total da população 1 236 276 hab.³, 302 272 hab. (24%) residia na zona urbana, enquanto que 934 004 hab. (76%) residia na zona rural; em 1950 ocorre um aumento de 1%, em relação à situação de 1940, o que leva a população de zona urbana a aumentar para 528 288 hab. (25%) enquanto que a população rural decrescia, em relação a 1940, em 1% passando para 1 587 259 hab. (75%).

1. IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba in PASSOS, Maria Elizabeth, Miguel. Necessidades pedagógicas das crianças que freqüentam as séries iniciais do ensino de 1º grau nas escolas de periferia. Curitiba, 1983. Dissertação.

2. GUAZZELLI, Ecléa. A criança marginalizada. Porto Alegre, Globo, 1979. p. 1/3.

3. leia-se habitantes em hab.

E sucessivamente nos anos de 1960, aumento de seis por cento da população urbana em relação a 1950, 1970, aumento de cinco por cento da população urbana em relação a 1950, e em 1980 do total da população 7 631 478 hab. do Estado do Paraná, 4 472 406 hab. (59%) reside na zona urbana e 3 159 072 hab. (41%) reside na zona rural.

Assim, no período de 40 anos, a população urbana que em 1940 correspondia a 24% da população total do Estado do Paraná, passa em 1980 para 59% da população total do Estado, ou seja sofreu um aumento de 25%, ocorrendo a situação inversa em relação à população rural, ou seja em 40 anos ocorreu uma diminuição de 25% de sua população.

TABELA - 3

Distribuição espacial da população paranaense por zona urbana e rural de 1940 a 1980.

Ano	Curitiba						Estado Paraná					
	Urbana		Rural		Total		Urbana		Rural		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1940	111 450	48	121 102	52	232 552	100	302 272	24	934 004	76	1 236 276	100
1950	156 773	49	160 669	51	317 442	100	528 288	25	1 587 259	75	2 115 547	100
1960	384 252	73	140 405	27	524 657	100	1 327 190	31	2 943 992	69	4 271 182	100
1970	656 469	80	164 764	20	821 233	100	2 504 378	36	4 425 490	64	6 929 868	100
1980	1 326 437	92	115 412	8	1 441 849	100	4 472 406	59	3 159 072	41	7 631 478	100

Tabela montada com base nos dados da FUNABEM, Programa Nacional de Voluntariado Censo demográfico, IBGE, 1982.

1.1 Fatores que Contribuem para a Situação de Marginalização Social das Populações da Periferia Urbana.

O aumento da população urbana acrescido de outros fatores, tais como a utilização de uma tecnologia avançada, pela indústria, empregando uma maquinaria moderna que não utiliza muita mão-de-obra, gerando menos empregos, em contraste com o aumento progressivo da taxa de crescimento natural da população e a proveniente da migração rural, gera uma proporção cada vez maior de desocupados⁴.

O despreparo da população para utilizar as inovações tecnológicas também contribui para a situação de sub-emprego, desemprego ou ocupações ocasionais.

Estas circunstâncias contribuem para que a população da periferia urbana possua uma baixa-renda, diminuindo seu poder aquisitivo, diminuindo suas possibilidades de satisfazer suas necessidades de alimentação, habitação, saúde, educação, lazer, cultura, já apontadas anteriormente, contribuindo em consequência, para a marginalização social.

A situação de baixa-renda de determinadas camadas da população das regiões metropolitanas brasileiras pode ser verificada na Tabela 4, que apresenta os seguintes dados: do total 5 298 000 famílias de dez principais regiões metropolitanas brasileiras, 1 477 000 famílias (28%) possuem uma renda de até 1,55 salários mínimos regionais. A região metropolitana onde esta situação de baixa-renda é mais acentuada é Fortaleza, onde 110 000 famílias do total de 195 000 famílias (57%), possuem uma renda de até 1,55 salários mínimos regionais. São Paulo é a região metropolitana brasileira com menor índice de

4. GUAZZELLI, op. cit. p. 2/3.

famílias com renda de até 1,55 salários mínimos regionais, ou seja 309 000 famílias do total de 1 832.000 famílias (17%), das famílias possui uma renda de até 1,55 salários mínimos regionais. Em Curitiba a situação da baixa-renda familiar se apresenta da seguinte forma: 56 000 famílias do total de 177.000 famílias (32%) possui renda de até 1,55 salários mínimos regionais.

Tais dados confirmam que uma parcela significativa da população dos grandes centros urbanos, possui baixa-renda, que é um dos fatores determinantes da situação de carência e deficiências em que vivem as populações da periferia urbana.

TABELA - 4

Distribuição das famílias, discriminada por região metropolitana, segundo a participação na renda familiar.

Unidade: 1 000

Região Metropolitana	Total de famílias			
	Total geral		Renda de até 1,55 MR	
	N	%	N	%
Belém	114	100	49	23
Fortaleza	195	100	110	57
Recife	352	100	178	51
Salvador	219	100	92	42
Belo Horizonte	312	100	116	37
Brasília	104	100	31	30
Rio de Janeiro	1 632	100	427	27
São Paulo	1 832	100	309	17
Curitiba	177	100	56	32
Porto Alegre	361	100	109	30
Total das Regiões Metropolitanas	5 298	100	1 477	28

Fonte: Ministério da Previdência e Assistência Social - Secretaria de Assistência Social. FUNABEM, 1982.

A baixa renda, segundo a FUNABEM⁵, não permite muita participação no consumo de bens materiais e culturais e gera a incapacidade de melhorar as condições de habitação, saúde, educação e lazer.

As deficiências, carências e disfunções, destas populações, conforme a FUNABEM, podem ser assim compreendidas:

- a) quanto à mobilidade social - populações à margem dos serviços urbanos, afluxo de migrantes de baixa renda e desqualificados profissionalmente;
- b) quanto à habitação - ocupação indevida de terrenos, condições de vida em habitações inadequadas ou sub-humanas;
- c) quanto à saúde e saneamento - insuficiência de serviços, falta de hábitos considerados positivos socialmente, alto nível de doenças, ausência de práticas que favoreçam o desenvolvimento físico;
- d) quanto à economia e trabalho - desemprego, sub-emprego e falta de mercado de trabalho;
- e) quanto à educação e lazer da massa - analfabetos, semi-analfabetos, evasão, repetência, sem lazer, desinteresse pelo estudo.

Assim, estas manifestações de deficiência e carência podem provocar necessidades sociais.

Permanecendo este quadro, sem providências no sentido da superação das condições existentes, poderá ocorrer uma situação de marginalização social.

5. FUNDAÇÃO NACIONAL DO BEM ESTAR DO MENOR. Programa nacional de Voluntariado. Brasília, 1982. Documento.

Para Germani⁶ a falta de participação de indivíduos ou grupos, em esferas nas quais, de acordo com determinados critérios lhes corresponderia participar, significa uma forma de marginalização social.

A escola, como instituição social, pode contribuir para acentuar esta marginalização social, quando adota uma posição de seletividade, excluindo as populações que apresentam condições sócio-econômicas e culturais aquém das desejáveis. No entanto, quando a escola assume um caráter de promotora da ascensão social, esta situação se altera, pois o nível sócio-econômico de uma comunidade, por si só, pode não ser significativo. Isto é, o nível sócio-econômico baixo não caracteriza um rendimento escolar baixo, mas outros fatores que se associam ao nível sócio-econômico baixo podem resultar em fracasso escolar.⁷

Assim é possível que a escola, identificando e analisando os fatores que interferem na determinação das necessidades educacionais, possa modificar os resultados escolares obtidos pelas populações marginalizadas socialmente, de tal forma que o fracasso escolar seja substituído pelo sucesso escolar.

2 DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA POR FAIXA ETÁRIA.

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geogra-

6. GERMANI, G. El concepto de marginalidade. Buenos Aires, Nova Vision, 1973, p. 66.

7. POPPOVIC, Ana Maria, ESPOSITO, Yara Lúcia e CRUZ, Maria Chagas. Marginalização cultural: uma metodologia para seu estudo. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 7:11-60. jun./1963.

fia e Estatística⁸, do total da população brasileira 119 002 706 hab.- o maior índice de população está na faixa de zero a quatro anos de idade, correspondendo a 16 423 700 crianças (13,8%); o mesmo fenômeno ocorre na população de zona urbana 10 240 039 crianças do total de 80 436 409 hab. (13%) está na faixa de zero a quatro anos de idade, e na zona rural 6 183 661 crianças do total de 38 566 297 hab. (16%) está na faixa de zero a quatro anos.

À medida que a faixa etária avança diminui o número de habitantes. Em relação à faixa etária mais próxima ao 1º grau, incluindo crianças dos cinco aos 14 anos de idade, os dados indicam que 29 037 063 crianças do total da população 119 002 706 hab. (24,4%) sendo que 18 214 261 crianças do total da população (15%) está na zona urbana e 10 822 802 crianças do total da população (9%), está na zona rural. (vide Tabela 5).

Se o total de crianças da faixa de cinco a 14 anos de idade fosse distribuído em classes de aula com 35 alunos cada uma delas, somariam 829 630,3 classes de aula, este dado demonstra parte da abrangência da situação escolar da população brasileira. São dados assustadores da dimensão quantitativa da necessidade de escola no Brasil.

8. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IX Recenseamento geral do Brasil. Rio de Janeiro, 1982.

TABELA - 5

Distribuição da população brasileira por faixa etária

Faixa etária	População total		População da zona urbana		População da zona rural	
	N	%	N	%	N	%
0 a 4 anos	16 423 700	13,8	10 240 039	12,7	6 183 661	16,0
5 a 9 anos	14 773 741	12,4	9 137 402	11,4	5 636 339	14,6
10 a 14 anos	14 263 322	12,0	9 076 859	11,3	5 186 463	13,5
15 a 19 anos	13 575 971	11,4	9 229 764	11,5	4 346 207	11,3
20 e mais anos	59 965 972	50,4	42 752 345	53,1	17 213 627	44,6
Total	119 002 706	100	80 436 109	100	38 566 297	100

Tabela montada com base nos dados do censo demográfico, IBGE, 1982.

Obs.: na faixa etária de 20 anos e mais, foram consideradas as idades ignoradas.

3 SITUAÇÃO DE SAÚDE DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Como para que se possua boa saúde é necessária uma boa alimentação, inicialmente analisa-se o consumo de alimentos e nutrição, passando-se a seguir a questões de saúde propriamente dita.

A maior parte da população brasileira, não se alimenta bem; a este respeito Alves⁹ aponta que "grande parte dos brasileiros não consomem alimentos em quantidade suficiente", conforme os dados do ENDEF que estima por volta de 60% da população tem uma alimentação insuficiente, desses 60% da população, 34% tem um deficit de até 400 calorias e o restante da população, deficits acima desta marca. O número ideal de calorias corresponde de 2 700 a 2 800 por adulto no sexo masculino, 2 200 a 2 300 por adulto do sexo feminino.

Este autor observa também, que em 1976, mais de 80% da população economicamente ativa percebia uma renda abaixo da média¹⁰, e que grande parte desta população (que recebe renda abaixo da média) não tem condições de adquirir os alimentos necessários para um estado nutricional adequado.

Os estudos publicados pelo grupo de nutrição e comportamento da Creche Fé e Alegria¹¹, em São Paulo, evidenciam que

09. ALVES, Edgard Luiz. Desnutrição e pobreza no Brasil. algumas evidências. Cadernos de Pesquisas - São Paulo, Fundação Carlos Chagas. 29: 77-85. jun./1979.

10. A renda média da população em 1976 foi considerada Cr\$ 594,00; 50% da população recebia Cr\$ 140,00; 30% da população recebia Cr\$ 420,00, totalizando 80% da população com renda abaixo de Cr\$ 594,00, in ALVES, op. cit. p. 85.

11. GRUPO DE NUTRIÇÃO E COMPORTAMENTO DA CRECHE FÉ E ALEGRIA. Nosso cérebro também tem fome. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas. 29:31-5, jun./1979.

a subnutrição nos primeiros tempos de vida (vida intra uterina e primeiros meses após o nascimento) pode comprometer o desenvolvimento cerebral.

Segundo este grupo, o crescimento cerebral se dá em duas etapas: uma de proliferação e crescimento celular (final do período de gestação e primeiros meses de vida) e a segunda etapa de crescimento celular apenas (genericamente dos oito meses aos dois anos). Se na primeira etapa houver comprometimento da condição de nutrição da criança, haverá uma redução de tamanho e um menor número de células no cérebro, sendo estas consequências irreversíveis. Na segunda etapa, os comprometimentos têm efeito reversível.

Há evidências, segundo este mesmo grupo, de que a desnutrição acarreta uma redução do peso cerebral e do perímetro cefálico. Este fenômeno indica, uma diminuição do número e do tamanho das células cerebrais.

Este mesmo grupo coloca que, quando medida, a atividade dos circuitos nervosos em organismos desnutridos, observam-se alterações tais como prolongamento do tempo de condução, retardamento no processo de informações, aumento de latências e padrões anormais de resposta.

Assim, uma alimentação inadequada nos primeiros momentos de vida, ocasiona danos no desenvolvimento do sistema nervoso, refletindo nas possibilidades de aprendizagem. É possível deduzir que esta situação afete um maior número de crianças da periferia urbana, pois a maioria das famílias possui baixa renda, o que dificulta a aquisição de alimentos.

Pesquisa efetuada pela FETAEP, divulgada pela Voz do Paraná, levanta que dos 1 059 "bóias-frias", 58% tomam pela ma-

nhã, apenas café ou chá e 28% alimentam-se com pão e café pela manhã; 43% alimentam-se no almoço apenas com arroz e feijão, 26% acrescentam verduras e 23% acrescentam farinha de mandioca. A refeição do jantar é igual à do almoço, onde predomina feijão e arroz.¹²

Na Tabela 6 é possível verificar que a população da Região Sul do Brasil, situada na faixa de renda de até quatro salários mínimos, não consome o número de calorias estabelecidas como necessárias a uma boa alimentação, isto é, a população localizada nesta faixa salarial consome 2 062 calorias diárias, e o estabelecido é de 2 700 a 2 800 para o homem, 2 200 a 2 300 para a mulher.

A "subnutrição grave, quando coincidindo com o período crítico do desenvolvimento acelerado do encéfalo (último trimestre da gestação e primeiros 6 a 12 meses de vida extra uterina) causa alterações acentuadas do desenvolvimento mental que persistem, ao menos em grande parte depois do restabelecimento da nutrição normal".¹³

A este respeito também, Alves¹⁴, como se verificou anteriormente, indica que 33% da população brasileira que recebe até dois salários mínimos possivelmente não tem uma alimentação adequada por falta de condições de aquisição de alimentos e não por falta de hábitos adequados de alimentação.

12. NEVES, Lafaiete Santos e ROLIM, Maria do Carmo M. Brandão. Conseqüências do processo migratório. Voz do Paraná. Fev. 1980.

13. SILVA, Alberto Carvalho. Pobreza, desenvolvimento mental e desempenho escolar. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 29:7-9, jun./1979.

14. ALVES, Cadernos de Pesquisa. p. 84/5.

TABELA - 6

Índices de consumo de calorias diárias
da Região Sul do Brasil.

Alimentos	Número de calorias consumidas diariamente segundo a renda familiar.		
	Até 4 salários mínimos	Até 10 salários mínimos	Mais de 10 salários mínimos
Cereais	912	1 073	988
Tubérculos	148	157	119
Açúcares	277	334	334
Leguminosas	262	212	144
Legumes	15	24	33
Frutas	15	37	66
Carnes	103	213	327
Ovos, queijos, leite	82	171	247
Óleos	238	335	377
Bebidas diversas	10	23	49
Total de calorias	2 062	2 579	2 684

OBS.: - consumo diário ideal de calorias por adulto:

. homem: 2 700 a 2 800.

. mulher: 2 200 a 2 300

FONTE: SESB - DAMI

IBGE - ano base 1975.

Outro aspecto importante na saúde é representado pelas freqüentes doenças infecciosas e parasitárias a que estão expostas as crianças das populações de baixa renda. A doença prejudica o desenvolvimento das crianças por enfraquecer seu organismo, aumentando suas necessidades de energia e de nutrientes, e ao mesmo tempo reduz a sua ingestão; quer por perda de apetite, quer pelo hábito de se reduzir os alimentos nos períodos de febre. Também a socialização infantil é prejudicada pela deficiência na área de saúde, pois no período de doença a criança fica isolada reduzindo seu convívio com as demais crianças, o que normalmente já é insuficiente.¹⁵

Como se pode concluir, as carências na saúde, por má nutrição, ou doenças freqüentes afetam o desenvolvimento escolar dos alunos, pois, em 8 entre 11 casos de mau desempenho escolar, a subnutrição, o peso corporal e a saúde são preditores significativos.¹⁶

4 SITUAÇÃO DE ESCOLARIZAÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Segundo os dados do censo demográfico de 1980 (Tabela 7) 67,9% da população brasileira, acima de cinco anos sabe ler e escrever. Excluindo-se a população de cinco e seis anos de idade, que ainda pela determinação legal não se está em idade escolar, obrigatoriamente, 27 146 069 de pessoas com idade igual a sete anos de idade ou mais (26%), não sabem ler e escrever.

15. SILVA, op. cit. p. 7/9.

16. SCHIEFELBEIN, Ernesto & SIMMONS, John. Os determinantes do desempenho escolar: uma revisão de pesquisas nos países em desenvolvimento. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas. 35:53-71. Nov./1980.

Os dados também indicam que do total da população de cinco anos de idade ou mais 32 731 347 hab. (31,9%) não sabe ler ou escrever, e destes, 8 429 222 hab. (8%) se encontra na faixa dos sete aos 14 anos de idade. Estes dados indicam que possivelmente esta população, que está em idade escolar (sete a 14 anos de idade), não frequenta a escola.

Verifica-se ainda, conforme a Tabela 7, que em cada faixa etária existe uma porcentagem significativa de pessoas que não sabem ler ou escrever, como por exemplo, das crianças de oito anos, que poderiam ter concluído a 1ª série, possivelmente estariam alfabetizadas, 1 536 774 hab. (54%) não sabe ler e escrever; esta situação também ocorre aos nove anos de idade com um índice de 41% de crianças desta faixa etária, bem como há 35% de crianças com 10 anos de idade que apresenta o mesmo problema, sendo que na faixa etária dos 19 anos de idade há menor índice de pessoas que não sabem ler ou escrever ou seja, 15%.

Na faixa etária de cinco e seis anos de idade há maior incidência de crianças que não sabem ler ou escrever, o que é natural, de vez que esta faixa etária é considerada ainda em período de prontidão para alfabetização.

Verifica-se que do total da população de cinco anos de idade ou mais, 14,3% possui o número de anos de estudos correspondente ao 1º grau, ou seja oito anos de instrução. Comparando os dados do número de anos de instrução com o número de anos de idade, obtém-se o seguinte resultado: do total da população de cinco anos de idade ou mais, 14,3% tem oito anos de estudo, portanto comparando estes dois dados, 63% da população com mais de 14 anos possivelmente não concluiu o 1º grau. (vide Tabela 8).

TABELA - 7

Situação de escolarização da população brasileira de 5 anos de idade ou mais.

Grupos de idade	N	sabem ler e escrever		por faixa etária		em relação ao total da população		não sabem ler e escrever		por faixa etária		em relação ao total da população	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
5 anos	3 086 516	92 567	3	2 940 145	0,92	2 940 145	97	2 940 145	2,8				
6 anos	2 968 742	302 046	10	2 645 133	0,29	2 645 133	90	2 645 133	2,5				
7 anos	2 990 544	915 231	31	2 063 604	0,89	2 063 604	69	2 063 604	2,0				
8 anos	2 904 049	1 359 936	96	1 536 774	1,33	1 536 774	54	1 536 774	1,5				
9 anos	2 823 890	1 665 799	59	1 152 396	1,62	1 152 396	41	1 152 396	1,1				
10 anos	2 976 401	1 923 126	65	1 049 585	1,87	1 049 585	35	1 049 585	1,0				
11 anos	2 811 079	2 023 059	72	785 378	1,97	785 378	28	785 378	0,76				
12 anos	2 879 786	2 157 661	75	719 898	2,10	719 898	25	719 898	0,70				
13 anos	2 760 579	2 176 790	79	582 141	2,12	582 141	21	582 141	0,56				
14 anos	2 835 477	2 294 510	81	539 446	2,24	539 446	19	539 446	0,52				
15 anos	2 896 258	2 379 067	82	516 141	2,32	516 141	18	516 141	0,50				
16 anos	2 826 448	2 337 944	84	487 607	2,28	487 607	16	487 607	0,47				
17 anos	2 749 390	2 306 956	84	441 737	2,25	441 737	16	441 737	0,43				
18 anos	2 663 581	2 237 653	84	425 190	2,18	425 190	16	425 190	0,41				
19 anos	2 440 294	2 074 881	85	364 695	2,02	364 695	15	364 695	0,35				
20 a 24 anos	11 513 220	9 709 924	84	1 799 071	9,47	1 799 071	16	1 799 071	0,17				
25 a 29 anos	9 442 217	7 738 956	82	1 699 039	7,54	1 699 039	18	1 699 039	0,16				
30 a 34 anos	7 686 290	5 999 500	78	1 683 251	5,85	1 683 251	22	1 683 251	0,16				
35 anos ou mais	29 504 245	20 008 387	68	10 180 116	19,50	10 180 116	32	10 180 116	0,99				
Total	102 582 989	69 703 993	68,1	32 731 347	67,9	32 731 347	31,9	32 731 347	32,1				

Tabela montada com base nos dados do IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Senso Demográfico, 1980.

TABELA - 8

Distribuição da população brasileira
por anos de estudo.

Nº de anos de estudo	N	%
Sem instrução ou menos de 1 ano	35 977 983	35,07
1 ano	6 531 213	6,37
2 anos	8 250 191	8,04
3 anos	9 661 192	9,42
4 anos	18 237 584	17,78
5 anos	3 419 468	3,33
6 anos	3 008 973	2,93
7 anos	2 752 265	2,69
8 anos	4 722 227	4,60
9 anos	1 288 125	1,26
10 anos	1 317 205	1,28
11 anos	4 192 178	4,09
12 anos	444 297	0,43
13 anos	428 403	0,42
14 anos	498 874	0,49
15 anos	1 076 663	1,05
16 anos	468 458	0,45
17 anos	228 950	0,23
Anos não determinados	78 740	0,07
Total	102 582 989	100,00

Tabela montada com base nos dados do IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Senso Demográfico, 1980.

A situação no Estado do Paraná, de acordo com os dados da Tabela 9, é de que 26% da população não sabe ler ou escrever e 74% da população sabe ler e escrever. O maior índice da população que sabe ler ou escrever situa-se na faixa dos 15 aos 19 anos de idade (91%) seguida da população de 20 a 24 anos de idade (89%) e da população de 10 a 14 anos de idade (88%). A faixa etária que possui maior índice da população que não sabe ler e escrever situa-se na faixa dos cinco aos nove anos (63%).

TABELA - 9

Situação de escolaridade da população do Estado do Paraná com cinco anos de idade ou mais.

Grupos de idade	Sabem ler e escrever		Não sabem ler e escrever		Total
	N	%	N	%	
05 a 09 anos	368 618	37	616 877	63	992 687
10 a 14 anos	871 577	88	122 429	12	994 579
15 a 19 anos	833 418	91	83 696	9	917 250
20 a 24 anos	651 170	89	80 219	11	731 557
25 a 29 anos	511 191	86	84 830	14	596 204
30 a 34 anos	397 535	82	89 328	18	487 002
35 anos ou mais	1 261 965	67	621 606	33	1 884 284
Total	4 895 474	74	1 698 985	26	6 603 563

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa por Amostra de Domicílios, IBGE, 1982.

Ainda, evidencia-se que do total da população do Estado do Paraná, que 10,4% do total desta população é sem instrução

ou tem menos de um ano, e os índices mais significativos estão nos três anos de instrução (10,7%) quatro anos de instrução (22,3%) e nove a 11 anos de instrução (13,9%). Assim 46% da população do Estado do Paraná possui de um a quatro anos de instrução, e apenas 21% da população deste Estado possui acima de oito anos de instrução. (vide Tabela 10).

TABELA - 10

Distribuição das pessoas de 10 anos de idade ou mais, segundo os anos de estudo, no Estado do Paraná.

Anos de estudo	N	%
Sem instrução e menos de 1 ano	125 594	10,4
1 ano	56 404	4,7
2 anos	100 112	8,3
3 anos	128 975	10,7
4 anos	269 292	22,3
5 anos	63 395	5,3
6 anos	50 256	4,2
7 anos	48 878	4,0
8 anos	102 368	8,5
9 a 11 anos	167 412	13,9
12 anos ou mais	90 253	7,5
Anos de estudo não determinados	2 481	0,2
Sem declaração	-	-
Total	1 205 420	100,0

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa por Amostra de Domicílios, IBGE, 1982.

Em relação ao total da população brasileira, é possível deduzir que o Estado do Paraná tem índices ligeiramente superiores ao da população brasileira quanto ao número de pessoas que sabem ler ou escrever (no Brasil 67,9%, no Paraná 74%). Quanto ao número de anos de instrução a situação da população do Estado do Paraná se apresenta com maior número de anos de instrução que a população do Brasil, ou seja 21% da população do Estado do Paraná possui instrução acima de oito anos, enquanto 9,7% da população brasileira possui o número de anos de instrução acima referido. Fato semelhante ocorre em relação à instrução compreendida entre um a quatro anos, na população brasileira 41,6% e na paranaense 46%, sendo que a situação da população sem instrução ou com menos de um ano apresenta menor índice no Estado do Paraná 10,7% enquanto que 35,07% da população brasileira tem menos de um ano de instrução ou não tem instrução.

Outros dados relativos às pessoas de sete anos ou mais, que nunca frequentaram a escola, revelam que, 38,8% foi motivado por falta de escola, acrescido de 2,8% por falta de vaga e 35,8% por necessidade de trabalhar, dados estes verificáveis na Tabela 11.

Portanto, há muito por fazer em relação à escolarização elementar da população brasileira.

TABELA - 11

Distribuição de pessoas que nunca freqüentaram a escola no Brasil, de acordo com o motivo apresentado

Motivo de nunca terem freqüentado curso	N	%
Necessidade de trabalhar	47 172	35,9
Falta de escola	50 958	38,8
Falta de vaga	3 664	2,8
Outro	29 397	22,4
Total	131 191	100,0

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa Nacional de Domílios - IBGE, 1982.

5 SITUAÇÃO ECONÔMICA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA.

Em relação à situação econômica enfoca-se o rendimento médio mensal, a relação entre escolaridade e nível de rendimento e a renda média mensal.

5.1 Rendimento Mensal

A população brasileira de acordo com o censo de 1980, apresenta a seguinte situação em relação à renda mensal: do total da população acima de 10 anos de idade ou mais 87 811 196 hab., 41 244 409 hab. (46,7%) não possui rendimento mensal algum; 17 859 465 hab. (20,3%) tem como renda média mensal até um salário mínimo; acima de cinco salários estão situados apenas 5 124 496 hab. (5,8%).

No Estado do Paraná a situação de rendimento médio mensal está bastante próxima da situação nacional 2 823 390 hab.

(50,3%) do total da população de 10 anos de idade ou mais do Estado (5 611 452 hab.) não possui rendimento mensal, quatro por cento a mais que o índice do total da população brasileira; 417 963 hab. (18,3%) da população de 10 anos ou mais do Estado, tem um rendimento médio mensal de até um salário mínimo, dois por cento a menos que o índice nacional e acima de cinco salários situam-se 270 811 hab. (4,8%) da população estadual de 10 anos ou mais, um por cento a menos que o índice nacional. Estes dados podem ser verificados na Tabela 12.

TABELA - 12

Distribuição das pessoas com 10 anos de idade ou mais, por nível de rendimento mensal, no Brasil e no Estado do Paraná.

Rendimento mensal médio (salário m <u>í</u> nimo.	no Brasil		no Estado do Paraná	
	N	%	N	%
Até 1/4	2 120 915	2,4	115 742	2,1
Mais de 1/4 a 1/2	5 358 187	6,1	302 221	5,4
Mais de 1/2 a 1	10 380 363	11,8	607 451	10,8
Mais de 1 a 2	13 039 599	14,8	900 610	16,0
Mais de 2 a 5	10 744 890	11,7	578 441	10,3
Mais de 5 a 10	3 119 227	3,6	162 724	2,9
Mais de 10 a 20	1 359 066	1,5	73 941	1,3
Mais de 20	646 203	0,7	34 146	0,6
Sem rendimento	41 244 409	46,7	2 823 390	50,3
Sem declaração	298 337	0,3	12 786	0,2
Total	87 811 196	100,0	561 145	100,0

Tabela montada com base nos dados do Censo Demográfico de 1980. IBGE.

Em relação ao rendimento mensal recebido pela população brasileira, de acordo com a pesquisa nacional de domicílios de 1982, é possível descrever a situação do seguinte modo: 41,0% da população da amostra de domicílios não possui rendimento mensal, incluídos os que recebem em benefícios, 14% da população recebe até um salário mínimo mensal, 28% da população recebe de mais de um até três salários mínimos mensais, e apenas 9,1% da população da amostra recebe acima de cinco salários mínimos mensais. Tais dados confirmam que a população brasileira, na sua maioria, tem um nível de renda baixo. (vide Tabela 13).

TABELA - 13

Distribuição da população brasileira de 10 anos ou mais segundo as classes de rendimento mensal.

Classes de rendimento mensal	N	%
Até 1/2 salário mínimo	56 598	4,7
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	111 671	9,3
Mais de 1 a 2 salários mínimos	229 146	19,0
Mais de 2 a 3 salários mínimos	108 420	9,0
Mais de 3 a 5 salários mínimos	93 598	7,8
Mais de 5 a 10 salário mínimos	68 005	5,6
Mais de 10 salários mínimos	41 845	3,5
Sem rendimento	495 278	41,0
Sem declaração	859	0,1
Total	1 205 420	100,0

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, IBGE, 1982.

5.2 Relação entre Nível de Escolaridade e Salário.

Outra situação a ser considerada, em continuação, é a relação entre nível de escolaridade e os salários recebidos.

Dados da FUNABEM (Tabela 14), indicam que o nível de escolaridade tem influenciado, significativamente, nos salários recebidos. As pessoas sem instrução e com instrução de um a quatro anos, em sua grande maioria (74,3%) recebe até um salário, e apenas 1,9% de pessoas sem instrução recebe mais de 10 salários. As pessoas de instrução nível superior tem uma remuneração mais favorecida, apenas 0,7% recebe até dois salários mínimos, os demais deste nível de escolaridade recebem acima. Estes indicadores revelam uma valorização, no sentido econômico do nível de escolaridade.

TABELA - 14

Distribuição da população economicamente ativa na Região Sul do Brasil, por nível de renda e tempo de estudo.

Faixa salarial	Tempo de estudo					
	Sem inst. e menos de 1 ano	De 1 a 4 anos	De 5 a 8 anos	De 9 a 11 anos	De 12 a 17 anos	Sem Decl.
Até 1 salário	26,5	47,8	21,3	3,8	0,5	0,1
Mais de 1 a 2 salários	14,0	48,8	26,6	8,2	0,2	0,2
Mais de 2 a 3 salários	8,6	45,5	29,5	11,8	4,3	0,4
Mais de 3 a 5 salários	7,3	39,0	29,6	14,1	9,8	0,2
Mais de 5 a 10 salários	3,6	28,6	28,4	19,7	19,1	0,6
Mais de 10 salários	1,9	18,4	18,7	18,2	42,8	0,1
Sem rendimento	14,9	66,1	18,2	1,3	0,1	-
Sem declaração	2,3	22,7	20,4	12,2	18,5	4,9

Fonte: FUNDAÇÃO DO BEM ESTAR DO MENOR, Programa. . . , 1982.

Esta situação se configura da mesma forma em 1982, onde 100% dos que ganham um salário mínimo possuem 1º grau, e à medida que os salários aumentam, aumenta o grau de escolaridade, 79% dos que ganham de um a dois salários possuem 1º grau e apenas nove por cento, curso superior; 54% dos que ganham de dois a cinco salários possuem 1º grau e 21% curso superior, enquanto que apenas 14% dos que ganham mais de 10 salários possuem 1º grau e 60% possui grau superior. Estes dados são verificáveis na Tabela 15.

TABELA - 15

Distribuição da população de 10 anos de idade ou mais, economicamente ativa no Brasil, segundo a renda mensal e grau de estudo.

Faixa salarial Tempo de estudo	Até 1 salário		Mais de 1 a 2 salários		Mais de 2 a 5 salários		Mais de 5 a 10 salários		Mais de 10 salários	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1º grau	108	100	2 907	79	9 248	54	6 552	34	1 828	14
2º grau	-	-	431	12	4 190	25	6 233	33	3 436	26
Superior	-	-	323	9	3 657	21	6 341	33	7 857	60
Total	108	100	3 661	100	17 095	100	19 126	100	13 121	100

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, IBGE, 1982..

A situação de baixa renda, registrada, acarreta uma série de limitações na aquisição de bens, além das já citadas. Dentre essas outras verifica-se a impossibilidade de adquirir li-

vros, revistas, brinquedos. Estas aquisições contribuem na obtenção e aprimoramento de conhecimentos e habilidades que são valorizadas pela escola.¹⁷

6. SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA E EDUCACIONAL DA POPULAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA E CIDADE DE CURITIBA.

Em relação aos aspectos sócio-econômicos e educacionais que interferem na definição das necessidades educacionais da população da região Metropolitana e cidade de Curitiba foram encontrados dados relativos à densidade populacional, situação econômica (renda, habitação, relação escolaridade x nível de renda), educacional (grau de instrução, índice de alfabetização, desistência escolar, existência de livros).

Os dados estão organizados considerando a região metropolitana como um todo e, em algumas situações, há o detalhamento dos bairros da cidade de Curitiba sendo possível, neste caso, inferências sobre a periferia urbana.

6.1 Dados Gerais da População.

De acordo com o censo demográfico de 1980, Curitiba possui 1 597 398 habitantes. Quanto à distribuição através das faixas etárias dessa população verifica-se que a faixa etária que concentra maior índice populacional é a de zero a quatro anos (13,1%), seguida da faixa de cinco a nove anos (11,4%), a de 10 a 14 anos concentra-se 10,6% da população enquanto que na de 15 a 19 anos outros 10,8%. Verifica-se que a cada faixa etária subsequente há um decréscimo do índice percentual, sig-

17. SCHIEFELBEIN, op. cit. p. 53-71.

nificando que 46% da população está distribuída de zero a 18 anos, e 54% da população de 20 a 70 anos de idade ou mais, o que faz de Curitiba uma cidade de população jovem. (vide Tabela 16).

Quanto à população em idade escolar, do pré-escolar e 1º grau, isto é dos cinco aos 14 anos, verifica-se que a mesma totaliza 351 766 habitantes (22%). Essa população corresponderia a 10 050 classes de alunos com 35 alunos cada uma delas, o que indica uma demanda escolar significativa.

TABELA - 16

Distribuição da população da região Metropolitana de Curitiba, por faixa etária.

Grupos de idade	Total	%
0 a 4 anos	209 627	13,1
5 a 9 anos	182 351	11,4
10 a 14 anos	169 415	10,6
15 a 19 anos	172 773	10,8
20 a 24 anos	165 517	10,4
25 a 29 anos	145 357	9,0
30 a 34 anos	125 802	7,9
35 a 39 anos	97 941	6,1
40 a 44 anos	72 667	4,5
45 a 49 anos	63 766	4,0
50 a 54 anos	60 504	3,8
55 a 59 anos	48 035	3,0
60 a 64 anos	30 826	1,9
65 a 69 anos	23 472	1,5
70 anos ou mais	29 345	1,8
Idade ignorada	-	-
Total	1 597 398	99,8

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, IBGE, 1982.

6.2 Tamanho Médio da Família Curitibana.

A densidade de habitantes por domicílio na cidade de Curitiba, de acordo com o Projeto CURA¹⁸, varia entre três a cinco moradores. Da mesma forma o tamanho médio da família curitibana flutua de três a seis membros, conforme os dados da Tabela 17. É possível deduzir que as famílias curitibanas não chegam a compor um quadro de alta densidade populacional.

18. IPPUC, Projeto CURA.

TABELA - 17

Distribuição das famílias nos bairros de Curitiba, de acordo com o número de pessoas que as compõem

Bairro	Família média	Bairro	Família média
São Francisco	3,9	Hauer	4,2
Alto Rua XV	3,9	Fanny	4,9
Cristo Rei	4,3	Lindóia	6,1
Rebouças	3,9	Novo Mundo	4,8
Água Verde	3,8	Fazendinha	4,9
Batel	3,3	Santa Quitéria	4,5
Bigorrião	4,1	Campo Comprido	4,6
Mercês	4,0	Mossunguê	4,7
Bom Retiro	4,1	Santo Inácio	4,5
Ahú	4,2	Cascatina	4,7
Cabral	4,0	São João	5,4
Hugo Lange	4,1	Taboão	4,2
Tarumã	4,5	Abranches	4,9
Capão da Imbuia	4,3	Cachoeira	5,0
Cajuru	4,7	Barreirinha	4,7
Jardim das Américas	4,7	Santa Cândida	5,0
Guabirotuba	4,7	Tingui	4,8
Prado Velho	5,3	Atuba	4,6
Parolin	4,4	Boqueirão	4,8
Guaíra	4,3	Xaxim	4,7
Portão	4,8	Capão Raso	4,9
Vila Izabel	4,6	Orleans	4,9
Seminário	3,9	São Braz	4,9
Campina do Siqueira	4,6	Butiatuvinha	4,4
Vista Alegre	4,7	Santa Felicidade	4,7
Pilarzinho	4,8	Alto Boqueirão	4,9
São Lourenço	4,4	Sítio Cercado	5,6
Boa Vista	5,8	Pinheirinho	4,7
Bacacheri	4,3	Umbará	4,8
Bairro Alto	6,4	CIC	5,2
Uberaba	4,9	TOTAL - (CURITIBA)	4,5

FONTE: IPPUC, Setor de Pesquisa, Projeto CURA, Agosto 1979

6.3 Situação Econômica da População da região Metropolitana de Curitiba.

6.3.1 Rendimento Mensal

Segundo dados do IBGE¹⁹, 79% da população acima de 10 anos de idade da região Metropolitana de Curitiba possui rendimento inferior a cinco salários mínimos. Esta faixa de salários é considerada, como faixa salarial de população periférica segundo a conceituação utilizada pelo IPPUC²⁰. Na faixa superior a cinco salários como rendimento mensal, situam-se apenas 14% da população da região Metropolitana de Curitiba.

TABELA - 18

Distribuição da população de 10 anos de idade ou mais da região Metropolitana de Curitiba de acordo com o rendimento mensal.

Classes de rendimento mensal de todos o trabalhos	Pessoas ocupadas de 10 anos ou mais.	
	N	%
Até 1 salário mínimo	130 460	20
Mais de 1 a 2 salários mínimos	213 524	33
Mais de 2 a 5 salários mínimos	181 895	28
Mais de 5 salários mínimos	93 186	14
Sem rendimento	25 512	4
Sem declaração	859	1
Total	645 436	100

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. IBGE, 1982.

19. IBGE, op. cit.

20. IPPUC, op. cit.

6.3.2 Renda Média da População de Curitiba.

A renda média das famílias de Curitiba está concentrada em maior número na faixa de um a três salários mínimos regionais.

Nos bairros de periferia a frequência na faixa de até um salário varia de 0,6% das famílias na Vila Hauer, e 12,8% das famílias no Umbará.

O projeto CURA indica (vide Tabela 19) que a renda média das famílias dos bairros de periferia de Curitiba, varia entre quatro salários no Cabral e 6,4 salários no Bairro Alto, com maior incidência na faixa de quatro a cinco salários mínimos regionais.

Nesta mesma tabela pode-se observar que as famílias dos bairros Sítio Cercado, Pinheirinho, Capão Raso, Fazendinha, Campo Comprido, Mossunguê, São Braz, São João, Bairro Alto e Santa Cândida têm uma renda média familiar situada entre três a quatro salários mínimos regionais.

Foi também possível verificar, que as famílias dos bairros Umbará, Xaxim, Boqueirão, Uberaba, Cajuru, Órleans, Butiatuvinha, Santa Felicidade, Taboão, Cachoeira, Barreirinha, Atuba, Vila Lindóia, situam-se na faixa de renda média familiar de quatro a cinco salários mínimos regionais.

As famílias dos bairros Novo Mundo, Portão, Santa Quitéria, Cascatinha, Pilarzinho, Abranches, Boa Vista, Tinguí, Capão da Imbuia situam-se na faixa de cinco a seis salários mínimos regionais como renda média familiar.

A população dos bairros de São Francisco, Alto da Rua XV, Cristo Rei, Rebouças, Batel, Bigorrião, Bom Retiro, Ahú, Cabral, Hugo Lange, Tarumã, Jardim das Américas, Parolim, Semi

nário, Vista Alegre, localizados mais no centro da cidade ou nas proximidades do centro, possui uma renda média mensal superior a oito salários mínimos regionais.

Como se pode verificar, a renda média mais alta está nos bairros do centro da cidade, e a renda média mais baixa aparece nos bairros periféricos, pode-se inferir que a população periférica possui menor poder aquisitivo, que a população do centro da cidade, pois nos bairros de periferia se encontram os maiores índices de salários mais baixos.

TABELA - 19

Distribuição da renda média familiar dos bairros de Curitiba.

Bairro	Renda média (em SMR)	Bairro	Renda média (em SMR)
São Francisco	8,1	Hauer	6,7
Alto Rua XV	10,3	Fanny	5,2
Cristo Rei	8,5	Lindóia	4,5
Rebouças	8,6	Novo Mundo	5,3
Água Verde	7,6	Fazendinha	3,6
Batel	12,7	Santa Quitéria	5,6
Bigorrião	9,6	Campo Comprido	3,8
Mercês	7,9	Mossunguê	3,6
Bom Retiro	9,0	Santo Inácio	4,7
Ahú	8,9	Cascatinha	5,0
Cabral	8,7	São João	3,9
Hugo Lange	9,5	Taboão	4,1
Tarumã	11,7	Abranches	5,7
Capão da Imbuia	5,4	Cachoeira	4,2
Cajuru	4,5	Barreirinha	4,3
Jardim das Américas	8,7	Santa Cândida	3,7
Guabirota	7,9	Tinguí	5,2
Prado Velho	7,0	Atuba	4,5
Parolim	9,0	Boqueirão	4,8
Guaíra	5,9	Xaxim	4,1
Portão	5,7	Capão Raso	3,7
Vila Izabel	7,9	Orleans	4,7
Seminário	9,1	São Braz	3,6
Campina do Siqueira	5,2	Butiatuvinha	5,3
Vista Alegre	8,3	Santa Felicidade	4,9

Fonte: IPPUC, Projeto CURA, Agosto 1979.

6.3.3 Relação entre Número de Anos de Estudo e Rendimento Mensal da região Metropolitana de Curitiba.

A situação a respeito do grau de escolaridade e rendimento mensal, na região Metropolitana de Curitiba, se configura da seguinte forma: do total de pessoas que recebem até um salário mínimo mensal 17% não possui instrução ou tem menos de um ano, 54% da população possui de um a quatro anos de instrução 22% possui de cinco a oito anos de instrução e sete por cento da população possui nove anos ou mais de instrução; do total de pessoas que recebem de um a dois salários 11% são sem instrução ou possuem menos de um ano de instrução, 49% possui de um a quatro anos de escolaridade, 24% possui de quatro a oito anos de escolaridade e 16% possui mais de nove anos de escolaridade; e à medida que o rendimento mensal é maior, é também maior o índice de escolaridade, pois dos que ganham acima de cinco salários, um mínimo de 0,2% não possuem instrução ou têm menos de um ano de instrução, 16% possui de um a quatro anos de instrução, 12,8% possui de cinco a oito anos de instrução e uma maioria significativa das pessoas desta faixa salarial (71%) possui mais de nove anos de instrução.

Desta forma fica evidenciada a relação da escolaridade em relação ao rendimento mensal. Esta evidência, foi constatada também, a nível nacional, conforme Tabelas 14 e 15. Portanto um maior de número de anos de instrução, possibilita, de modo geral, a obtenção de melhores salários.

TABELA - 20

Distribuição das pessoas ocupadas da região Metropolitana de Curitiba de acordo com anos de estudo e rendimento mensal.

Classes de rendimento mensal familiar	Anos de estudo				
	sem instrução	1 a 4 anos	5 a 8 anos	9 anos ou mais	Total
	%	%	%	%	%
Até 1 salário mínimo	17	54	22	7	100
Mais de 1 a 2 salários mínimos	11	49	24	16	100
Mais de 2 a 3 salários mínimos	4	41	24	31	100
Mais de 3 a 5 salários mínimos	2	29	21	48	100
Mais de 5 salários mínimos	0,2	16	12,8	71	100

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, IBGE, 1982.

6.4 Situação de Escolaridade da População da região Metropolitana de Curitiba.

Em relação à escolaridade da população da região Metropolitana e cidade de Curitiba focalizam-se os seguintes aspectos, índices de alfabetização, escolaridade propriamente dita e evasão escolar.

6.4.1 Alfabetização da População da região M. de Curitiba

Em relação à alfabetização da população de cinco anos de idade ou mais da região Metropolitana de Curitiba, os dados indicam que 84,2% é alfabetizada, enquanto que 15,8% não é al-

fabetizada. A proporção de alfabetizados por grupo de idade di mensiona-se da seguinte forma: dos cinco aos seis anos de idade, 92% não apresenta esta condição, o que é natural, pois esta faixa etária, costumeiramente, não é considerada em idade escolar propriamente dita. Em relação aos outros grupos de idade, verifica-se que dos sete aos nove anos, 33% da população não é alfabetizada, e dos 50 anos ou mais de idade, também são encontrados índices de 23% de não alfabetizados, enquanto que nos grupos compreendidos entre 10 e 14 anos de idade, uma mino ria de sete por cento não é alfabetizada, e apenas quatro por cento da população entre 15 e 29 também não apresenta a condição de alfabetização. Conseqüentemente, a maioria da população desta faixa etária é alfabetizada. Portanto, de acordo com estes dados pode-se afirmar que a população da região Metropolitana de Curitiba, em sua maioria é alfabetizada. (vide Tabela 21).

TABELA - 21

Distribuição da população de cinco anos de idade ou mais, da região Metropolitana de Curitiba, segundo os índices de alfabetização.

Grupos de idade	Alfabetizada		Não alfabetizada		Total	
	N	%	N	%	N	%
5 a 6 anos	6 242	8	69 633	92	75 875	100
7 a 9 anos	72 895	67	33 581	33	106 476	100
10 a 14 anos	158 221	93	11 194	7	169 415	100
15 a 19 anos	166 096	96	6 677	4	172 773	100
20 a 29 anos	297 735	96	13 139	4	410 874	100
30 a 49 anos	419 544	89	40 632	11	360 176	100
50 anos ou mais	148 229	77	43 953	23	192 182	100
Total	1 168 962	84,2	218 809	15,8	1 387 771	100

Tabela elaborada com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, IBGE, 1982.

6.4.2 Situação de Escolaridade da População da Cidade de Curitiba.

Quanto ao grau de escolaridade, segundo dados do IPPUC²¹, conforme Tabela 22, a população da cidade de Curitiba expressa-se do seguinte modo: aproximadamente seis por cento do total da mesma não possui nenhum grau de escolaridade sendo que os bairros de Alto Boqueirão, Butiatuvinha, Xaxim, Sítio Cercado, Umbará, Prado Velho e Pinheirinho, são os que apresentam os maiores índices de pessoas sem escolaridade. Enquanto que, os bairros do Seminário, Cachoeira, Alto da Rua XV, Tarumã, Bom Retiro, Vista Alegre, Rebouças e Hugo Lange apresentam índices inferiores a dois por cento de pessoas sem escolaridade.

Em relação à escolaridade de 1ª à 4ª série, 42,3% da população de Curitiba possui este nível escolar, sendo que os bairros em que os índices indicam um maior número de pessoas nesta condição são os de Cachoeira, Pinheirinho, Sítio Cercado, Umbará, Fazendinha, Bairro Alto, Mossunguê, CIC, Santo Inácio e São Braz.

Com referência à escolaridade de 5ª à 8ª série ocorre uma queda em relação à 1ª à 4ª série, pois os índices indicam que 25,4% da população de Curitiba a possui. A manifestação desta condição nos bairros da cidade oscila, em sua grande maioria, entre 20% a 30%.

E à medida que se avança no grau de escolaridade, diminuem os índices da população que possuem graus mais elevados. Assim, 15,5% da população frequentou o 2º grau, enquanto que apenas 8,7% da população possui o curso superior.

21. IPPUC, op. cit.

Os dados demonstram, também, que uma pequena parte da população completou sua escolaridade através do ensino supletivo e Mobral, sendo que os índices não ultrapassam meio por cento.

TABELA - 22

Distribuição da população de Curitiba, por bairro, segundo a escolaridade.

Bairros	E s c o l a r i d a d e								Total
	sem escolaridade	1ª a 4ª	5ª a 8ª	2º grau	superior	supletivo	curso	Mobral	
São Francisco	2,2	19,6	27,4	22,1	27,4	-	1,3	-	100
Alto Rua XV	0,5	26,5	20,2	23,4	26,5	0,2	2,7	-	100
Cristo Rei	4,8	28,9	19,3	24,0	20,0	1,1	1,5	0,4	100
Re ouças	1,5	30,8	24,1	22,9	18,3	0,3	2,1	-	100
Água Verde	5,8	25,7	25,2	22,2	17,9	1,1	2,1	-	100
Batel	1,2	18,1	7,8	32,5	38,0	1,2	0,6	0,6	100
Bigorrião	2,5	30,7	22,9	16,4	24,7	0,4	2,4	-	100
Mercês	2,8	30,0	22,5	24,0	18,2	0,4	2,1	-	100
Bom Retiro	1,2	32,2	22,7	24,6	15,3	-	-	-	100
Ahú	3,4	31,2	24,7	18,7	19,1	0,7	2,2	-	100
Cabral	2,5	22,1	23,3	24,5	27,0	0,6	-	-	100
Hugo Lange	1,8	24,7	21,1	27,7	22,9	-	1,8	-	100
Tarumã	0,8	22,7	24,3	28,6	22,4	-	1,2	-	100
Capão da Imbuia	3,8	38,9	32,6	17,6	6,3	0,2	0,4	0,2	100
Cajuru	7,9	45,7	27,6	13,2	4,5	0,6	0,2	0,3	100
Jardim das Américas	3,1	30,7	24,0	24,3	15,0	-	2,1	0,8	100
Guabirotuba	4,6	37,0	21,7	21,7	13,8	0,5	0,6	-	100
Prado Velho	12,9	48,8	15,6	16,4	3,6	0,9	-	1,8	100
Parolim	7,7	20,2	26,2	22,2	21,5	0,5	1,5	0,2	100
Guaíra	7,4	45,0	26,2	13,4	7,4	-	0,6	-	100
Portão	4,6	41,2	27,2	16,9	7,4	0,8	1,4	-	100
Vila Izabel	1,9	29,6	28,8	24,5	14,4	0,4	0,4	-	100

continua. . .

TABELA - 22

Distribuição da pop. . .

. . . continuação

Bairros	E s c o l a r i d a d e								To- tal
	sem esco- laridade	1ª a 4ª	5ª a 8ª	2ª grau	supe- rior	suple- tivo	cursi- nho	Mo- bral	
Seminário	0,0	27,8	24,0	21,5	25,3	-	1,4	-	100
Campina do Siqueira	3,7	38,2	25,2	17,8	12,3	-	2,6	-	100
Vista Alegre	1,5	37,0	26,2	16,6	15,7	0,3	2,1	0,6	100
Pilarzinho	7,9	48,1	23,6	14,9	4,5	0,2	0,8	-	100
São Lourenço	2,2	28,5	23,4	28,5	16,2	0,6	0,6	-	100
Boa Vista	4,8	42,3	27,4	16,0	8,6	-	0,8	0,1	100
Bacacheri	4,1	30,4	19,4	26,9	16,7	1,3	1,2	-	100
Bairro Alto	9,4	57,3	20,4	8,6	2,4	0,4	0,2	1,3	100
Uberaba	7,4	47,9	28,2	10,9	4,8	0,2	0,7	0,1	100
Hauer	5,3	35,9	33,2	16,7	7,9	0,7	0,3	-	100
Fanny	4,1	40,0	33,6	17,3	3,7	1,3	-	-	100
Lindóia	6,8	52,9	30,4	7,7	1,6	-	0,6	-	100
Novo Mundo	3,5	47,6	27,0	15,9	4,6	0,6	0,6	0,2	100
Fazendinha	10,1	58,5	25,1	4,8	0,6	0,6	-	0,3	100
Santa Quitéria	6,4	37,3	28,0	19,1	8,6	-	0,6	-	100
Campo Comprido	7,5	53,6	25,2	11,5	2,2	-	-	-	100
Mossunguê	5,9	56,4	24,8	11,9	1,0	-	-	-	100
Santo Inácio	4,5	55,4	19,8	18,1	1,7	-	0,5	-	100
Cascatinha	7,1	37,5	25,0	17,9	10,7	-	1,8	-	100
São João	9,3	53,5	23,2	7,0	7,0	-	-	-	100
Taboão	8,6	41,4	30,0	17,2	1,4	1,4	-	-	100
Abranches	9,5	42,5	28,6	13,4	5,2	0,4	0,4	-	100
Cachoeira	-	69,2	30,8	-	-	-	-	-	100
Barreirinha	5,5	45,8	28,4	13,7	5,0	0,5	0,9	0,2	100
Santa Cândida	11,4	51,9	25,4	7,6	3,0	0,5	0,2	-	100
Tingui	5,1	43,7	28,5	15,5	5,1	0,5	1,3	0,3	100
Atuba	6,0	51,4	28,3	12,0	2,3	-	-	-	100
Boqueirão	6,7	47,4	26,8	14,0	3,4	0,5	1,0	0,2	100
Xaxim	16,5	48,6	24,6	7,6	2,5	-	0,1	0,1	100
Capão Raso	9,4	52,8	26,3	8,1	1,7	0,6	0,2	0,9	100

continua. . .

TABELA - 22

Distribuição da pop. . .

. . . conclusão.

Bairros	E s c o l a r i d a d e								To- tal
	sem esco- laridade	1ª à 4ª	5ª à 8ª	2º grau	supe- rior	suple- tivo	cursi- nho	Mo- bral	
Orleans	4,6	50,6	28,7	10,9	3,5	-	1,7	-	100
São Braz	11,6	54,9	25,3	5,5	1,5	0,3	0,3	0,6	100
Butiatuvinha	17,6	43,8	22,1	12,4	4,1	-	-	-	100
Santa Felici- dade	6,9	54,4	22,3	12,4	3,8	-	-	0,2	100
Alto Boquei- rão	22,3	44,9	23,2	6,1	1,0	-	0,3	2,2	100
Sítio Cerca- do	16,1	60,3	19,9	2,5	0,8	-	-	0,4	100
Pinheirinho	12,7	60,8	19,7	4,3	1,7	0,3	-	0,5	100
Umbará	13,7	60,2	11,2	10,5	2,5	1,9	-	-	100
CIC	5,8	50,3	29,1	6,8	-	2,0	-	-	100
Total (Curi- tiba)	6,6	42,3	25,4	15,5	8,7	0,4	0,9	0,2	100

Fonte: IPUC, Setor de Pesquisas, Projeto CURA, Agosto, 1979.

Em relação ao grau de instrução da população da região Metropolitana e da Cidade de Curitiba, é possível inferir que a grande maioria da população é alfabetizada e possui nível de escolaridade de 1ª à 4ª série, e a minoria da população possui escolaridade acima da 8ª série. Outra inferência é a de que o menor grau de escolaridade se manifesta com maior intensidade nos bairros mais afastados do centro da cidade, ou seja na periferia urbana, enquanto que o maior grau de escolaridade se manifesta com maior intensidade nos bairros do centro da cidade ou nos mais próximos do centro.

6.4.3 Evasão Escolar da População de Curitiba.

Quanto à desistência escolar os dados revelam que da população da região Metropolitana de Curitiba, com sete anos de idade ou mais, que freqüentou pelo menos a 1ª série, mas depois desistiu, totalizam 848 226 habitantes, sendo que 0,8% está na faixa dos sete aos nove anos, 2,9% na faixa dos 10 a 14 anos, 11,9% está na faixa dos 15 aos 19 anos, 16,2% dos 20 aos 24 anos e 68,9% com 25 anos ou mais.

Assim, um número significativo de pessoas deixou de freqüentar a escola, após ter nela ingressado, representando que uma boa margem da população não dá continuidade aos estudos. (vide Tabela 23).

TABELA - 23

Distribuição das pessoas com 7 anos de idade ou mais que não freqüentam o curso regular, mas concluíram pelo menos a 1ª série do 1º grau, por grupo de idade, da região Metropolitana de Curitiba.

Grupo de idade	N	%
7 a 9 anos	646	0,8
10 a 14 anos	24 552	2,9
15 a 19 anos	100 776	11,9
20 a 24 anos	137 409	16,2
25 anos ou mais	584 843	68,9
Total	848 226	100,0

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, IBGE, 1982.

6.4.4 Anos de Estudo da População de Curitiba.

Segundo os dados do IBGE, quanto aos anos de estudo a população de Curitiba, conforme se vê na Tabela 24, possui na sua maioria, mais de um ano de instrução, pois apenas 14% é sem instrução ou tem menos de um ano de instrução. Desta forma, 25% da população possui de um a três anos de instrução, enquanto que 41% da população está na faixa de quatro a oito anos de estudo e com escolarização igual ou superior a nove anos encontram-se 20% da população da cidade de Curitiba.

TABELA - 24

Distribuição da população de 7 anos ou mais segundo os anos de estudo da região Metropolitana de Curitiba.

Anos de estudo	População residente de 7 anos ou mais	
	Total	
	N	%
Sem instrução e menos de 1 ano	188 346	14
1 a 3 anos	329 215	25
4 a 8 anos	536 348	41
9 anos ou mais	257 987	20
Anos de estudo não determinados e sem declaração	-	-
Total	1 311 896	100

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, IBGE, 1982.

6.5 Utilização da Televisão e Livros pela População da região Metropolitana de Curitiba.

Pelos dados fornecidos pelo IBGE, em relação à utilização da televisão (vide Tabela 25), pela população estudantil de sete a 18 anos de idade da região Metropolitana de Curitiba, verifica-se que 15% assiste até uma hora de televisão por dia, enquanto que a grande maioria, 73%, assiste de duas a quatro horas por dia. Também, verifica-se que 11% desta população assiste de cinco a dez horas à programação de TV por dia e apenas meio por cento dos estudantes da faixa de sete a dezoito anos de idade apresenta tal condição. Portanto, a maioria da população estudantil da região Metropolitana de Curitiba assiste de duas a quatro horas de televisão por dia.

TABELA - 25

Número de horas que os estudantes de 7 a 18 anos assistem televisão por dia, da região Metropolitana de Curitiba.

Nº de horas que assistem televisão	Estudantes de 7 a 18 anos	
	N	%
Até 1 hora	36 695	15
2 a 4 horas	175 284	73
5 a 10 horas	26 887	11
11 horas ou mais	108	0,5
Sem declaração	323	0,5
Total	238 297	100,0

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, IBGE, 1982.

Quanto à posse de livros (vide Tabela 26), a situação da população de sete anos de idade ou mais da região Metropolitana de Curitiba, por grau de instrução, se manifesta do seguinte modo: as pessoas que não possuem instrução possuem um menor número de livros, ou seja, 23% não os possuem, enquanto que as pessoas com maior número de anos de estudo, possuem maior número de livros, pois apenas um por cento destas pessoas não os possuem. Os dados também revelam que quanto mais anos de estudo tem a população, maior é o número de livros possuídos, pois do total da população que possui além de 50 livros, apenas quatro por cento não possui instrução ou tem menos de um ano, enquanto que 27% desta população possui de nove a 11 anos de instrução e 22% da mesma apresenta uma condição de 12 anos ou mais de instrução.

TABELA - 26

Distribuição da população de 7 anos de idade ou mais, por grau de instrução e número de livros possuídos, na região Metropolitana de Curitiba.

Existência de livros no domicílio	Anos de instrução					Total
	s/ instrução ou menos de 1 ano	1 a 3 anos	4 a 8 anos	9 a 11 anos	12 anos ou mais	
	%	%	%	%	%	
Existem	77	68	92	98	99	-
Não existem	23	32	8	2	1	-
Total	100	100	100	100	100	-
Até 10 livros	22	35	39	4	- de 1	100
11 a 25 livros	9	26	50	12	2	100
26 a 50 livros	6	16	50	19	8	100
51 livros ou mais	4	12	34	27	22	100

Tabela montada com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, IBGE, 1982.

7. SITUAÇÃO RELATIVA AOS ASPECTOS PSICO-CULTURAIS DA POPULAÇÃO BRASILEIRA.

Esta unidade tem por finalidade descrever qualitativa - mente aspectos culturais considerados significativos sobre a população brasileira, de periferia urbana. Tais aspectos são relativos à linguagem, utilização dos meios de comunicação social, hábitos e atitudes, os quais servem como base para a interpretação dos dados apresentados no capítulo seguinte.

7.1 A Linguagem.

A linguagem falada condiciona poderosamente o que é e como é aprendido, influenciando assim futuras aprendizagens , conforme Bernstein in Poppovic.²²

A linguagem utilizada na escola e nas instituições sociais de um modo geral, é a chamada linguagem culta, isto é a linguagem que utiliza corretamente as normas gramaticais e um vocabulário mais apurado. Os alunos que freqüentam as escolas das periferias urbanas não dominam estas normas gramaticais e os padrões lingüísticos mais avançados. Seu modo de falar está relacionado ao mundo concreto que os cerca e a sua cultura. Esta cultura é diferenciada da cultura "dominante", isto é, da cultura vigente oficialmente e utilizada na escola. A criança da periferia tem dificuldade em utilizar a linguagem "cultura" e desta forma torna-se marginalizada na escola.

Verifica-se que a classe operária é mais preocupada com o fazer e não se permitiu desenvolver os conceitos universalistas da linguagem utilizados pela classe burguesa; segundo

22. BERNSTEIN, in POPPOVIC et ali. Cadernos de Pesquisa, 7.

Bernstein²³, a linguagem está ligada ao contexto cultural, em que a criança vive. "As classes sociais diferem em seus contextos os quais evocam certas produções lingüísticas".

As mães da classe burguesa utilizam a linguagem para socializar a criança, orientando-as para "significações universalistas" que transcendem um contexto dado, enquanto que as mães operárias orientam a educação de seus filhos para "significações particularistas", que se prendem ao contexto dado. Há uma diferença no contexto, mas não uma deficiência verbal. As crianças de classe baixa usam muitas palavras com precisão, mas não são as palavras usadas na escola.

Os membros das camadas pobres estão "limitados a uma forma de uso da linguagem que, embora permitindo vasto campo de possibilidades, fornece uma forma de fala que desencoraja o orador a usar intenções subjetivas, verbalmente elaboradas, e progressivamente orientar o sujeito para conceitos descritivos, em vez de conceitos abstratos".²⁴

Segundo Bonamigo, as pesquisas sobre linguagem em camadas de população mais pobres indicam que as crianças pertencentes a estas camadas obtêm resultados inferiores ao de crianças de nível sócio-econômico elevado, em três aspectos de desenvolvimento da linguagem: fonologia, vocabulário e estrutura de sentenças.²⁵

Conforme Poppovic²⁶, desde as primeiras aprendizagens da língua, o treino correto da pronúncia das palavras, a insis

23. BERNSTEIN, Basil. In BRANDÃO, Zaia op. cit. p. 51.

24. Id. in POPPOVIC, Cadernos de Pesquisa, 7:36.

25. BONAMIGO & BRISTOTTI, op. cit.

26. POPPOVIC et alii. Cadernos. . . 7:26.

tência no diálogo, a estimulação a respostas reforçadas, dão privilégios às crianças da classe média, e não às dos lares mais pobres.

"A aquisição da facilidade de expressão verbal, da fluência e da experiência com os atributos múltiplos de palavras é a única maneira de adquirir uma linguagem antecipatória, necessária à compreensão de diálogos, de orações mais complexas ou de seqüências verbais mais prolongadas, que são características no processo de ensino".²⁷

E as situações que permitem tal "linguagem antecipatória" é praticada em menor escala nas famílias de baixa renda, dado às limitações culturais e os próprios valores educacionais tradicionais que não utilizam muito diálogo na vivência familiar.

E o indivíduo quando limitado à um "código restrito" tem maior probabilidade em possuir um esquema perceptivo fechado.²⁸

"O número de novas relações de que disporá ficará reduzido e haverá uma tendência para uma rigidez perceptiva. Será também orientado para um nível de conceituação baixo que fixará os limites da matriz de relações dentro da qual opera".²⁹

"O desenvolvimento posterior do pensamento é largamente determinado pela linguagem, e o crescimento intelectual completo da criança é contingente com aquisição dessa habilidade".³⁰

27. POPPOVIC, et. alii Cadernos. . . 7, p. 26.

28. BERNSTEIN, in POPPOVIC et alii id.

29. POPPOVIC et alii id. p. 36.

30. BONAMIGO & BRISTOTTI. op. cit.

7.2 Utilização dos Meios de Comunicação Social.

A utilização dos meios de comunicação social constitui um elemento importante para a educação, pois permite a participação das populações na cultura de massa.

As pesquisas realizadas com as populações de baixa renda têm demonstrado que é baixo o grau de utilização dos meios de comunicação social escrita, enquanto que o rádio e a TV são de uso mais difundido.

As pesquisas efetuadas por Consorte³¹ em favelas da cidade do Rio de Janeiro e Guazzelli, em Porto Alegre, evidenciam que uma minoria das pessoas lêem jornal diariamente.

Em relação ao rádio, conforme Consorte, sua utilização é mais ampla, uma parte significativa das pessoas escuta rádio, em especial os programas sertanejos e religiosos.

Em relação à televisão, Guazzelli³² constatou que boa parte da população assiste televisão frequentemente.

É possível inferir que um dos motivos da menor utilização do jornal se deve à falta de instrução para efetuar a leitura do mesmo, enquanto que para ouvir rádio e assistir TV não há necessidade de saber ler. Também, a aquisição do jornal e revistas diariamente acarreta em maior custo que o rádio e a TV, pois o consumo de energia para sua utilização é menos dispendioso que o jornal e as revistas.

7.3 Hábitos e Atitudes.

As populações de nível sócio-econômico baixo podem

31. CONSORTE, Josildeth Gomes. Caracterização sócio-econômica e cultural da criança de favela. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, MEC/INEP. 115:83/98. jul./set., 1969.

32. GUZZELLI, op. cit. p. 65.

belece a partir dos sofrimentos, frustrações, dificuldades a que esta população está sujeita durante a vida.

7.4 Valores

Os valores das populações de periferia urbana estão ligados ao meio rural, pois a grande maioria é procedente da zona rural. Assim, a família, a propriedade, o patriarcalismo e as tradições são geralmente constantes no modo de proceder desta população.

Entre as diversas manifestações, segundo Pereira³⁴, é possível destacar: o pai deve sustentar a família, a mulher deve ser "dona de casa", por isso só vai trabalhar para ajudar o marido, o mesmo ocorrendo em relação às filhas mulheres. As famílias que possuem casa própria são mais respeitadas, esta posse é símbolo de sucesso, e quanto melhor e maior for a casa, maior é o prestígio.

Também, ser alfabetizado é importante para estas famílias. As crianças devem freqüentar pelo menos até a quarta série escolar.³⁵

7.5 Desenvolvimento Emocional

Em relação a aspectos relacionados ao desenvolvimento emocional é possível abordar a situação relativa ao relacionamento infantil, imagem de si mesmo e estimulações ambientais das populações de situação sócio-econômica baixa.

O relacionamento agressivo manifesto pela falta de con-

34. PEREIRA, Luiz. A escola numa área metropolitana. 2 ed. São Paulo, Pioneira, 1976. p. 28/32.

35. id. ibid.

fiança, qualquer palavra pode servir como motivo de ofensa, segundo POPPOVIC³⁶, tem origem nos hábitos educacionais utilizados na primeira infância. A mãe com uma sobrecarga emocional e física, tem menos tempo para relacionar-se com o filho, ocorrendo contatos esporádicos e instáveis. Muitas vezes, a mãe trabalha fora e a criança é entregue a vizinhas ou irmãos mais velhos, mudando constantemente o modo de tratamento, ocasionando inconstância no relacionamento com estranhos.

Também, as crianças destas populações têm uma imagem negativa de si mesmas. A pobreza de estimulações e satisfações logo no início da vida, como por exemplo a criança permanece deitada sozinha por horas a fio, sem brincar ou comunicar-se, interferindo na formação da auto percepção.

A esta situação de desatenção da mãe, e mais a falta de elogio, os fracassos carregados de castigo, induzem a criança à formação de uma auto-imagem negativa.

Por outro lado, segundo POPPOVIC³⁷, as crianças destas populações apresentam atitudes positivas quanto à cooperação em seu ambiente familiar, independentização, pois sabem cuidar de si mesmas, criam suas próprias diversões e brinquedos e, também enfrentam responsabilidades muito mais cedo que as crianças da classe média.

8. COMENTÁRIO CONCLUSIVO

Os dados revelam que da população brasileira, uma boa parte não possui instrução alguma ou tem baixo nível de instru

36. POPPOVIC, Revista. . . op. cit.

37. id. ibid.

ção. Também, em relação às possibilidades econômicas verificou-se que a maioria das famílias tem baixo poder aquisitivo, pois percebem baixos salários, sendo que é mais comum ocorrer esta situação com as pessoas que têm menor tempo de instrução.

Conseqüentemente, esta população apresenta dificuldades na aquisição de alimento, ocasionando um desenvolvimento cerebral comprometido, especialmente nas crianças de menor idade. Tal fato, propicia o aparecimento de dificuldades no processo de escolarização. Uma vez ocasionada a desadaptação à escola, esta população desiste de estudar. Assim, provavelmente egressa do processo escolar, e também, devido às dificuldades financeiras, todo este contingente populacional ingressa na força de trabalho.

Também, provavelmente tal condição sócio-econômica interfere nas condições de saúde destas populações, devido à pouca condição de aquisição de bens que melhorem suas condições de higiene. Acresce-se a estes fatos, os hábitos culturais, que do mesmo modo interferem na manutenção das condições de boa saúde.

Assim, diante deste estado de coisa, é possível concluir que a escola tem um papel fundamental junto a estas populações, no sentido de contribuir para a superação de suas dificuldades, seja através de um maior nível de escolaridade, que pode interferir na condição de salário, e também no desenvolvimento cultural, na aquisição de melhores hábitos, possibilitando a esta população analisar suas dificuldades e necessidades, buscando solução às suas dificuldades.

CAPÍTULO IV

IV METODOLOGIA DO ESTUDO

Este capítulo trata da metodologia utilizada na investigação das opiniões de pais ou responsáveis dos alunos da Escola Municipal Albert Schweitzer, selecionados para este estudo, sobre que conteúdos julgam necessários e importantes para serem aprendidos na escola.

Aborda-se neste capítulo os seguintes tópicos: descrição da população, seleção da amostra, técnica de pesquisa, elaboração e descrição do instrumento de coleta de dados, procedimento utilizado na coleta de dados e no tratamento dos dados obtidos.

1 DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO

A população deste estudo se constitui dos pais ou responsáveis dos alunos da Escola Municipal Albert Schweitzer - Ensino de 1º Grau, localizada na Vila Nossa Senhora da Luz, da periferia da cidade de Curitiba.

A escolha desta escola prendeu-se aos seguintes motivos: a escola está localizada na Vila Nossa Senhora da Luz, que faz parte do bairro da Cidade Industrial de Curitiba. Este bairro, segundo os dados obtidos no IPPUC, apresenta características de zona periférica, conforme o que foi apresentado no capítulo anterior.

Outro aspecto referente a esta escolha se deve ao fato

de que esta escola apresenta, no sentido da evasão e repetência escolar, situação semelhante às demais escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba.

Acrescente-se, ainda o interesse particular do pesquisador em poder contribuir no estudo desta realidade que se constitui seu local de trabalho, ao mesmo tempo, a oportunidade de investigar criteriosa, objetivamente, e com maior profundidade a natureza de questões percebidas no dia a dia da vida escolar.

1.1 A Vila Nossa Senhora da Luz.

A Vila Nossa Senhora da Luz localiza-se no bairro da Cidade Industrial de Curitiba, na zona sul da cidade.

Foi entregue aos moradores em maio de 1967. A maioria destes moradores era proveniente das favelas do Capanema e Prado Velho, constituindo-se na primeira vila de casas populares construídas pela COHAB (Companhia de Habitação Popular). Totalizam 2.100 casas de dois tipos: um que possui sala, cozinha, banheiro, quarto e sótão e o outro tipo que possui as mesmas peças, mas em dimensões menores.

A Vila Nossa Senhora da Luz se caracteriza, como os demais conjuntos habitacionais, pela padronização do tipo de casas, tamanho, proximidade entre elas, visto que, mesmo com as modificações¹, no centro da Vila Nossa Senhora da Luz estão localizadas a Praça Central e a Zona de Comércio, onde se destaca: supermercado, mercearia, padaria, cabeleireiro, barbearia, lojas de roupas e calçados.

Quanto às instituições educacionais, sociais e culturais, a Vila possui duas escolas de 1ª a 4ª série, uma esco-

1. Conforme depoimento de moradores, COHAB e Escola Municipal Albert Schweitzer, ocorridas desde a sua ocupação até os dias de hoje a estrutura sofreu poucas modificações.

la de 5ª a 8ª série, Posto Policial, Centro Social e Urbano, Posto de Atendimento Médico e Serviço Social, e várias instituições religiosas: um Templo Católico, Assembléia de Deus, Adventista do Sétimo Dia, Batista, Cruzada e Congregação Cristã do Brasil.

Segundo os moradores, a Vila é "lugar de gente boa, trabalhadora, que acredita em Deus", ou ainda de "gente que se vira e se esforça, pra melhorar de vida".

1.2 Dados sobre a Escola Municipal Albert Schweitzer - Ensino de 1º Grau.

A Escola Municipal Albert Schweitzer - Ensino de 1º Grau, está localizada na Praça Central da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

Oferece o ensino de 1º Grau de 5ª a 8ª série, em três turnos: manhã, tarde e noite.

1.2.1 Caracterização da Comunidade Escolar

A escola atende a 1 177 alunos assim distribuídos: 5ª série, com 13 turmas e 412 alunos, 6ª série com 10 turmas e 341 alunos; 7ª série com oito turmas e 250 alunos; 8ª série com cinco turmas e 174 alunos. Segundo os documentos² da escola a comunidade escolar é caracterizada como proveniente da classe operária.

1.2.2 Recursos Humanos da Escola

A Escola Municipal Albert Schweitzer - Ensino de 1º Grau conta com 64 professores licenciados, três

2. ESCOLA MUNICIPAL ALBERT SCHWEITZER. Regimento escolar, p. 2. Curitiba, 1982.

especialistas, sendo que uma é orientadora educacional e duas supervisoras escolares, cuja atuação é complementada por duas auxiliares habilitadas. No atendimento ao aluno a escola conta com três normalistas que orientam as atividades de sala de leitura. Quanto ao pessoal administrativo a escola possui seis secretárias, quatro vigilantes e dez inspetores de alunos. Ainda, trabalham no estabelecimento cinco cantineiras e nove serventes.

1.2.3 Aspecto Físico da Escola.

O prédio da escola é simples, de alvenaria, contendo salas bem ventiladas e independentes, separadas por pequenos jardins, umas das outras, ligadas através de corredor aberto.

Consta de 15 (quinze) salas de aula, sendo que três (3) são utilizadas para outros fins, e doze (12) em aulas regulares.

Possui um pavilhão para o desenvolvimento de atividades diversificadas do currículo, como: Técnicas Industriais, Indústrias Caseiras e Comerciais; este pavilhão fica a 300 metros da Escola. Tem também uma pequena horta para a prática de Técnicas Agrícolas.

As dependências administrativas são constituídas de secretaria, gabinete de Direção, gabinete de Orientação Educacional, gabinete de Supervisão Educacional, sala de Coordenação Administrativa, Cantina, sala para lanche dos professores, depósito.

Há, ainda, banheiros para os meninos e para as meninas, para professores, e um pátio coberto.

1.2.4 Aspectos Históricos da Escola.

A Escola Albert Schweitzer foi criada em dezembro de 1967 e iniciou seu funcionamento em fevereiro do ano seguinte, apenas no período noturno.

Passou a funcionar em período integral, a partir de julho de 1968.

A implantação da reforma do ensino de acordo com a Lei 5.692 deu-se a partir do ano de 1973.³

1.2.5 Aprovação, Evasão e Repetência dos Alunos.

Segundo os dados estatísticos da escola, nos últimos cinco anos a aprovação, a evasão e a repetência têm se mantido em torno de 76% de aprovação, 21% de retenção e 14% de evasão. A cada ano, a matrícula aumenta, assim em 1979, 940 escolares ingressaram na escola, enquanto que em 1983, matricularam-se 1276 alunos. Em 1980 a escola apresentou o menor índice de evasão e repetência, 11 % e 22% respectivamente. Verificou-se que, em 1982 ocorreram os maiores índices de evasão e repetência, a evasão foi de 19% e a repetência 25%. Estes dados encontram-se demonstrados na Tabela 27 a seguir.

TABELA - 27

Índice de aprovação, evasão e repetência dos alunos

da Escola Municipal Albert Schweitzer

1979 a 1983

Ano	Total de matrículas iniciais	Total de matrículas final *	Total de desistentes N	%	Total de repetentes N	%	Total de aprovados N	%
1979	940	819	112	12	198	24	621	76
1980	1057	920	117	11	208	22	712	78
1981	1183	979	194	16	223	23	756	77
1982	1263	1032	246	19	258	25	774	75
1983	1276	1099	163	13	259	24	840	76

* No total de matrículas final estão incluídas as transferências recebidas, e não são computados os desistentes e as transferências expedidas.

Para o cálculo do índice de aprovação e repetência utiliza-se o total de matrículas final e para o cálculo do índice de desistência utiliza-se a matrícula inicial.

Fonte: Relatórios estatísticos da Escola Municipal Albert Schweitzer.

2 SELEÇÃO DA AMOSTRA

Do total de 1177 alunos da Escola Municipal Albert Schweitzer, selecionou-se para amostra, pais ou responsáveis de 50 alunos.

Do total de alunos de cada série, foram sorteados a mesma porcentagem de alunos em cada série, de modo que houvesse proporcionalidade entre o número de alunos destas séries e o número de pais ou responsáveis selecionados para compor a amostra, obtendo-se uma amostra estratificada.

É importante ressaltar-se que, embora tenham sido selecionados 50 pais ou responsáveis de 50 alunos sorteados proporcionalmente ao número de alunos por série, resultou numa amostra de pais ou responsáveis de 72 alunos da escola, uma vez que muitos dos participantes do estudo, possuem mais de um filho na escola.

3 COLETA DE DADOS

Para a efetivação da coleta de dados foi utilizada a entrevista estruturada com a finalidade de obter maior objetividade das respostas, e controlar distorções de interpretação do entrevistador.

Também a entrevista estruturada facilita o registro, segundo Goode e Hatt⁴, e uma informação mais adequada das respostas de cada questão.

Ainda, considerando o baixo nível de instrução da clientela, a entrevista parece ser a técnica mais adequada, pois o registro da resposta fica ao encargo do entrevistador.

4. GOODE, Willian J. e HATT, Paul K. Métodos em pesquisa social. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960. p. 266.

A entrevista tem, conforme Rummel⁵, obtido sucesso na coleta de dados relativos a opiniões, que é o caso do presente estudo, além do que a entrevista oferece maior oportunidade de aproximação do pesquisador à situação que investiga, o que lhe permite enriquecer as informações além das inicialmente planejadas.

A entrevista foi realizada pelo próprio pesquisador e uma professora da própria escola.

Foi utilizado como local de aplicação a própria escola quando da entrega de boletins de notas aos pais ou responsáveis, ou por convite escrito entregue através dos alunos.

Empregaram-se vários horários a fim de possibilitar o comparecimento dos pais ou responsáveis que trabalham. Quando ocorreu completa impossibilidade do pai ou responsável comparecer em qualquer horário na escola, o entrevistador se deslocou até a residência do entrevistado.

4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado como roteiro na coleta de dados foi um questionário preenchido pelo entrevistador, durante a entrevista com o pai ou responsável pelo aluno.

O questionário constituiu-se de duas partes.

A primeira parte objetivou o levantamento de dados sobre os seguintes aspectos:

- a) caracterização da clientela: em relação de parentesco com o aluno, tempo de residência, ocupação, renda, escolaridade, número de filhos;

5. RUMMEL, J. Francis. Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação. Porto Alegre, Globo, 1974. p. 91/101.

- b) identificação da situação escolar dos filhos: número de filhos que estudam, número de filhos desistentes, motivo da desistência, conclusão de curso;
- c) identificação do acesso a bens culturais: jornais, revistas, livros, rádio;
- d) expectativa dos pais em relação à continuidade escolar dos filhos

Na segunda parte o objetivo foi verificar a opinião dos pais sobre o conteúdo do currículo escolar nos seguintes aspectos:

- a) conteúdos básicos: ler, escrever, calcular;
- b) conteúdos do núcleo comum: Língua Portuguesa, Ciências, Estudos Sociais;
- c) conteúdos complementares: (Art. 7º da Lei 5.692/71 e optativos) Língua Estrangeira, Formação Especial, Educação Artística, Educação Física, Programa de Saúde, Ensino Religioso;
- d) conteúdos relativos à vida diária não previstos no currículo da escola tais como: (preparo para o trabalho), lazer, utilização dos meios de comunicação, solução dos problemas de vida diária.

Quanto à elaboração dos itens, utilizou-se questões abertas e questões objetivas. A primeira parte é constituída de trinta e quatro questões objetivas e abertas; enquanto que a segunda parte é composta de cinquenta e nove quesitos. Nesta parte empregou-se uma escala de valoração contendo uma graduação compreendida entre muito, meio ou pouco importante e não sei. Utilizou-se esta linguagem, na escala, por se considerar de melhor compreensão para os pais ou responsáveis dos alunos.

Para verificar a validade do instrumento foi realizada uma testagem com aplicação de trinta questionários em outra escola da periferia de Curitiba. Também, efetuou-se consulta a especialistas para a verificação dos conteúdos a serem coletados e correção das proposições. A reformulação do instrumento levou em consideração as opiniões dos pais e especialistas quanto à clareza da redação das questões, duplicidade de informações, informações desnecessárias, questões respondidas superficialmente, compreensão dos termos empregados e facilidade de registro dos dados durante a entrevista.

O questionário empregado como roteiro durante a entrevista encontra-se em anexo.

5 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NO TRATAMENTO DOS DADOS

Considerando-se o número de entrevistas efetivadas (50) optou-se pela tabulação manual da seguinte forma:

- tabulação das respostas a cada item;
- verificação dos percentuais relativos ao total dos sujeitos respondentes;
- elaboração de tabelas dos dados obtidos: frequência e percentuais,
- estabelecimento das relações existentes entre as respostas aos itens, que permitiram as conclusões e sugestões do estudo.

Tais relações consideraram os objetivos e as questões da pesquisa.

A fim de facilitar o tratamento dos dados procedeu-se o arredondamento de frações adotando-se o seguinte critério:

- quando a fração a arredondar era inferior a 5, abandonou-se esta fração, e se a fração era superior a 5, acrescentou-se uma unidade no algarismo imediatamente anterior. Por exemplo um resultado como 32,4% foi considerado como 32%, e se 32,5% a 32,9% passou a ser considerado como 33%.⁶

6 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Dada à delimitação da amostra, os dados levantados nesta pesquisa não podem ser generalizados a outras situações. As generalizações estão submetidas ao princípio de "validade transitória", isto é, são válidas até que se obtenha novas informações.⁷

Assim, os resultados obtidos encontram-se no campo das possibilidades, permitindo que as conclusões sejam efetuadas dentro desta perspectiva.

6. OLIVEIRA, Therezinha de Freitas Rodrigues. Estatística aplicada à educação. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1974. p. 17.

7. BRUYNE, Paul de, HERMAN, Jacques e SCHOUTHEETE, Marc de. Dinâmica de pesquisa em ciências sociais. Rio de Janeiro, 1977. p. 277.

CAPÍTULO V

V APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo tem por objetivo a apresentação e análise dos dados coletados na pesquisa de campo.

Durante a pesquisa foram efetuadas entrevistas com pais e responsáveis de alunos, de uma amostragem, conforme a descrição do Capítulo IV, através da qual levantou-se dados relativos às condições sócio-econômicas e culturais das famílias dos alunos, bem como opiniões sobre os conteúdos curriculares desenvolvidos pela escola.

Assim, neste capítulo descreve-se e analisa-se esses dados, levantando-se inferências sobre as necessidades educacionais dos alunos.

Para melhor entendimento, descreve-se cada tópico investigado, expondo os dados quantitativamente com os respectivos índices percentuais, em seguida as possíveis interpretações e relações com situações abordadas nos capítulos anteriores.

1 CARACTERIZAÇÃO DA CLIENTELA

1.1 Grau de Parentesco dos Entrevistados com o Aluno.

O grau de parentesco entre os entrevistados e os alunos, conforme se demonstra na Tabela 28, manifestou-se da seguinte forma: 31 entrevistados (62%) eram mães de alunos, enquanto que 13 deles (26%) eram pais de alunos e apenas seis entrevistados

(12%) possuem outro tipo de vínculo familiar com eles, sendo um responsável por termo, uma irmã, três irmãos e um padrasto.

Verificou-se que houve maior comparecimento de mães à solicitação feita.

TABELA - 28

Grau de parentesco dos entrevistados
com o aluno.

Grau de parentesco	N	%
Pai	13	26
Mãe	31	62
Irmãos	3	6
Irmã	1	2
Padrasto	1	2
Resp. por termo	1	2
Total	50	100

1.2 Tempo de Moradia dos Entrevistados, no Bairro.

Em relação ao tempo de moradia dos entrevistados, no bairro, constatou-se que a maioria, ou seja 41 respondentes (82%) vivem há mais de cinco anos neste local, enquanto que apenas oito deles reside a menos de cinco anos; três dos mesmos (6%), reside de três a cinco anos, cinco dos pais ou responsáveis está residindo de um a três anos e um respondente mora neste bairro a menos de um ano. Estes dados são demonstrados na Tabela 29.

Considerando-se o tempo de existência da vila, verifica

-se que há relativa estabilidade de residência, por parte da população constituinte da amostra. Esta estabilidade permite ao aluno não mudar de escola freqüentemente, fato este citado como um dos fatores que contribui para evasão e repetência escolar. Assim, é provável, que a evasão e repetência escolar da população desta escola, tenha como causa outros fatores e não a mudança das famílias de um bairro para outro.

TABELA - 29

Tempo de moradia dos entrevistados no bairro.

Nº de Anos	N	%
Menos de 1 ano	1	2
De 1 a 3 anos	5	10
De 3 a 5 anos	3	6
Mais de 5 anos	41	82
Total	50	100

1.3 Ocupação do Pai e da Mãe dos Alunos.

Para o levantamento da situação de ocupação do pai dos alunos, utilizou-se a escala hierárquica das profissões empregada por Guidi e Duarte.¹

As profissões podem, então, ser assim especificadas: ocupação não qualificada, segundo aquele autor é a que não exige, para seu desempenho, experiência profissional anterior ou instrução primária completa, não é especializada, e tem remunera-

1. GUIDI, Maria Laís Mousinho e DUARTE, Sérgio Guerra. Um esquema para a caracterização sócio-econômica. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, MEC - INEP, 115:65-82, jul./set. 1969.

ção na faixa do salário mínimo. Por ocupação de nível inferior, o autor especificou as que não exigem necessariamente esforço braçal, e sim um nível de instrução elementar ou treinamento profissional específico, possuindo um status mais alto que as ocupações braçais, e as ocupações de nível médio, são definidas como as que exigem uma escolaridade maior ou melhor preparo profissional e que propiciam melhores salários.

Considerando esta escala de profissões, foram obtidos os seguintes dados, em relação ao nível de ocupação dos pais dos alunos conforme demonstrado na Tabela 30. Dezenove pais (38%) exercem profissões não qualificadas, tais como: operário, pedreiro, servente, técnico de fogão e vendedor ambulante.

Em relação às profissões de nível inferior, observou-se que 21 pais (42%), enquadram-se neste nível profissional, ou seja, atuam como artífice, carpinteiro, comerciário, funcionário público, mantenedor e montador de máquinas, marceneiro, metalúrgico, motorista, soldador e porteiro.

Quanto às profissões de nível médio, os dados indicam apenas três pais (6%) que exercem profissões de correspondente comercial, gerente de produção e militar.

Em síntese, a grande maioria dos pais dos alunos exercem atividades profissionais não qualificadas ou de qualificação de nível inferior.

TABELA - 30

Ocupação dos pais dos alunos.

	Tipo de ocupação	N	%
Não Qualificada	Operário	3	6
	Pedreiro	8	16
	Servente	3	6
	Técnico de fogão	1	2
	Vendedor ambulante	2	4
Qualificação de Nível Inferior	Artífice	1	2
	Carpinteiro	2	4
	Comerciário	1	2
	Funcionário público	3	6
	Mantenedor e montador de máquinas	2	4
	Marceneiro	1	2
	Metalúrgico	1	2
	Motorista	7	14
	Porteiro	2	4
	Soldador	1	2
Nível Médio	Correspondente comercial	1	2
	Gerente de produção	1	2
	Militar	1	2
Sem ocupação	Aposentados	5	10
	Falecidos	2	4
Total		50	100

Em relação à ocupação das mães dos alunos (ver Tabela 31), constatou-se que é elevado o grupo das que não trabalham fora do lar, sendo composto de 30 mães (60%). Das 20 restantes (40%), utilizando-se as mesmas categorias profissionais empregadas na classificação das ocupações exercidas pelos pais, verificou-se que 11 mães (22%) exercem atividades profissionais consideradas não qualificadas, como doméstica, operária, cozinheira e zeladora, enquanto que apenas cinco mães (10%) atuam em profissões de nível inferior de qualificação, exercendo atividades como costureira, funcionária pública, telefonista e auxiliar de enfermagem.

Estes dados indicam que a maioria das mães da amostra, não contribui diretamente na renda familiar, sendo que a família é mantida por outros membros, pai e filhos ou outros não verificados no presente estudo.

TABELA -- 31

Ocupação das mães dos alunos.

	Tipo de ocupação	N	%
Não Qualificada	Cozinheira	2	4
	Doméstica	3	6
	Operária	1	2
	Zeladora	5	10
Qualificação de Nível Inferior	Auxiliar de enfermagem	2	4
	Costureira	1	2
	Funcionária pública	1	2
	Telefonista	1	2
Sem ocupação fora do lar	Do lar	30	60
	Aposentada	3	6
	Falecida	1	2
Total		50	100

1.4 Renda Familiar dos Entrevistados

O nível de renda familiar dos entrevistados é o seguinte: 33 dos respondentes (66%) tem uma renda total aproximada de menos de dois salários mínimos, 12 respondentes (24%) possuem uma renda de dois a três salários, uma minoria de cinco entrevistados (10%) possuem uma renda de três a cinco salários, enquanto que somente um dos entrevistados possui renda superior a cinco salários.

Sendo assim, quanto ao nível de renda, as famílias da amostra podem ser consideradas de periferia urbana, (vide Tabela 32), pois quase a totalidade delas possui uma renda abaixo de cinco salários.

Estas famílias estão inseridas no contingente da população brasileira e da população de Curitiba, situada num nível de renda baixo, abordado no Capítulo III, deste trabalho.

Este nível de renda tem relação com a ocupação exercida pelos pais, e há também uma inter-relação com o grau de instrução como se verificou na população da região Metropolitana de Curitiba, e no Brasil.

TABELA - 32

Renda familiar dos entrevistados

Salário total aproximado recebido pela família mensalmente	N	%
Até 1 salário mínimo	9	18
De 1 a 2 salários mínimos	24	48
De 2 a 3 salários mínimos	12	24
De 3 a 4 salários mínimos	3	6
De 4 a 5 salários mínimos	1	2
Mais de 5 salários mínimos	1	2
Total	50	100

1.5 Escolaridade dos Pais dos Alunos.

O maior índice de escolaridade dos pais dos alunos (pai e mãe) incide no nível primário*, seja incompleto, 37 pais e mães, seja completo, 44 pais e mães, enquanto que apenas nove pais e mães não possuem escolaridade, o mesmo ocorrendo em relação ao 1º grau e o 2º grau completos, pois seis pais e mães citaram possuir tal formação. Nenhum pai ou mãe possui formação de nível superior (vide Tabela 33). Nas tabelas a respeito de rendimento mensal (Tabelas 14, 15 e 20 apresentadas no Capítulo I, verificou-se que pessoas que recebiam os menores salários, tinham também o menor número de anos de estudo. Os dados obtidos na amostra demonstram que os salários são baixos e que o nível de escolaridade também é de poucos anos. Considerando-se a relação entre salário e escolaridade, conclui-se que esta última é de fundamental importância para que se obtenha melhores salários e conseqüentemente se rompa o círculo da pobreza, conforme caracterizado em Carneiro e Lück². Evidentemente, que tal alteração não é de exclusiva competência da escola e sim de inúmeros aspectos sociais, políticos e econômicos.

*O nível primário corresponde às séries iniciais do atual 1º grau.

TABELA - 33

Grau de escolaridade dos pais.

Grau de escolaridade	Pai		Mãe		Total	
	N	%	N	%	N	%
Sem escolaridade	4	8	5	10	9	9
Primário incompleto	17	34	20	40	37	37
Primário completo	21	42	23	46	44	44
1º grau completo	5	10	1	2	6	6
2º grau	1	2	-	-	1	1
Superior	-	-	-	-	-	-
Total*	48	96	49	98	97	97

*Não foram incluídas informações sobre pais falecidos.

1.6 Número de Filhos das Famílias do Estudo.

Em relação ao número de filhos por família, dos participantes do estudo, verificou-se que a média é de 4,5 filhos por família, sendo que 22 famílias (44%) têm de três a quatro filhos, 10 famílias (20%) possuem de cinco a seis filhos, enquanto oito famílias (16%) possuem um ou dois filhos; das famílias restantes sete delas possuem de sete a oito filhos e duas são constituídas de nove a 10 filhos, e apenas uma família tem mais de 10 filhos, conforme os dados da Tabela 34.

Sendo a média de filhos por família de 4,5 filhos aproximadamente, isso indica que a prole familiar não é excessivamente alta, pois segundo o IPPUC³, as famílias que variam, em tamanho, de três a seis filhos não se caracterizam com o de alta densidade populacional, conforme já foi abordado no Capítulo III.

TABELA - 34

Número de filhos por família da amostra.

Nº de filhos por família	N	%
De 1 a 2 filhos	8	16
De 3 a 4 filhos	22	44
De 5 a 6 filhos	10	20
De 7 a 8 filhos	7	14
De 9 a 10 filhos	2	4
Mais de 10 filhos	1	2
Total	50	100

3. IPPUC, Projeto CURA, 1979.

Para melhor interpretação do que este fato representa economicamente, é necessário o cálculo da média dos salários percebidos mensalmente pelas famílias.

Uma vez efetuado esse cálculo, conforme demonstram as Tabelas 35 e 36 verifica-se que a média de salário total aproximado recebido pela família corresponde a um salário e oito décimos de salário aproximadamente (1,8).

Desta forma, a renda per capita média, aproximada para cada membro da família, corresponde a quatro décimos (0,4) do salário mínimo, 1,8 de média de salário dividido por 4,5, média de filhos por família, que iguala a quatro décimos (0,4) de salário mínimo de renda per capita.

Com tal quantia, considerando ainda os encargos da vida urbana, tais como taxas de água e esgoto, luz elétrica, condução, financiamento da casa própria, imposto territorial e urbano, nestes dois últimos casos para os que possuem habitação própria, ou aluguel para os que não possuem casa própria, e mais os gastos imprescindíveis com alimentação, roupa, higiene e saúde, torna-se evidente a precariedade em que vive a média das famílias da amostra. Assim, possivelmente, os gastos com educação, lazer, cultura, dificilmente ganham espaço no orçamento familiar.

TABELA - 35

Cálculo da média de filhos por família.

x	xi	f	fxi
1 - 2	1,5	8	12,0
3 - 4	3,5	22	77,0
5 - 6	5,5	10	55,0
7 - 8	7,5	7	52,5
9 - 10	9,5	2	19,0
11 - 12	11,5	1	11,5
n	-	50	227

x igual ao intervalo de classe considerando a variação do número de filhos por família; x_i equivale ao PM (ponto médio); f igual a frequência de casos em cada intervalo, e fx_i igual ao produto da frequência pelo ponto médio.

TABELA - 36

Cálculo da média do salário total
aproximado recebido pela família
mensalmente.

x	x_i	f	fx_i
0 - 0,9	0,5	9	4,5
1 - 1,9	1,5	24	36,0
2 - 2,9	2,5	12	36,0
3 - 3,9	3,5	3	10,5
4 - 4,9	4,5	1	4,5
5 - 6	5,5	1	5,5
n	-	50	91

x = intervalo de classe equivalendo à indicação do número de salários recebidos mensalmente pela família; x_i = ponto médio (valor central da classe); f = frequência e fx_i = produto da frequência pelo ponto médio.

1.7 Situação Escolar dos Filhos das Famílias.

1.7.1 Número de Filhos que Estudam e Indicação do Grau de Escolaridade.

A coleta de dados, conforme Tabela 37, revelou que o total de filhos das famílias participantes deste estudo é de

224. Destes, 124 filhos (55% do total) estão estudando.

Dos filhos que estudam, 46 (37%) freqüentam de 1ª a 4ª série, enquanto que 72 filhos (58%) cursam de 5ª à 8ª série. Constatou que apenas cinco filhos (4%) estão no 2º grau e apenas um filho cursa a universidade.

Desistiram de estudar, segundo as informações dos respondentes, 56 filhos, correspondendo a 25% do total de filhos.

TABELA - 37

Situação dos filhos quanto à freqüência
de curso.

Situação dos filhos.	N	%
Total de filhos na escola	124	55
Filhos de 1ª a 4ª série	46	37
Filhos de 5ª a 8ª série	72	58
Filhos no 2º grau	5	4
Filhos na Universidade	1	0,8
Filhos que pararam de estudar	56	25
Total de filhos	224	100

1.7.2 Motivos da Desistência Escolar dos Filhos e sua Ocupação Atual.

Os motivos que levaram, 56 filhos das famílias a desistirem de estudar são, segundo a Tabela 38, na sua maioria, problemas financeiros, pois 43 desistências (76%) deve-se a tal motivo. Os respondentes alegaram também que cinco das desistências (9%) ocorreram porque os filhos casaram, outro motivo ain

da apresentado foi a falta de interesse que levou sete dos filhos (13%) a desistir de estudar, enquanto apenas um filho desistiu de estudar devido ter concluído o 1º grau.

Quanto à atividade que os filhos que desistiram de estudar exercem atualmente, os dados obtidos demonstram que a maioria (49 filhos) trabalha, enquanto que cinco são do lar e apenas dois, encontram-se sem atividade, conforme Tabela 39.

É possível deduzir que os filhos tenham que contribuir, em muitos casos, para a renda familiar, pois como se verificou, a maioria das desistências escolares foi motivada por problemas financeiros, e também um número significativo dos desistentes atualmente trabalham, ainda que não se tenha verificado quantos trabalham, dos filhos que estudam.

TABELA - 38

Motivo da desistência escolar dos filhos

Motivo	N	%
Financeiro	43	76
Casamento	5	9
Falta de interesse	7	13
Concluiu o 1º grau	1	2
Total	56	100

TABELA - 39

Atividade exercida pelos filhos que
desistiram de estudar.

Atividade atual	N	%
Trabalho	49	88
Do lar	5	9
Sem atividades	2	3
Total	56	100

1.7.3 Número de Filhos que Concluíram Algum Curso.

Em relação ao número de filhos, dos entrevistados que concluíram algum curso (vide Tabela 40) constatou-se que 31 deles apresentam esta condição, sendo que 16 filhos terminaram o 1º grau, cinco filhos completaram o 2º grau. Ainda, os dados coletados demonstram que quatro filhos cursaram o SENAI, enquanto que nenhum concluiu cursos do SENAC e universitário, e seis filhos cursaram outros cursos.

TABELA - 40

Número de filhos que concluíram curso

Curso concluído	N	%
1º grau	16	52
2º grau	5	16
SENAI	4	13
SENAC	-	-
Universidade	-	-
Outro curso	6	19
Total	31	100

1.7.4 Continuidade Escolar dos Filhos.

Verificou-se que uma minoria dos filhos que conclui algum curso continua estudando, pois dos 16 filhos que concluíram o 1º grau, cinco freqüentam o 2º grau, e dos cinco que concluíram o 2º grau apenas um freqüenta o curso universitário. Estes dados estão demonstrados na Tabela 37.

Outra constatação é a de que a população considerada na amostra apresenta, via de regra, situação semelhante, em anos e grau de estudo, à situação da população brasileira, apresentada no Capítulo III onde se verificou que a maioria da população brasileira tem poucos anos de estudo, e que, em relação à população de Curitiba, também a minoria tem além do 1º grau de estudo. (Tabelas 7, 8, 9, 10, 21, 22, 23 e 24).

1.8 Expectativa dos pais quanto ao futuro dos Filhos.

A expectativa dos pais quanto às atividades no futuro dos filhos foi investigada nos seguintes aspectos: atividade dos filhos ao completarem dezoito anos, escolha do curso para os filhos e filhas, escolha da profissão para os filhos e filhas, importância da escolaridade para os filhos.

Os resultados obtidos foram os seguintes: quanto à atividade a ser exercida pelos filhos ao completarem dezoito anos, nenhum respondente indicou que gostaria de que os filhos estivessem só trabalhando; a grande maioria, 41 dos informantes (82%), gostaria que os filhos, nesta idade, trabalhassem e estudassem concomitantemente, enquanto que uma minoria de oito informantes (16%) manifestou o desejo de que seus filhos, em tal idade, só estudassem e apenas um entrevistado pretende que os filhos exerçam atividade diferente das citadas acima, se-

gundo Tabela 41.

É possível inferir que a grande maioria dos pais tem expectativa de que os filhos contribuam na renda familiar, pois 82% deles tem como expectativa que aos dezoito anos os filhos trabalhem e estudem ao mesmo tempo.

TABELA - 41

Expectativa dos pais com relação à
atividade dos filhos, quando estes
completarem 18 anos.

Atividade que pai ou responsável gostaria que seu filho exercesse aos 18 anos	N	%
Só estudando	8	16
Só trabalhando	-	-
Trabalhando e estudando	41	82
Outra	1	2
Total	50	100

Quanto ao grau de estudo para filhos e filhas, conforme Tabela 42, a maioria dos pais manifestou como desejável o curso superior (vide Tabela 42), pois 23 entrevistados (46%) indicaram este nível de estudo para os filhos e quando consideradas as filhas, o índice de indicação foi ainda mais elevado, uma vez que 29 delas (58%), fez tal escolha.

Quanto ao 2º grau como etapa final de escolaridade a preferência diminui, sendo que nove dos respondentes (18%) demonstraram uma preferência para que os filhos cursassem este grau de estudo, e 13 dos pais ou responsáveis (26%) indicaram

este mesmo grau de estudo para as filhas. Embora a indicação para estas seja superior à dos filhos homens, em relação ao 2º grau como terminalidade de escolaridade, é ainda inferior à indicação do curso de nível superior.

Os dados indicam que as expectativas quanto a considerar como terminalidade o curso de 1º grau tanto para filhos como para filhas é mínima, pois não excede a dois respondentes (4%).

Em relação aos cursos ofertados pelo SENAI e SENAC, 15 dos entrevistados (30%), indicaram o SENAI para os filhos, sem nenhuma referência deste para as filhas, enquanto que um demonstrou preferência pelo SENAC para o filho e seis escolheram tal curso para as filhas.

Finalizando a indicação de curso para os filhos, um dos pais ou responsáveis, demonstrou que pretende que seu filho venha a frequentar outro curso que não os indicados anteriormente.

Conclui-se, pois que os pais têm expectativas semelhantes tanto para os filhos homens como para as filhas mulheres.

Quanto ao nível de escolaridade é possível inferir a contradição entre a expectativa e a realidade expressa pelos respondentes, pois, atualmente, só frequenta o ensino superior 0,8% dos filhos que estão na escola; 4% frequenta o segundo grau; 25% desistiu de estudar. O desejo de que seu filho ou filha venha a ser universitário é significativo, no entanto, os dados revelam que na realidade este fato não ocorre com a maioria e sim uma mínima parcela continua estudando, há mais desistência que continuidade.

Também chama atenção o fato de que a maioria dos pais,

deseja que os filhos ao completarem dezoito anos trabalhem e estudem e o grau de estudo pretendido no caso é o universitário, no entanto, geralmente é difícil conciliar trabalho e estudo. As exigências de ambos são sobejamente conhecidos. Evidentemente que não se exclui a possibilidade de estudar e trabalhar ao mesmo tempo, mas alerta-se sobre as dificuldades que virá a enfrentar, possivelmente, esta população. Os dados a respeito da situação de renda familiar dos brasileiros e o nível de estudo demonstram que a maioria dos que tem menores salários não consegue estudar. A este respeito, conforme Pereira⁴, a maioria dos pais espera que o filho trabalhe tão logo termine a quarta série ou complete quatorze anos e passe a estudar no período noturno.

TABELA - 42

Expectativa dos pais ou responsáveis
quanto à escolha de curso para
os filhos.

Curso escolhido	Filhos do sexo Masculino		Filhos do sexo Feminino	
	N	%	N	%
1º Grau	1	2	2	4
2º Grau	9	18	13	26
Universitário	23	46	29	58
SENAI	15	30	-	-
SENAC	1	2	6	12
Outro	1	2	-	-
Total	50	100	50	100

4. PEREIRA, op. cit. p. 35.

Quanto à escolha de profissão para os filhos e filhas, o resultado obtido segundo a Tabela 43, utilizando a mesma hierarquia de profissões já empregadas neste estudo, ou seja, não qualificadas, de nível inferior de qualificação, ocupações de nível médio e de nível superior, os entrevistados manifestaram-se equilibradamente entre os três níveis. Doze dos respondentes (24%) indicaram profissões de nível inferior de qualificação para os filhos do sexo masculino e quatro deles (8%) escolheram este nível de ocupação para as filhas. Em relação às profissões de nível médio nove dos pais ou responsáveis (18%) as indicaram para os filhos e 25 deles (50%) fizeram a mesma escolha para as filhas, revelando uma maior incidência que em relação aos rapazes. Quanto às profissões de nível superior as indicações foram feitas por 13 respondentes (16%) para os filhos do sexo masculino, enquanto que para as filhas oito dos pais ou responsáveis (16%) inclinou-se por este nível de profissão.

Ainda, evidencia-se uma tendência por parte dos respondentes, no sentido de possibilitar que a escolha de profissão seja de responsabilidade dos próprios filhos, uma vez que 16 dos pais ou responsáveis (32%) se manifestou neste sentido com relação aos filhos rapazes e 15 deles (30%) para as filhas.

Comparando a indicação feita pelos respondentes quanto à escolha profissional para os filhos com a expectativa do nível de escolaridade a ser cumprido, observa-se uma discrepância dos dados uma vez que 13 dos respondentes (26%) indicaram profissões que exigem curso superior, enquanto que na indicação de curso 23 dos respondentes (46%) apresentou expectativa de conclusão do curso universitário, o que pode ser comprovado a-

través dos dados das Tabelas 42 e 43.

Isto parece indicar que os respondentes desconhecem que profissões exigem curso superior, ou ainda desconhecem a natureza do curso universitário.

É como se de certa forma fosse um sonho o curso universitário, mas quando se apresenta um problema concreto de trabalho, o sonho desaparece e surge a realidade. O mesmo fenômeno ocorreu em relação à escolha de profissão para a filha, visto que 16% das profissões escolhidas exigem formação universitária obrigatoriamente, e em relação à expectativa de cursos pelos pais ou responsáveis, há uma indicação em 58% para o curso universitário, conforme dados das Tabelas 42 e 43.

TABELA - 43

Profissão que o pai ou responsável escolheria
para os filhos.

Nível de Profissão	Profissão escolhida	Para filhos do sexo masculino		Para filhos do sexo feminino	
		N	%	N	%
Nível inferior de qualificação	Mecânico	07	14	-	-
	Eletricista	02	4	-	-
	Pedreiro	02	4	-	-
	Torneiro mecânico	01	2	-	-
	Telefonista	-	-	02	4
	Costureira	-	-	02	4
Nível Médio	Bancário	03	6	-	-
	Marinheiro	01	2	-	-
	Militar	02	4	-	-
	Secretário	02	4	09	18
	Professor	01	2	13	26
	Enfermeira	-	-	01	2
Nível Superior	Médico	06	12	07	14
	Engenheiro	03	6	01	2
	Administrador	01	2	-	-
	Advogado	03	6	-	-
	Escolha do próprio filho ou filha	16	32	15	30
Total		50	100	50	100

Quanto à importância da escolaridade para os filhos foram obtidos os seguintes dados (vide tabela 44): 22 dos respondentes (44%) considera que a escola é importante para "garantir o futuro", 15 pais ou responsáveis (30%) a vê como capaz de proporcionar "bom emprego", nove deles (18%) consideram que a escola permite "ser alguém", três entrevistados como possibilidade de "melhor formação" e apenas um dos respondentes atribuiu à escola a possibilidade de atualização.

Desta forma, é possível perceber que a escola ocupa um espaço importante na visão da população considerada na amostra, no sentido da mobilidade social, pois para esta a escola oportuniza melhores salários através de bons empregos, ao mesmo tempo que desvela o indivíduo, oportunizando-o ser alguém.

TABELA - 44
Atribuição de importância à
escolaridade

Critério de atribuição de importância	N	%
Garantia de futuro	22	44
Bom emprego	15	30
Ser alguém	09	18
Melhor formação	03	6
Atualização	01	2
Total	50	100

Também foram coletados dados com relação à expectativa dos pais ou responsáveis quanto à qualidade do preparo escolar,

segundo o sexo dos filhos, sendo que esta amostra revelou uma tendência no sentido de que os homens precisam de melhor preparo escolar do que as mulheres, conforme Tabela 45, pois 28 respondentes (56%) optaram pela alternativa "só os homens", enquanto que apenas um respondente indicou "só a mulher precisa de melhor preparo escolar". Por outro lado, 20 entrevistados (40%) indicou que ambos igualmente precisam de melhor preparo.

Tal escolha demonstra, novamente, a falta de relação entre as respostas dos informantes, na questão da continuidade escolar, pois como se verificou anteriormente há maior indicação do curso universitário para as filhas, enquanto que em relação ao melhor preparo escolar a escolha tende a indicar os filhos.

Verificou-se também indícios de que se considera o homem como o responsável pela manutenção econômica da família, mantendo a tradição da família patriarcal. Comentários tais como os seguintes foram registrados durante a entrevista, embora não conste do roteiro do questionário, "a moça precisa é de um bom casamento", "nos dias de hoje, se o rapaz não estuda não mantém família".

TABELA - 45

Expectativa dos respondentes quanto à qualidade do preparo escolar, segundo o sexo dos filhos.

Sexo	N	%
Só o homem	28	56
Só a mulher	02	04
Ambos	20	40
Total	50	100

1.9 Utilização dos Meios de Comunicação e Bens Culturais.

Foram coletados dados, em relação a este tópico, quanto à leitura de jornais e revistas, audiência de rádio e televisão.

Quanto à leitura de jornais, um índice de 34 pais ou responsáveis (68%), declarou que costuma ler jornal, sendo que os demais, 16 respondentes (32%), não costuma fazê-lo. Entre os jornais mais citados verificou-se que a Gazeta do Povo e a Tribuna do Paraná, são os jornais mais lidos, enquanto que o Diário da Tarde, o Estado do Paraná e os religiosos são menos procurados pela população. (vide Tabela 46 e 47).

Como se pode observar, ganham prestígio significativo os jornais locais; não há citações de jornais de outras capitais brasileiras e nem jornais especializados ou técnicos. Para um estudo mais aprofundado seria necessário investigar quais as sessões mais lidas.

TABELA - 46

Indicação de leitura de jornal pelos pais ou responsáveis.

Leitura de jornal	N	%
Costumam ler um jornal	26	52
Costumam ler mais de um jornal	8	16
Não lêem jornal	16	32
Total	50	100

TABELA - 47

Indicação do jornal lido.

Jornal lido	N	%
Tribuna do Paraná	17	37
Gazeta do Povo	22	48
Diário da Tarde	1	2
Estado do Paraná	5	11
Religiosos	1	2
Total	46	100

Em relação à leitura de revistas, 23 dos informantes (56%) afirmaram que costumam procurar esta fonte de informação, enquanto que os outros 22 informantes (44%) não têm por hábito efetuar este tipo de leitura. Os tipos de revistas mais lidos, por ordem decrescente, são as fotonovelas indicadas por 15 informantes, seguida das informativas (Veja, Visão, Manchete), sendo que as religiosas, infantis e de esportes tiveram menor número de indicação. Não foram citados outros tipos de revistas. (vide Tabela 48 e 49).

Comparando os dados relativos à leitura de jornal e revista, verificou-se que um maior número de informantes lê jornal do que lê revista.

TABELA - 48

Indicação de leitura de revista pelos pais ou responsáveis.

Leitura de revista	N	%
Costuma ler revista	28	56
Não costuma ler revista	22	44
Total	50	100

TABELA - 49

Tipo de revista lido

Tipo de revista	N	%
Esportes	04	11
Informativa	09	24
Fotonovela	15	39
Religiosa	05	13
Infantil (quadrinhos)	05	13
Total*	38	100

*Seis pais indicaram mais de uma revista.

Quanto à audiência de rádio e televisão, constatou-se que a grande maioria dos participantes do estudo, isto é, 45 deles (90%) costuma utilizar-se destes meios de comunicação, sendo que apenas uma minoria de cinco dos entrevistados (10%), responderam que não escuta rádio e nem assiste televisão por motivos religiosos. (vide Tabela 50).

A indicação de programas de rádio pelos entrevistados, incidiu, mais significativamente para os musicais, seguidos de outros tais como "Luiz Carlos Martins", noticiário policial e com menor número de referência os religiosos, sertanejos e de futebol.

Quanto à indicação de programas de televisão mais assistidos, a população se manifestou significativamente favorável à novela, noticiário e filme. Sendo que outros programas como "Sílvio Santos", desenho, "J. Silvestre", humorísticos, tiveram menor indicação. Foram ainda citados os programas "Paraná aqui e agora", "Fantástico" e "Sítio do pica-pau amarelo". (vi-

de Tabela 51).

TABELA - 50

Índice de audiência de rádio e televisão.

Indicação de audiência	N	%
Costuma ouvir rádio e TV	45	90
Não costuma ouvir rádio e TV	5	10
Total	50	100

TABELA - 51

Programas ouvidos ou assistidos no rádio e na
televisão, pelos informantes.

Programas ouvidos	No rádio	Na TV
	N	N
Musical	19	-
"Luiz Carlos Martins"	12	-
Policial	13	-
Religioso	05	-
Futebol	02	02
Noticiário	11	28
Sertanejo	06	-
Novela	-	39
Filme	-	21
"Sílvio Santos"	-	07
Humorístico	-	03
Desenho	-	07
"J. Silvestre"	-	01
"Fantástico"	-	02
"Sítio do pica-pau amarelo"	-	01
"Paraná, aqui e agora"	-	02
Total*	68	113

* Vários informantes indicaram mais de um programa ouvido ou assistido no rádio e na TV.

1.9.1 Inferências em Relação à Utilização dos Meios de Comunicação Social

Pelo número de citações de programas sente-se que há maior procura da televisão que os demais meios de comunicação, em segundo lugar está o rádio, seguido pelo jornal e por último a revista. É interessante, pois sob ponto de vista econômico a aquisição de um aparelho de televisão é mais dispendiosa que a de um aparelho de rádio; já neste sentido corresponde a preferência pelo jornal nos meios de comunicação escrita, pois o jornal é mais barato que a revista, facilitando sua aquisição. Esta conclusão não é definitiva, pois outros fatores tais como divulgação, conteúdo, manuseio, linguagem, e ainda outros não citados, podem interferir nesta escolha.

Outro aspecto a ser considerado, pelo número de citações de jornais e revistas lidos, e mesmo pelo número de pessoas que os lêem, é baixa a utilização dos meios de comunicação escrita. Estes fatos podem estar relacionados à deficiência de instrução, falta de recurso econômico ou a hábitos culturais. Estes mesmos índices, foram encontrados, por Guazzelli e Consorte, conforme já se expôs no Capítulo III.

Comparando-se os dados apresentados no Capítulo III sobre audiência de televisão, os quais revelam que a população da região metropolitana assiste TV mais de uma hora por dia, e os dados da amostra pesquisada verifica-se que esta apresenta situação semelhante à daquela população.

Outra relação está na preferência pelas novelas tanto na televisão como nas revistas, que pressupõe-se ser motivada por:

- conteúdo de fácil compreensão, uma vez que as mensa-

sagens são concretas, o que não ocorre com o romance que exige uma melhor interpretação dada à utilização de uma linguagem e sintaxe mais apurada;

- fuga da realidade, pois tanto na fotonovela como na novela os problemas são resolvidos de forma mágica, a moça pobre casa com um homem rico etc.

Verificou-se também, a não citação de programas de rádio e TV relacionados à situação escolar, tais como: supletivo pela TV ou pelo rádio, ou mesmo outros programas de cunho estritamente informativo cultural. O mesmo ocorreu em relação ao tipo de jornal e revista mais lidos, uma vez que não houve citação a jornais que publicam com mais frequência suplementos científicos-culturais ou a revistas científicas.

1.10 Utilização de Livros

Todos os respondentes declararam possuir livros em casa, a maioria declarou possuir mais de dois tipos de livro, nenhuma família declarou possuir mais de quatro tipos de livro em casa.

A totalidade das famílias declarou que tem em casa livros escolares, sendo que a posse de livros religiosos também é significativa, pois 40 (80%) respondeu positivamente neste sentido, e em ordem decrescente foram indicados os romances, as histórias infantis, livros técnicos e outros. (vide Tabela 52)

Retomando os dados do Capítulo III, em relação ao número de livros de acordo com a renda da população, na região Metropolitana de Curitiba, verificou-se que o número de livros possuídos decresce paralelamente ao nível de renda, assim famílias que tem renda inferior, possuem menos livros que as de

melhor renda. No caso da amostra, considerando-se o total de livros possuídos (148), citados pelos entrevistados, deduz-se que a maioria não possui grande número de livros em casa, pois em média cada família possui apenas três tipos de livros.

Outro fato relacionado à posse de livros pela família, é a falta de livros dos alunos da escola em que se efetiva o estudo. Muitos dos alunos não têm os livros adotados pela escola, e também um bom número de alunos, para poder adquirí-los, compra os livros em prestação na cooperativa escolar.

TABELA - 52

Livros possuídos pela família.

Tipo de livro	N	% absoluta	% relativa ao nº de entrevistados
Escolares	50	34	100
Romances	20	13	40
Histórias infantis	19	13	38
Religiosos	40	27	80
Técnicos	10	7	20
Outros	09	6	18
Total	148		100

1.11 Síntese sobre a caracterização sócio-econômica-cultural da clientela.

As características sócio-econômicas e culturais da população que constituiu o estudo, podem ser focalizados em dois âmbitos: a situação da família e a situação específica dos filhos.

Em relação à situação da família, verificou-se que a maioria delas é regularmente constituída, uma vez que nelas encontram-se presentes pai, mãe e filhos. Grande parte delas possui uma prole reduzida, sendo que o pai é geralmente o chefe da família.

Quanto à situação econômica, verificou-se que as famílias dos respondentes possui baixa renda e atua em profissões não qualificadas ou de nível inferior de qualificação.

Há pouca participação direta da mulher na renda familiar, uma vez que a minoria delas exerce função remunerada fora do lar.

Constatou-se, também, que a maioria das famílias é estável e reside na Vila Nossa Senhora da Luz, praticamente desde a constituição do bairro.

Em relação aos aspectos culturais a população da amostra possui pouca escolaridade. Procura informações mais do gênero popular com predominância do pensamento mágico. Também, a preferência das famílias, quanto a programas de rádio e televisão, predomina em relação aos que apresentam conteúdo de fácil compreensão.

Quanto às expectativas das famílias em relação aos filhos verificou-se que os respondentes gostariam que seus filhos tivessem os mais altos graus de escolaridade. Esta expectativa é menos elevada em relação à profissionalização, pois a maioria deles citou profissões que exigem menor escolaridade.

Outra constação efetuada refere-se ao atendimento às condições da escola, que é respondida com mais frequência pela mãe.

Quanto aos filhos verificou-se que praticamente a meta-

de deles não frequenta a escola, bem como a grande maioria não continua seus estudos além do 1º grau, já que é elevada a desistência escolar. Constatou-se também que os filhos têm necessidade de trabalhar antes de atingirem a maioridade ou concluírem seus estudos, pois necessitam contribuir na renda familiar.

2 OPINIÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CONTEÚDO CURRICULAR DESENVOLVIDO NA ESCOLA

Este tópico trata dos resultados obtidos no levantamento das opiniões dos entrevistados sobre a importância do conteúdo de ensino desenvolvido escola.

Os índices obtidos das opiniões dos pais ou responsáveis se referem ao grau de importância atribuído aos conteúdos, aos que se voltam ao conhecimento e à execução e aos relacionados às áreas de estudo ou disciplinas conforme a determinação da Lei 5.692/71 e ou conteúdos inferidos das necessidades educacionais analisadas na pesquisa bibliográfica.

Foram também, levantadas as sugestões de conteúdos propostos, pelos pais ou responsáveis, independentes das proposições do roteiro da entrevista.

2.1 Atribuição de Importância aos Conteúdos.

Quando aos dados referentes ao grau de importância atribuída a cada conteúdo evidenciaram-se os seguintes resultados, que são apresentados na Tabela 52.

A totalidade dos pais ou responsáveis indicou como muito importante para ser ensinado na escola os conteúdos referentes a ler e falar corretamente, conservar a saúde, praticar hábitos de higiene e ser bem educado. Segue-se de perto a estes, com

uma indicação por 49 respondentes, os conteúdos, resolver problemas de matemática e praticar hábitos de boa alimentação.

Com menos indicações, mas ainda apontados como muito importantes pela quase totalidade dos respondentes, (90% ou mais), aparecem os conteúdos, conservar o meio ambiente, escrever corretamente, utilizar o dinheiro do salário, calcular juros e descontos, conviver com as pessoas, solicitar um emprego, conhecer as funções do corpo humano, praticar datilografia, praticar uma profissão na indústria, praticar religião, conhecer como funciona um escritório, uma loja, um banco e conhecer os direitos e deveres do trabalhador.

Registra-se ainda, com a mesma indicação de muita importância 35 ou mais dos respondentes (70% a 89%) os conteúdos: resolver as quatro operações, conhecer a "matemática moderna" e como funcionam as indústrias, cuidar de criança, praticar exercícios físicos, resolver os problemas da Vila Nossa Senhora da Luz, conhecer a composição e utilidade do ar e o tratamento e a composição da água, plantar e cultivar a terra, conhecer a agricultura e a pecuária, praticar uma profissão do comércio, conhecer as regras de gramática, conhecer a Vila Nossa Senhora da Luz, praticar esportes, cozinhar, conhecer como se desenvolvem as plantas, conhecer educação sexual, conhecer as novas descobertas científicas, preencher formulário, conhecer os fatos históricos do mundo, conhecer a formação do solo terrestre, conhecer o som, a luz o calor, a eletricidade, fundamentos de força e energia dos objetos.

Os demais conteúdos receberam menor número de indicação como "muito importante" por parte dos pais ou responsáveis. Com 26 a 34 ou mais indicações (50% a 69%) figuram os conteúdos re-

ferentes a conhecer os fatos geográficos do mundo, conhecer como vivem os animais, falar uma língua estrangeira, conhecer as regras de esportes, resolver equações, praticar desenho geométrico, costurar e bordar, escolher programas de televisão, ler jornais, desenhar e pintar.

Receberam indicações inferiores a 25 indicações (menos de 50%) como "muito importante" os seguintes conteúdos: cantar, representar como um ator, ouvir rádio, fazer discursos e ler romances.

Quanto à atribuição de grau "meio importante" a ser aprendido na escola, nenhum dos conteúdos recebeu acima de 23 indicações (mais de 46%).

Em relação ao grau "pouco importante" verificou-se que nenhum dos conteúdos apresentou mais de 21 indicações (mais de 42%).

Ainda quanto à indicação "não sei" aos conteúdos, os dados demonstram que nenhum deles recebeu além de 11 opiniões de pais ou reponsáveis.

Analisando os dados relativos ao grau de importância atribuído pelos respondentes a cada conteúdo em particular, é possível verificar que a grande maioria dos pais ou reponsáveis atribui o grau de muito importante a um maior número de conteúdos.

Verificou-se também, discrepância entre dados relativos à caracterização geral desta clientela e a atribuição de grau de importância aos conteúdos relativos aos meios de comunicação pois na caracterização da comunidade a audiência de rádio e televisão apresentou um índice de 90%, e pela listagem dos programas ouvidos e assistidos, esta audiência é praticamente diária.

No entanto, é significativo o número de pais que tem por opinião não ser importante a aprendizagem, na escola, de como utilizar o rádio e a televisão.

TABELA - 53

Índices de importância, atribuídos pelos pais ou responsáveis, por conteúdos.

Conteúdos	Muito Importante		Meio Importante		Pouco Importante		Não sei	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Ler corretamente	50	100	-	-	-	-	-	-
Falar corretamente	50	100	-	-	-	-	-	-
Conservar a saúde	50	100	-	-	-	-	-	-
Praticar os hábitos de higiene	50	100	-	-	-	-	-	-
Ser bem educado	50	100	-	-	-	-	-	-
Resolver problemas de matemática	49	98	1	2	-	-	-	-
Praticar hábitos de boa alimentação	49	98	1	2	-	-	-	-
Conservar o meio ambiente	48	96	2	4	-	-	-	-
Escrever corretamente	48	96	2	4	-	-	-	-
Utilizar o dinheiro do salário	48	96	2	4	-	-	-	-
Calcular juros e descontos	47	94	3	6	-	-	-	-
Conviver com as pessoas	47	94	3	6	-	-	-	-
Solicitar um emprego	47	94	2	4	-	-	1	2
Conhecer as funções e partes do corpo humano	46	92	4	8	-	-	-	-
Praticar datilografia	46	92	4	8	-	-	-	-
Praticar uma profissão da indústria	46	92	4	8	-	-	-	-
Praticar religião	45	90	5	10	-	-	-	-
Conhecer como funciona um escritório, uma loja, um banco.	45	90	4	8	1	2	-	-
Conhecer os direitos e deveres do trabalhador	45	90	4	8	1	2	-	-
Resolver as quatro operações	43	86	7	14	-	-	-	-
Conhecer a "Matemática Moderna"	43	86	7	14	-	-	-	-
Conhecer como funcionam as indústrias	43	86	7	14	-	-	-	-
Cuidar de criança	42	84	3	6	5	10	-	-
Praticar exercícios físicos	42	84	7	14	1	2	-	-

continua. . .

TABELA - 53

Índices de imp. . .

Conteúdos	. . . conclusão							
	Muito Impor- tante		Meio Impor- tante		Pouco Impor- tante		Não sei	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Resolver problemas da Vila Nossa Senhora da Luz	42	84	6	12	2	4	-	-
Conhecer a composição e utilidade do ar	41	82	9	18	-	-	-	-
Conhecer o tratamento e a composição da água	40	80	9	18	-	-	1	2
Plantar e cultivar a terra	40	80	10	20	-	-	-	-
Conhecer a agricultura e a pecuária	40	80	10	20	-	-	-	-
Praticar uma profissão do comércio	39	78	8	16	3	6	-	-
Conhecer as regras de gramática	38	76	9	18	1	2	2	4
Conhecer a Vila Nossa Senhora da Luz	37	74	8	16	5	10	-	-
Praticar esportes	37	74	11	22	2	4	-	-
Cozinhar	37	74	10	20	3	6	-	-
Conhecer como se desenvolvem as plantas	36	72	12	24	2	4	-	-
Conhecer educação sexual	36	72	12	24	2	4	-	-
Conhecer as novas descobertas científicas	36	72	12	24	2	4	-	-
Preencher formulário	35	70	11	22	1	2	3	6
Conhecer os fatos históricos do Brasil	35	70	11	22	2	4	2	4
Conhecer os fatos geográficos do Brasil	35	70	11	22	2	4	2	4
Conhecer os fatos históricos do mundo	35	70	11	22	2	4	2	4
Conhecer a formação do solo terrestre	35	70	12	24	2	4	-	-
Conhecer o som, a luz, o calor e a eletricidade	35	70	9	18	3	6	3	6
Conhecer fundamentos de força e energia dos objetos	35	70	10	20	3	6	2	4
Conhecer os fatos geográficos do mundo	34	68	12	24	2	4	2	4
Conhecer como vivem os animais	33	66	15	30	2	4	-	-
Falar uma língua estrangeira	33	66	11	22	4	8	2	4
Conhecer as regras dos esportes	33	66	13	26	4	8	-	-

continua. . .

TABELA - 53

Índices de imp. . .

. . . conclusão

Conteúdos	Muito Importante		Meio Importante		Pouco Importante		Não sei	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Resolver equações	33	66	5	10	1	2	11	22
Praticar desenho geométrico	32	64	16	32	2	4	-	-
Costurar e bordar	28	56	14	28	8	16	-	-
Escolher programas de televisão	28	56	13	26	7	14	2	4
Ler jornais	27	54	19	38	3	6	1	2
Desenhar e pintar	26	52	18	36	6	12	-	-
Cantar	21	42	19	38	10	20	-	-
Representar como um ator	19	38	19	38	12	24	-	-
Ouvir rádio	18	36	23	46	6	12	3	6
Fazer discursos	16	32	13	26	21	42	-	-
Ler romances	9	18	21	42	18	36	2	4

2.2 Opinião dos Pais ou Responsáveis quanto aos conteúdos relacionados a "saber" e a "saber fazer".

Tendo em vista as proposições do questionário indicarem conteúdos referentes a "saber-teórico" e a "saber-fazer", julgou-se oportuno analisar a diferença na atribuição destas categorias de importância entre os itens.

Desta forma, foram consideradas separadamente as atribuições de importância dos entrevistados aos 21 conteúdos relacionados ao "saber-teórico", ou seja, aos itens indicados como conhecer, e aos 38 conteúdos relacionados ao "saber-fazer", isto é, aos itens que têm como indicação uma execução imediata.

Na distribuição de respostas verificou-se que em média 38 pais ou responsáveis consideraram tanto os conteúdos relacionados ao "saber-teórico" como os relacionados ao "saber-fa-

zer" como muito importantes de serem aprendidos na escola, donde se conclui que os mesmos desejam que a escola ensine tanto o saber como o fazer (vide Tabela 54).

TABELA - 54

Grau de importância atribuído pelos pais ou responsáveis, aos conteúdos referentes ao "saber" e ao "saber-fazer"

Nível de importância	Conteúdos referentes ao "saber"		Conteúdos referentes ao saber fazer"	
	ΣF	M	ΣF	M
Muito importante	796	38	1 452	38
Meio importante	191	9	308	8
Pouco importante	40	2	78	2
Não sei	23	1	62	1
Total	1 050	50	1 900	50

ΣF = Somatória das atribuições de importância dos respondentes a cada grupo de conteúdos.

M = Média aritmética dos conteúdos por grau de atribuição de importância.

2.3 Opiniões dos Pais ou Responsáveis sobre os Conteúdos por Área de Ensino.

Outra forma de analisar as opiniões dos pais sobre os conteúdos é agrupando por áreas de ensino ou disciplinas, os quesitos propostos na entrevista.

Organizaram-se itens referentes aos conteúdos do núcleo comum: Língua Portuguesa, Ciências Físicas e Biológicas e Mate

mática, e Estudos Sociais; aos conteúdos relacionados ao Artigo 7º da Lei 5.692/71: Educação Artística, Programa de Saúde, Educação Física e Ensino Religioso; aos conteúdos ligados à sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho: Técnicas Industriais e Comerciais, Agrícolas e Industrial caseira, aos conteúdos optativos como: Língua Estrangeira Moderna e Desenho Geométrico e finalmente aos conteúdos não previstos no programa escolar.

Uma vez organizados, efetuou-se o cálculo da média aritmética da atribuição de importância pelos entrevistados a cada conteúdo que compõem estas áreas e a elas próprias.

Esse agrupamento das opiniões dos responsáveis, por Áreas de ensino evidenciou que a área em que ocorreu mais média de opiniões, foi o Núcleo Comum com 40,8, seguida de perto da área de Formação Especial com a média de 40,5 de indicações e do Art. 7º, com a média de 37,7. Em seguida foram apontados os conteúdos não previstos no currículo escolar com a média de 37,6 indicações. Por último foram indicados os conteúdos optativos, com a média de 32,5 indicações (vide Tabela 55).

Quanto a cada conteúdo, os resultados dos cálculos efetuados indicaram em primeiro lugar, com 46,5 de média, Língua Portuguesa e Programa de Saúde. Seguiu-se o conteúdo de Ensino Religioso, com média de 45 indicações seguido de perto por Técnicas Industriais com média de 44,5; o conteúdo subsequentemente indicado foi Matemática com média de 43 indicações seguido de Técnicas Comerciais com 42 de média. A estes segue-se o conteúdo de Técnicas Agrícolas com 40 de média como muito importante. Com médias inferiores a 40, estão os conteúdos não previstos no currículo escolar com 37,6 e de Ciências Físicas e

Biológicas e Educação Física, ambos com média de 37,5 indicações, depois os conteúdos de Estudos Sociais e Técnicas Industriais Caseiras com média de 36,5 e 35,5 de indicações respectivamente. Com menor número médio de indicação segue-se Língua Estrangeira Moderna com a média de 33 indicações e Desenho Geométrico com a média de 32. Finalmente Educação Artística que recebeu 22 indicações em média como conteúdo muito importante a ser aprendido na escola.

TABELA - 55

Número médio de atribuição de importância pelos pais ou responsáveis aos conteúdos e áreas de estudo.

Conteúdos e Áreas	Número médio de atribuição de grau de importância				Total
	Muito Importante	Meio Importante	Pouco Importante	Não Sei	
Língua Portuguesa	46,5	2,7	0,3	0,5	50
Matemática	43,0	5,5	0,5	1,0	50
Ciências Físicas e Biológicas	37,5	10,0	1,5	1,0	50
Estudos Sociais	36,5	10,0	2,0	1,5	50
Núcleo Comum	40,8	7,0	1,1	1,0	50
Educação Artística	22,0	18,5	9,5	-	50
Educação Física	37,5	10,5	2,0	-	50
Programa de Saúde	46,5	2,5	1,0	-	50
Ensino Religioso	45,0	5,0	-	-	50
Artigo 7º	37,7	9,1	3,1	-	50
Língua Estrangeira Moderna	33,0	11,0	4,0	2,0	50
Desenho Geométrico	32,0	16,0	2,0	-	50
Optativas	32,5	13,5	3,0	1,0	50
Técnicas Industriais	44,5	5,5	-	-	50
Técnicas Comerciais	42,0	5,0	3,0	-	50
Técnicas Agrícolas	40,0	10,0	-	-	50
Técnicas Industriais Caseiras	35,5	9,5	5,0	-	50
Formação Especial	40,5	7,5	2,0	-	50
Conteúdos não previstos no currículo escolar	37,6	8,2	3,5	0,6	50

2.4 Sugestões de Conteúdos Propostos pelos Pais.

Perguntados sobre o que consideravam importante ser aprendido na escola, além dos conteúdos propostos no roteiro da entrevista, os pais sugeriram os seguintes conteúdos a serem ensinados na escola; teatro, ler e escrever, enfermagem, instrumentação musical, educação ambiental, tecelagem, trabalhos manuais, pintura, música, datilografia, rezar, atletismo, respeito ao próximo, ser bem educado, lutar contra os tóxicos, técnico em eletricidade. Observa-se os seguintes aspectos nestas sugestões:

- reforço de alguns conteúdos que já constavam do rol da entrevista, tais como: ler, escrever, datilografia, ser bem educado;
- contraditoriamente, sugeriram conteúdos de Educação Artística que não foi considerada como muito importante a ser ensinada na escola no levantamento de conteúdo do roteiro da entrevista;
- interesse em cursos profissionalizantes.

Outros aspectos abordados pelos pais com relação ao conteúdo: (as proposições são textuais):

- "que se a escola ensina estes conteúdos é porque eles são necessários;"
- "os professores é que sabem o que é melhor ensinar na escola;"
- "que a escola ensine tudo o que for necessário para uma vida melhor;"
- "se os alunos aprenderem 10% do proposto, já é bastante;"
- "a escola é tudo de bom, na vida de uma pessoa;"

- "hoje em dia, ninguém pode ficar sem estudo."

Ainda, alguns pais fizeram as seguintes solicitações, ao final da entrevista:

- que a escola tivesse serviço médico e odontológico;
- que a escola tivesse aula o dia inteiro;
- que separassem a escola do Centro Social e Urbano;
- que a escola fornecesse material escolar.

CAPÍTULO VI

VI CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente capítulo apresenta as conclusões deste estudo, baseadas na pesquisa bibliográfica e na análise dos resultados da pesquisa de campo. Também sugere algumas medidas quanto a necessidades educacionais da população de periferia urbana, objetivando contribuir para o aprimoramento da prática e estudos sobre o currículo escolar.

Ressalta-se que o presente trabalho não esgota a questão; ao contrário faz parte de um processo de investigação, em vista do que os resultados obtidos não são definitivos, mas permitem rever e aprofundar o conteúdo estudado. Portanto, é considerando estas limitações que se apresenta as conclusões e recomendações que se seguem.

1 CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve por objetivo principal identificar as opiniões da clientela escolar da periferia urbana, em particular a da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, quanto a necessidades educacionais e conteúdos que devem compor o currículo escolar.

Desta forma, da análise dos dados obtidos, constatou-se que, segundo a opinião dos pais ou responsáveis dos alunos da Escola Municipal Albert Schweitzer, considerados na amostra, suas necessidades educacionais direcionam-se à aquisição de

conhecimentos básicos, que também podem ser entendidos como acesso ao saber elaborado que lhes permita tornarem-se capazes de analisar, criticar, criar, avaliar, decidir. Ressalta-se que este saber não deve ser entendido como conteúdo desvinculado da vivência concreta, passado dogmaticamente, sem análise e reflexão crítica, mas sim assumindo um caráter dinâmico abrangendo ao mesmo tempo o saber e o saber fazer.

Não se trata, também de um saber completamente novo, pois, como se verificou os pais atribuem grau de muita importância à grande maioria dos conteúdos do atual currículo.

A este respeito, Passos¹ obteve resultados semelhantes entre os pais dos alunos das séries e iniciais das escolas da periferia urbana de Curitiba.

Ainda neste sentido, é possível inferir que embora a população de periferia lute diariamente pela sua sobrevivência, sente necessidade de se apropriar do saber mais elaborado, que lhes sirva como um dos meios para a melhoria de sua condição de vida.

Desta forma, a escola deve "fazer alguma diferença sobre o modo como cada indivíduo vai realizar seu destino social."²

Verificou-se também que os pais possuem aspirações além de sua vivência diária, pois desejam que seus filhos venham a cursar o ensino superior. Atribuem, desta forma, grande valor a uma maior escolaridade. Infere-se que os pais corroboram a valorização sócio-econômica da escolaridade, entendida como a designação de melhores salários aos que possuem maior grau de esco

1. PASSOS, op. cit. p. 161/2.

2. NAMO DE MELLO, op. cit. p. 27.

laridade, conforme apontaram os dados obtidos nesta pesquisa.

Este abono à escolarização também foi evidenciado, em outro momento do estudo, quando os pais afirmaram que matriculam o filho na escola porque esta lhe garante um futuro melhor.

No entanto, apesar dos pais possuírem uma expectativa favorável a uma maior escolarização dos filhos, estes se evadem da escola ou não continuam seus estudos além do 1º grau, não se concretizando o desejo dos pais. Tal discrepância entre desejo e concretização propiciam questionamentos sobre o porquê desta defasagem. As questões vão desde as sociais, familiares e escolares.

No presente estudo, as deficiências sócio-econômicas e culturais parecem afetar significativamente este quadro. A respeito, evidencia-se que muito cedo os filhos necessitam contribuir para a renda familiar, do que resulta ser a maioria das desistências escolares motivadas por problemas financeiros. Ainda, neste sentido, a expectativa dos pais é de que seus filhos trabalhem enquanto estudam.

Cabe, portanto à escola questionar a estrutura, a prática, o currículo de modo a aproveitar ao máximo o tempo que esta clientela permanece na escola. Também, devem ser analisadas e avaliadas as variáveis intra-escolares que influenciam a desistência escolar. Tal avaliação deve se constituir numa ação constante de ajuda para o atendimento das necessidades educacionais destas populações.

Muitos estudos têm avaliado as disfunções na observância das necessidades educacionais das populações periféricas, mas sem que a prática e os resultados tenham sido mudados. É preciso que se efetivem as alterações para que de fato a esco-

la contribua mais positivamente na democratização do saber.

Foi possível também verificar, na análise dos resultados da pesquisa de campo, que quanto aos conteúdos propostos há pouca divergência entre as opiniões dos pais e a proposição curricular da Escola Albert Schweitzer.

Os conteúdos onde se manifestou maior concordância entre a opinião dos pais e a proposta curricular são os referentes ao Núcleo Comum (Comunicação e Expressão, Iniciação às Ciências e Estudos Sociais), especialmente quanto ao ensino da Língua Portuguesa, considerado tanto pelos pais, como pela proposta escolar como de suma importância.

Atribui-se tal convergência em função de que estes conteúdos são parte da vivência escolar, dos pais, pois já nas séries iniciais os mesmos são abordados no currículo escolar. Também, são conteúdos mais difundidos socialmente.

Também constatou-se semelhança entre a opinião dos pais e a proposta curricular quanto aos conteúdos de Língua Estrangeira Moderna e Desenho Geométrico. Os mesmos são considerados conteúdos complementares na proposição curricular, sendo que Desenho Geométrico está incluso no conteúdo de Matemática; e para os pais tais conteúdos são de menor importância para serem aprendidos na escola, muito embora em certo sentido a geometria e a língua estrangeira façam parte do cotidiano destas famílias. Não há, portanto, uma percepção acentuada destes conteúdos em sua vivência.

As divergências entre a opinião dos pais e a proposição curricular manifestou-se quanto aos conteúdos relacionados ao trabalho e à religião. Enquanto os pais atribuem muita importância aos mesmos, a escola, embora não os deixe de mencionar,

mantém estes conteúdos numa situação secundária. Estes conteúdos têm uma carga horária semanal menor e não interferem de modo decisivo na promoção do aluno, sendo que religião é de frequência optativa.

Possivelmente esta divergência está vinculada à vivência, pois para as famílias o trabalho e a religião são uma prática constante, enquanto que para a escola, mais preocupada com a transmissão do saber elaborado, tais conteúdos não são fundamentais.

Outra diferença entre a opinião dos pais e a proposta curricular se relaciona aos conteúdos enfatizados pelo Artigo 7º da Lei 5.692/71, como Educação Artística, Programa de Saúde, Educação Física, constatou-se que enquanto aos mesmos é atribuída no currículo o mesmo sentido de obrigatoriedade, para os pais tem maior importância Programa de Saúde, uma menor importância Educação Física e pouca importância Educação Artística, evidenciando que a saúde é uma necessidade fundamental para estas populações. No entanto, a percepção dos pais quanto à Educação Física não a vincula como uma das formas de conservação da saúde.

Quanto à Educação Artística, embora faça parte da sua vivência, não é vista "como conteúdo sério" a ser aprendido na escola.

Assim, a opinião dos pais, em relação aos conteúdos importantes e necessários a serem aprendidos na escola, não diverge frontalmente da atual proposição escolar. Portanto, para que a escola atenda melhor os anseios e necessidades da família, é fundamental que atribua maior valor aos conteúdos relacionados ao trabalho e aos vinculados à vivência como religião,

saúde.

Ressalta-se, ainda, as conclusões obtidas do resultado da análise quanto aos conteúdos levantados em pesquisa bibliográfica, que segundo a opinião dos autores são necessários, tais como utilização dos meios de comunicação, lazer, atualização científica. Atualmente, tais conteúdos não constam da prioridade do currículo levado a efeito pela escola igualmente a opinião dos pais é de que possuem pouca importância. No entanto, os dados evidenciam que a maioria das famílias utiliza, regularmente os meios de comunicação. Possivelmente, as famílias não percebem que os meios de comunicação têm grande influência em suas vidas. Também a pouca ênfase com que a escola os utiliza pode interferir na decisão da família sobre sua importância como conteúdos a serem aprendidos na escola.

Constitui-se, também, uma evidência neste estudo de que uma maior escolarização da população é uma meta a ser atingida, pois tanto nesta comunidade como em âmbito nacional a grande maioria dos habitantes não possui além das primeiras séries do 1º grau.

2 RECOMENDAÇÕES

As análises efetuadas neste estudo propiciam que se efetue algumas recomendações.

Evidencia-se que um currículo escolar está atendendo a necessidades da periferia urbana quando observar as necessidades sociais, econômicas, psicológicas, biológicas destas comunidades. Assim, deve abranger socialização, cultura, comunicação, ocupação e trabalho, atualização, cognição, psicomotricidade, afetividade, conservação da saúde e higiene. E é no sen-

tido de hábitos, habilidades, atitudes e comportamentos que estes conteúdos assumem maior importância. Esta recomendação apoia-se tanto na pesquisa bibliográfica como na opinião dos pais ou responsáveis.

Portanto, as escolas de periferia deveriam utilizar parte do conteúdo da vida diária como forma de ajudar as populações a desenvolver comportamentos, hábitos e habilidades valorizados socialmente.

Ainda, a utilização das experiências da vida diária permite a sistematização das mesmas possibilitando generalizações, estabelecendo assim, relações com situações do seu dia a dia.

Quanto às necessidades educacionais voltadas ao trabalho, sugere-se que a escola amplie a carga horária destes conteúdos, e mesmo amplie os projetos de iniciação profissional que já funcionam no período noturno da Escola Albert Schweitzer.

Também é possível que uma ampliação da carga horária semanal das disciplinas, com redução do número de anos da permanência do aluno na escola diminuísse a evasão escolar. Desta forma, a duração de oito anos do 1º grau seria diminuída, sem prejuízo dos conteúdos fundamentais, permitindo que o aluno concluísse em menos tempo sua escolaridade básica.

Talvez fosse oportuno que nas zonas periféricas se ofertasse classes de ensino supletivo nos períodos noturnos, possibilitando aos desistentes uma retomada de sua escolarização.

Ainda, a implementação de programas de recuperação de conteúdos com aplicação de técnicas e recursos audio-visuais, poderiam auxiliar aos alunos com maiores dificuldades de aprendi

zagem, permitindo-lhes maior sucesso escolar, evitando a reprovação e ou a evasão.

Outra recomendação se refere à participação efetiva dos pais no processo escolar, não como mero expectadores, ou para a simples comunicação dos resultados obtidos por seus filhos.

A participação efetiva envolve a possibilidade dos pais apontarem, discutirem, analisarem e avaliarem suas necessidades educacionais para que a escola possa adequar seu currículo contribuindo como um dos meios de melhoria da condição de vida de tais comunidades.

A participação através das Associações de Pais e Mestres é ainda muito restrita à arrecadação de verbas. Seria necessário que, as escolas mudassem esta política coletando e valorizando sugestões dos pais quanto ao funcionamento geral da escola.

Desta forma, seria possível uma troca efetiva entre a vivência e expectativa familiar e a praxis escolar, democratizando a relação escola-comunidade.

Ainda, considerando a análise, a interpretação dos dados coletados e as conclusões obtidas sugere-se também que se efetivem outras investigações a respeito das necessidades educacionais, em especial na periferia de Curitiba.

Entre os aspectos a serem pesquisados, sugere-se como são desenvolvidos os conteúdos curriculares, como ocorre o relacionamento entre os envolvidos no processo de ensino, os aspectos organizacionais e administrativos da instituição escolar, e outras situações escolares como recreação, merenda escolar.

Também sugere-se que os sujeitos de estudo possam se

constituir das demais pessoas envolvidas no processo escolar como professores e especialistas, alunos e pais desta e outras comunidades escolares, preferencialmente, desta capital. Tais estudos poderiam ultrapassar o caráter exploratório investigando hipóteses.

Estas investigações possibilitariam uma maior amplitude de informações e análises sobre a questão das necessidades educacionais para a melhoria da prática escolar, nos mais variados aspectos.

Ainda, recomenda-se que sejam efetivadas um maior número de pesquisas sobre a população periférica da região metropolitana e cidade de Curitiba, a respeito de outros aspectos que não os exclusivamente educacionais, tais como os psico-afetivos, sócio-econômicos-culturais, saúde e higiene, permitindo informações sobre o desenvolvimento infantil, relacionamento familiar e social, hábitos, atitudes, valores, habilidades, doenças mais freqüentes, alimentação, condição e posse de bens materiais, culturais, prática de lazer, esportes e atividades físicas, participação dos filhos nas atividades domésticas e renda familiar e muitos outros. Estas informações poderiam vir a se constituir num banco de dados sobre as populações periféricas. Assim, seria possível um conhecimento mais objetivo destas populações, possibilitando à escola um melhor planejamento e desenvolvimento da ação educativa, levando em consideração as necessidades e expectativas da família e dos próprios alunos.

É possível, ainda levantar como campo de investigação, a partir dos resultados deste estudo, os motivos subjacentes ao tipo de resposta que a população forneceu, como por exemplo a atribuição à grande maioria dos conteúdos como "muito impor-

tante" a serem aprendidos na escola.

ANEXO

Questionário de investigação da opinião dos pais de alu
nos sobre necessidades educacionais.

Senhor pai ou responsável:

Este questionário tem por objetivo saber o que o Sr(a)
considera necessário ser ensinado na Escola.

As respostas serão utilizadas como parte de uma pesqui-
sa sobre educação que venho realizando para sugerir melhoria
no atendimento fornecido pela escola.

Agradeço antecipadamente sua colaboração.

Curitiba, dezembro de 1983.

Joana Paulin Romanowski

1ª PARTE - CARACTERIZAÇÃO

1. Grau de parentesco com o aluno:

() pai () mãe () outro: _____

2. Tempo de moradia no bairro:

() menos de 1 ano () de 3 anos a 5 anos

() de 1 ano a 3 anos () mais de 5 anos

3. Ocupação:

a) qual a ocupação do pai: _____

b) qual a ocupação da mãe: _____

4. Salário total aproximado, que a família recebe:

() até 1 salário mínimo () de 3 a 4 salários mínimos

() de 1 a 2 salários mínimos () de 4 a 5 salários mínimos

() de 2 a 3 salários mínimos () mais de 5 salários mínimos

5. Complete:

a) Até que ano de escola o pai estudou:

b) Até que ano de escola a mãe estudou:

6. Complete:

Número de filhos: _____

7. a) Quantos filhos estão estudando? _____

b) Quantos estudam:

de 1ª a 4ª série: _____

de 5ª a 8ª série: _____

de 2º grau: _____

na universidade: _____

8. a) O Sr. tem algum filho ou filha que parou de estudar?
() sim () não
- b) Se a resposta foi sim, responda as questões abaixo.
- Quantos: _____
- O que fazem agora? _____
- _____
- Por que pararam de estudar? _____
- _____
9. Tem algum filho ou filha que concluiu:
- o 1º grau? () sim () não
- o 2º grau? () sim () não
- Outro curso? () sim () não
10. a) A sua família costuma ler jornais?
() sim () não
- b) Se respondeu sim, que jornais lê?
- _____
- _____
11. a) A sua família costuma ler revistas?
() sim () não
- b) Se respondeu sim, que revistas costuma ler?
- _____
- _____
12. a) A sua família possui algum tipo de livro em casa?
() sim () não
- b) Se respondeu sim, que tipo de livro possui? (assinale com X)
- () livros escolares
- () romances
- () livros de histórias infantis

- () livros religiosos
() livros técnicos e científicos
() outro tipo de livro:
13. a) A sua família ouve rádio?
() sim () não
b) Se respondeu sim, que programas costuma ouvir? _____

14. a) A sua família assiste a programas de televisão?
() sim () não
b) Se respondeu sim, que programas costuma assistir? _____

15. Quando seu filho ou filha tiver 18 anos gostaria que ele estivesse:
() só estudando
() só trabalhando
() trabalhando e estudando
() outros planos, quais? _____
16. Considera importante ou necessário que seu(sua) filho(a) estude?
() sim () não
17. a) Que curso o Sr(a) gostaria que seu filho estudasse
() 1º grau () SENAI
() 2º grau () SENAC
() Universidade () outro: qual? _____
- b) e sua filha?
() 1º grau () SENAC
() 2º grau () outro: qual? _____
() Universidade

18. a) Que profissão o Sr(a) gostaria que seu filho, venha a exercer? _____

b) E se for filha, que profissão gostaria que ela venha a exercer? _____

19. Na sua opinião quem precisa de mais estudo:

() o homem e a mulher igualmente

() o homem

() a mulher

2ª PARTE

No quadro abaixo há uma série de conteúdos que seu filho pode aprender na escola.

Na sua opinião eles são muito importante, meio importante, pouco importante ou não sabe, para que seu filho ou filha aprenda na escola.

	MUITO IMPOR- TANTE	MEIO IMPOR- TANTE	POUCO IMPOR- TANTE	NÃO SEI
1. ler corretamente				
2. falar corretamente				
3. escrever corretamente				
4. conhecer as regras da gramática				
5. ler romances				
6. ler jornais				
7. escolher programas de televisão				
8. ouvir rádio				
9. fazer discursos				
10. preencher formulário				
11. solicitar um emprego				
12. resolver as quatro operações				
13. resolver problemas de matemática				
14. conhecer a "Matemática Moderna"				
15. calcular juros e descontos				

	MUITO IMPOR- TANTE	MEIO IMPOR- TANTE	POUCO IMPOR- TANTE	NÃO SEI
16. resolver equações				
17. praticar desenho geométrico				
18. conservar a saúde				
19. praticar os hábitos de higiene				
20. conservar o meio ambiente				
21. conhecer como vivem os animais				
22. conhecer como se desenvolvem as plantas				
23. conhecer as funções e partes do corpo humano				
24. conhecer o tratamento e a composição da água				
25. conhecer a composição e utilidade do ar				
26. conhecer a formação do solo terrestre				
27. conhecer o som, a luz, o calor e a eletricidade.				
28. conhecer fundamentos de força e energia dos objetos				
29. praticar hábitos de boa alimentação.				
30. conviver com as pessoas				
31. ser bem educado				
32. conhecer os fatos históricos do Brasil.				
33. conhecer os fatos geográficos do Brasil				
34. conhecer os fatos históricos do mundo				
35. conhecer os fatos geográficos do mundo				
36. conhecer a Vila Nossa Senhora da Luz				
37. resolver os problemas da Vila Nossa Senhora da Luz				
38. falar uma língua estrangeira				
39. praticar exercícios físicos				
40. praticar esportes				
41. conhecer as regras dos esportes				
42. desenhar e pintar				

	MUITO IMPOR- TANTE	MEIO IMPOR- TANTE	POUCO IMPOR- TANTE	NÃO SEI
43. cantar				
44. representar como um ator				
45. praticar uma profissão da indús- tria				
46. conhecer como funcionam as in- dústrias				
47. plantar e cultivar a terra				
48. conhecer a agricultura e a pe- cuária				
49. praticar uma profissão do comér- cio				
50. conhecer como funcionam um escri- tório, uma loja, um banco				
51. praticar datilografia				
52. costurar e bordar				
53. cozinhar				
54. cuidar de criança				
55. praticar religião				
56. conhecer educação sexual				
57. conhecer as novas descobertas científicas				
58. conhecer os direitos e deveres do trabalhador				
59. utilizar o dinheiro do salário				

60. Além ou fora estas matérias, o que o Sr(a) gostaria que seu filho aprendesse na escola?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 BIRON, Alain. Dicionário das ciências sociais. Lisboa, Don Quixote, 1966.
- 02 BRANDÃO, Zaia. Democratização do ensino: meta ou mito? Rio de Janeiro, F. Alves, 1979.
- 03 BRUYNE, Paul de, HERMAN, Jacques & SCHOUTHEETE, Marc de. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. Rio de Janeiro, 1977.
- 04 CARNEIRO, Dorothy Gomes & LÜCK, Heloísa. Disfunções psicossociais do menor carente. Curitiba, Imprensa Oficial, 1981.
- 05 CLAPARÈDE, Ed. A educação funcional. 3 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1950.
- 06 DEWEY, John. Democracia e educação. 4 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979.
- 07 DOLL, Ronaldo C. El mejoramiento del curriculum. 2 ed. Buenos Aires, El Ateneo, 1974.
- 08 EBBY, Frederich. História da educação moderna. Porto Alegre, Globo, 1962.
- 09 EISNER, Eliot W. & WALLANCE, Elizabeth. Concepções conflitantes de curriculum. Trad. GARCIA, Consuelo & AL-CORTA, Louis. mimeo.
- 10 ESCOLA MUNICIPAL ALBERT SCHWEITZER. Regimento escolar. Curitiba, 1982.
- 11 FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, 7 jun./63, 24 mar./78, 27 dez./78, 29 jun./79, 32 fev./80, 33 mai./80.
- 12 FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IX Recenseamento geral do Brasil. Rio de Janeiro, 1982.
- 13 FUNDAÇÃO NACIONAL DO BEM ESTAR DO MENOR. "O menor - problema social" no Brasil. 1976.
- 14 _____. Programa nacional de voluntariado. Brasília, 1982. Documento.

- 15 GARCIA, Walter. Educação brasileira contemporânea. São Paulo, Mc Graw Will, 1978.
- 16 GERMANI, G. El concepto de marginalidade. Buenos Aires, Nova Vision, 1973.
- 17 GOODE, Willian J. & HATT, Paul D. Métodos em pesquisa social. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960.
- 18 GUAZZELLI, Ecléa. A criança marginalizada. Porto Alegre, Globo, 1979.
- 19 INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. Projeto CURA, 1979.
- 20 KAUFMAN, Roger A. Planificación de sistemas educativos. México, Trillas, 1973.
- 21 KELLY, Albert Vitor. O currículo. São Paulo, Harper & Row, 1981.
- 22 KELLY, William A. Psicología de la educación. Madrid, Morata, 1972.
- 23 KILPATRICK, William Heard. Educação para uma civilização em mudança. 8 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1970.
- 24 LEFTWICH, Richard H. O sistema de preços e a locação de recursos. 5 ed. São Paulo, Pioneira, 1979.
- 25 LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstron. Introdução ao estudo da escola nova. 12 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1979.
- 26 MYRA Y LOPES, Emílio. Psicologia geral. 3 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967.
- 27 NAMO DE MELLO, Guiomar. Magistério de 1º grau, da competência técnica ao compromisso político. São Paulo, Cortez, 1982.
- 28 OLIVEIRA, Therezinha de Freitas Rodrigues. Estatística aplicada à educação. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1974.
- 29 PASSOS, Maria Elizabeth, Miguel. Necessidades pedagógicas das crianças que frequentam as séries iniciais do ensino de 1º grau nas escolas de periferia. Curitiba, 1983. Dissertação.
- 30 PEREIRA, Luiz. A escola numa área metropolitana. 2 ed. São Paulo, Pioneira, 1976.
- 31 _____. Educação e sociedade. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.
- 32 PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro, Forense, 1969.

- 33 PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Relatórios estatísticos. 1979/1983.
- 34 _____. Currículo, 1979. mimeo.
- 35 REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. Rio de Janeiro, MEC/INEP 115: jul./set. 1969, 126: abr./jun./1972.
- 36 RUMMEL, J. Francis. Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação. Porto Alegre, Globo, 1974.
- 37 SOTO, Mario Leyton. Planeamiento educacional. Santiago, Chile, Universitaria, 1975.
- 38 TABA, Hilda. Elaboracion del curriculo. Buenos Aires, Troquel, 1974.
- 39 TEIXEIRA, Anísio Spinola. Educação e o mundo moderno. S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.
- 40 TYLER, Ralph W. Princípios básicos de currículo e ensino. 6 ed. Porto Alegre, Globo, 1976.